

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Doutorado em Texto, discurso e relações sociais



Tese

Do valor e entrelugar:

atividade da linguagem poética sob o ponto de vista
da antropologia histórica da linguagem

Aroldo García dos Anjos

Pelotas, 2025

Aroldo Garcia dos Anjos

Do valor e entrelugar:

atividade da linguagem poética sob o ponto de vista
da antropologia histórica da linguagem

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do
título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Daiane Neumann

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

A599d Anjos, Aroldo Garcia dos

Do valor e entrelugar [recurso eletrônico] : atividade da linguagem poética sob o ponto de vista da antropologia histórica da linguagem / Aroldo Garcia dos Anjos ; Daiane Neumann, orientadora. — Pelotas, 2025.

170 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Antropologia histórica da linguagem. 2. Leitura sistêmica. 3. Entrelugar. 4. Atividade da linguagem poética. I. Neumann, Daiane, orient. II. Título.

CDD 469.5

Aroldo Garcia dos Anjos

Do valor e entrelugar: atividade da linguagem poética sob o ponto de vista da antropologia histórica da linguagem

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 6 de agosto de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Daiane Neumann
(Orientadora)

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo.

Profa. Dra. Luiza Ely Milano

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Dra. Milena Hoffmann Kunrath

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Aulus Mandagará Martins

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*I will reach out
for your light
and grasp for the sky.*

*When raindrops fall
the blood in my veins
is filled with golden dust.
Raindrops fall
and the heart in my hands
is filled with golden dust.*

*Guide me the path
I will follow you
wherever you take me to.*

À minha mãe, Maria Tereza Garcia,
com quem aprendi os primeiros
sons, os primeiros dons, as mais
importantes letras.

Agradecimentos

À professora Daiane Neumann, pela generosa orientação. Às professoras Luiza Ely Milano, Maria Sílvia Cintra Martins, Milena Hoffmann Kunrath e ao professor Aulus Mandagará Martins, pela leitura e contribuição. Aos professores Jürgen Trabant e Hans Lösener, pelo diálogo.

À minha família. Aos meus amigos.

RESUMO: A presente tese parte da leitura de Henri Meschonnic (1982) das concepções de linguagem de Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, das quais se pode derivar uma antropologia histórica e, com isso, refletir sobre texto, discurso e poética. Nesse escopo, destaca-se a concepção de leitura sistêmica, como proposta por Hans Lösener (2006) com base no pensamento meschonnicuiano, que apresenta alternativas para a leitura e a abordagem crítica textual. Em suma, no âmbito da poética do ritmo meschonnicuiano, o interesse de pesquisa assume, como parte integrante dos estudos da linguagem, discussões de língua, de literatura, de leitura e de tradução. Desse modo, o trabalho encontra justificativa em fatores de ordem epistemológica, analítica e educacional, pois apresenta um horizonte de leitura, de reconhecimento e de interrogação das teorias e de suas relações, objetivando proceder à investigação de possibilidades críticas, abertas pela concepção de uma antropologia histórica da linguagem, e pedagógicas, fomentadas pela proposta de leitura sistêmica. Investiga-se, assim, uma abordagem de texto e discurso literário enquanto sistema, conforme a pressupostos da poética do ritmo (Meschonnic, 1982) e amparada em autores contemporâneos como Jürgen Trabant (1998), Ludwig Jäger (2010), Gérard Dessons (2006), Hans Lösener (2006), Chloé Laplantine (2008) e Daiane Neumann (2016), de modo a analisar a constituição do valor como entrelugar no texto literário através da atividade da linguagem poética. Para tanto, elege-se, como objeto de análise, um conto de Aldyr Garcia Schlee (1991, 1999) e um poema de Georg Trakl (1913, 2010), textos de caráter elíptico que, a despeito de sua aparente simplicidade de linguagem, tecem arrojadas redes significativas. Almeja-se, com isso, uma visada analítica sobre a obra literária que não esteja subordinada à crítica historicista, mas sim interessada na historicidade construída por cada poema e no caráter intersubjetivo do ato de leitura.

Palavras-chave: Antropologia histórica da linguagem. Leitura sistêmica. Valor. Entrelugar. Atividade da linguagem poética.

ZUSAMMENFASSUNG: Die vorliegende Dissertation basiert auf Henri Meschonnic's Interpretation der Sprachauffassungen (1982) von Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure und Émile Benveniste, aus denen sich eine historische Anthropologie ableiten lässt, die über Text, Diskurs und Poetik reflektiert. In diesem Zusammenhang ist das Konzept des systemischen Lesens hervorzuheben, wie es von Hans Lösener (2006) auf der Grundlage des Meschonnic-Denkens vorgeschlagen wurde, da es Alternativen für das Lesen und den kritischen Umgang mit Texten aufzeigt. Zusammenfassend lässt sich sagen, dass das Forschungsinteresse im Rahmen der Poetik des Rhythmus als integraler Bestandteil der Sprachstudien Diskussionen über Sprache, Literatur, Lesen und Übersetzung voraussetzt. Auf diese Weise wird die Arbeit durch erkenntnistheoretische, analytische und pädagogische Faktoren gerechtfertigt, da sie einen Horizont für das Lesen, das Erkennen und das Hinterfragen von Theorien und ihren Beziehungen aufzeigt, mit dem Ziel, kritische Perspektiven zu untersuchen, die durch das Konzept einer historischen Anthropologie der Sprache eröffnet werden, und pädagogische Möglichkeiten, die durch den Vorschlag des systemischen Lesens gefördert werden. Um die Konstitution des Wertes als Zwischenort im literarischen Text durch die Aktivität der poetischen Sprache zu analysieren, wird es ein Ansatz für den literarischen Text und den Diskurs als System untersucht, der auf den Voraussetzungen der Poetik des Rhythmus (Meschonnic, 1982) beruht und von zeitgenössischen Autoren wie Jürgen Trabant (1998), Ludwig Jäger (2010), Gérard Dessons (2006), Hans Lösener (2006), Chloé Laplantine (2008) und Daiane Neumann (2016) unterstützt wird. Zu diesem Zweck werden eine Kurzerzählung von Aldyr Garcia Schlee (1991, 1999) und ein Gedicht von Georg Trakl (1913, 2010) analysiert, Texte mit elliptischem Charakter, die trotz ihrer scheinbaren sprachlichen Einfachheit kühne Bedeutungsnetze weben. Dabei wird eine analytische Betrachtung des literarischen Werks angestrebt, die sich nicht der historizistischen Kritik unterordnet, sondern sich vielmehr für die von jedem Gedicht konstruierte Geschichtlichkeit und den intersubjektiven Charakter des Leseakts interessiert.

Schlagwörter: Historische Anthropologie der Sprache. Systemisches Lesen. Wert. Zwischenraum. Aktivität der poetischen Sprache.

RESUMEN: Esta tesis se basa en la lectura que hace Henri Meschonnic (1982) de las concepciones del lenguaje de Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure y Émile Benveniste, de las que se puede derivar una antropología histórica y, con ello, reflexionar sobre el texto, el discurso y la poética. En este contexto, destaca el concepto de lectura sistémica, propuesto por Hans Lösener (2006) a partir del pensamiento meschonnicuiano, que presenta alternativas para la lectura y el abordaje crítico del texto. En síntesis, en el ámbito de la poética del ritmo meschonnicuiano, el interés de la investigación asume, como parte integrante de los estudios lingüísticos, las discusiones sobre lengua, literatura, lectura y traducción. De este modo, el trabajo se justifica por factores epistemológicos, analíticos y pedagógicos, ya que presenta un horizonte de lectura, reconocimiento y cuestionamiento de las teorías y sus relaciones, con el objetivo de investigar las posibilidades críticas, abiertas por el concepto de antropología histórica del lenguaje, y pedagógicas, propiciadas por la propuesta de lectura sistémica. Se investiga así una aproximación al texto y al discurso literario como sistema, según los presupuestos de la poética del ritmo (Meschonnic, 1982) y apoyándose en autores contemporáneos como Jürgen Trabant (1998), Ludwig Jäger (2010), Gérard Dessons (2006), Hans Lösener (2006), Chloé Laplantine (2008) y Daiane Neumann (2016), para analizar la constitución del valor como entre-lugar en el texto literario a través de la actividad del lenguaje poético. Para ello, el objeto de análisis es un cuento de Aldyr Garcia Schlee (1991, 1999) y un poema de Georg Trakl (1913, 2010), textos de carácter elíptico que, a pesar de su aparente sencillez de lenguaje, tejen audaces redes de sentido. El objetivo es adoptar una visión analítica de la obra literaria que no se subordine a la crítica historicista, sino que se interese por la historicidad que construye cada poema y por el carácter intersubjetivo del acto de lectura.

Palabras clave: Antropología histórica del lenguaje. Lectura sistémica. Valor. Entre-lugar. Actividad del lenguaje poético.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: retrato da visita do Papa João Paulo II a Melo

Figura 2: retrato de estátuas de Kaspar Hauser

Figura 3: retrato de outra perspectiva das estátuas de Kaspar Hauser

Sumário

À GUIA DE INTRODUÇÃO	12
1 – A ANTROPOLOGIA HISTÓRICA DA LINGUAGEM	24
1.1 Considerações iniciais.....	24
1.2 Da antropologia histórica da linguagem.....	28
1.2.1 Da presença humboldtiana no pensamento saussuriano.....	43
1.2.2 Da presença humboldtiana no pensamento meschonniquiano	51
1.3 Considerações intermediárias	59
2 – A RECRIAÇÃO DA SEMIOLOGIA: RITMO E ATIVIDADE DA LINGUAGEM POÉTICA.....	61
2.1 Considerações iniciais.....	61
2.2 Da criação de uma nova semiologia por parte do poeta	62
2.3 Do ritmo e da atividade no que tange à criação poética.....	72
2.3.1 Do ritmo.....	75
2.3.2 Da atividade no que tange à criação poética	81
2.4 Considerações intermediárias	86
3 – A LEITURA SISTÊMICA: RASTROS E PERFORMATIVIDADE POÉTICA	88
3.1 Considerações iniciais.....	88
3.2 Leitura sistêmica	89
3.2.1 Valor, historicidade, atividade de linguagem, performatividade.....	95
3.2.2 Rastros interligados.....	105
3.3 Considerações intermediárias	112
4 – DE VALOR E ENTRELUGAR: ANÁLISES SISTÊMICAS	114
4.1 Considerações iniciais.....	114
4.2 De outro conto angustiante	116
4.2.1 Rastros interligados em “Padre Julio e o outro e os outros”	116
4.2.2 Considerações outras	133
4.3 De outro poema inquietante	134
4.3.1 Do mistério de “Kaspar Hauser Lied”	135
4.3.2 Considerações outras	149
4.4 Considerações intermediárias	153
À GUIA DE CONCLUSÃO	155
REFERÊNCIAS	161

À GUIA DE INTRODUÇÃO

A presente tese explora a noção de antropologia histórica da linguagem, derivada sobretudo de pensadores da linguagem de linha francesa e alemã, assim como de sua recepção brasileira. Tal perspectiva é um legado deixado por Henri Meschonnic (1982) e leva em conta que toda concepção de língua possui em si um alcance antropológico. O que forma o ser humano? Qual o papel da linguagem nessa constituição? De que modo isso que nos aproxima e nos torna uma comunidade também nos faz ser únicos e irrepetíveis? O que há de antropológico nos esquemas interpretativos? O que significa olhar para a leitura, para a literatura, para um conto, para um poema levando em consideração uma perspectiva radicalmente antropológica e histórica? Essas são algumas questões que podem ser levantadas a partir dessa problemática e que serão exploradas ao longo deste trabalho.

Para tanto, o método de abordagem de minha pesquisa é de ordem teórica e analítica, especialmente a partir da poética do ritmo, ou seja, da concepção crítica elaborada por Henri Meschonnic (1982) em sua recepção das obras de Wilhelm von Humboldt, de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste – vistos como pensadores da linguagem não redutora. Desde um ponto de vista antropológico e histórico da linguagem, caro à poética do ritmo, busco elementos para a compreensão da leitura enquanto constituição de valor, como poder significante na escuta do entrelugar da linguagem poética. Com isso, o presente trabalho encontra justificativa em fatores de ordem epistemológica, analítica e educacional, pois apresenta um horizonte de leitura, de reconhecimento e de interrogação das teorias e de suas relações, objetivando proceder à investigação de possibilidades críticas, abertas pela concepção da poética do ritmo, e pedagógicas, fomentadas pela proposta de leitura sistêmica, elaborada por Hans Lösener (2006) a partir do pensamento meschonniquiano. Busca-se, aqui, compreender o que fundamenta – em estudos atuais derivados

de uma linha de pensamento que passa por Humboldt, Saussure e Benveniste – uma perspectiva que leve em conta uma antropologia histórica da linguagem.

Por filiação a esse contínuo teórico, na presente tese, justifica-se um retorno fundamental a esses autores de base, observando implicações que nem sempre são óbvias ou mesmo discutidas. Não é irrelevante frisar que há um crescente interesse pela obra de Saussure no Brasil, sobretudo após a publicação dos *Escritos de Linguística Geral*, em 2003. Como argumenta Flores (2017), a recepção do *Curso de Linguística Geral*, de 1916, se deu entre os brasileiros de modo muito tardio e, também por isso, de modo muito diferente da francesa. Sua primeira edição brasileira se deu em 1970, a partir de uma leitura marcada por um estruturalismo que operava tanto com conceitos saussurianos quanto com bloomfieldianos. Já a tradução e a consequente recepção dos *Escritos de Linguística Geral*, em 2004, foram quase simultâneas à sua publicação na França. Isso implica em considerar que Saussure possui hoje um público no Brasil que resulta de uma recepção muito diferente, em diálogo mais intenso com a francesa. É observável, no entanto, que as Letras brasileiras ainda sofrem o efeito da leitura estruturalista de Saussure, apesar do grande número de publicações atuais que busquem um olhar mais amplo a respeito de seu pensamento.

Do mesmo modo, a obra de Benveniste teve sua recepção expandida no país: inicialmente, pelos estudos ligados à linguística da enunciação, dedicados sobretudo às noções de marcas de subjetividade na linguagem; atualmente, pelos estudos que apresentam sua reflexão em uma abrangência que se estende para além do intralinguístico¹. Tais estudos amparam-se, em especial, no texto *Semiologia da língua*, de 1969, no qual Benveniste anuncia possibilidades vindouras para os estudos da linguagem, ao propor uma semiologia de segunda geração, desde a qual vislumbra a “análise translinguística dos textos, das obras” (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 67). Além disso, no Brasil, o autor teve publicadas em livro, em 2014, suas últimas aulas no Collège de France e,

¹ Ver, por exemplo, Neumann & Flores (2020), publicação por ocasião do 3º Colóquio Leituras de Émile Benveniste, ocorrido em 2019 na Universidade Federal de Pelotas.

também, já são produzidos trabalhos acadêmicos a partir de seus manuscritos a respeito da linguagem literária, que vieram à lume na França em 2008.

No entanto, quanto a Humboldt, percebe-se que há pouca entrada do autor no Brasil, o que pode ser comprovado pelas poucas traduções de sua obra no país. Humboldt entra naquele rol de autores bastante citados em obras de referência, mas pouco lidos. Como Werner Heidermann observa, em sua introdução ao conjunto de textos traduzidos e publicados² em 2006 em *Wilhelm von Humboldt: Linguagem, Literatura, Bildung*, a recepção de Humboldt no Brasil se pautou, sobretudo, em sua teorização política. Em função disso, encontrávamos no país, até então, apenas a tradução de *Os limites da Ação do Estado*, onde começa a se delinear o conceito de *Bildung* (formação do ser humano). Suas discussões sobre linguagem, literatura e, até mesmo, sobre a *Bildung* permaneceram, no entanto, praticamente sem leitura no Brasil. Só recentemente, no ano de 2021, foi publicada³ no país a tradução de um conjunto de textos de Humboldt, organizados e zelosamente comentados por Jürgen Trabant, sob o nome *Ensaio sobre língua e linguagem*, que tratam especificamente do profícuo casamento entre a filosofia e a investigação linguística empírica. Ainda assim, apesar de sua pouca entrada no Brasil, Humboldt é frequentemente lembrado na área da Educação por sua concepção de um modelo de universidade. Além disso, na área das Letras, curiosamente, o autor acaba, no mais das vezes, por ser recordado por uma associação a Noam Chomsky⁴, como um predecessor deste, ou pela crítica reducionista de Volóchinov (Círculo de Bakhtin). Um estudo de fôlego é encontrado, porém, nos estudos de historiografia linguística⁵ ou acerca do relativismo linguístico⁶. Observa-se, ainda, em um âmbito mais restrito, o dos estudos benvenistianos⁷,

² Edição bilíngue alemão-português, publicada pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Edição bilíngue alemão-português, publicada pela editora da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Como demonstro no primeiro capítulo da presente tese, tal associação é detalhadamente refutada por Jürgen Trabant (2000, 2008).

⁵ Milani (1994, 2012).

⁶ Gonçalves (2008, p. 52-71).

⁷ Normalmente através da obra de Henri Meschonnic, por exemplo, em Neumann (2016) e Flores (2019).

o desejo de aproximação entre o pensamento humboldtiano e o de Benveniste. No entanto, no que toca à relação entre Humboldt e Saussure, predomina no Brasil algum silêncio, salvo exceções⁸.

No contexto brasileiro, a reflexão acerca da antropologia histórica da linguagem, como pensada por Henri Meschonnic (1982), aparece sobretudo através da poética do ritmo. Há uma quantidade razoável de trabalhos feitos no país a partir de Meschonnic⁹, da qual a maioria se dedica especificamente à tradução. Em bem menor quantidade, encontram-se propostas exclusivamente de análise literária, sem proposta de tradução. É de se observar, ainda, que nem todos os trabalhos possuem Meschonnic como o autor principal, visto que, em alguns deles, é convocado a um diálogo ou aparece como um complemento à discussão. Desse modo, a partir da crítica do ritmo, alguns trabalhos concentram a sua atuação diretamente em questões de tradução, enquanto outros buscam elementos para a análise textual. São possibilidades que se abrem a partir do pensamento meschonniciano. Quase não se encontra, contudo, uma discussão específica a respeito da noção de antropologia histórica da linguagem¹⁰. E, a partir dessa problematização, ainda não se constata uma reflexão específica a respeito de leitura desde o ponto de vista da antropologia histórica da linguagem aqui entre nossos conterrâneos.

Deste lugar e a partir da percepção desta falta, busco na recepção alemã de Meschonnic, através de Jürgen Trabant e de Hans Lösener, elementos para tratar dessa especificidade no presente trabalho. Desse modo, embora inserida nas discussões brasileiras da poética do ritmo, cuja base teórica é sobretudo francófona, a minha leitura de Meschonnic está diretamente influenciada pela perspectiva alemã, que resgata fortemente a presença de Wilhelm von Humboldt, o seu pensador de referência. É nesse ponto de diálogo que me encontro e busco contribuir para as discussões da área.

⁸ Flores (2021) propõe uma aproximação dos autores a partir de suas traduções para Agamêmnon, de Ésquilo, e dedica a essa relação dois capítulos.

⁹ Em uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, por exemplo, a partir da inserção do termo “Henri Meschonnic”, encontramos 13 teses e 30 dissertações.

¹⁰ Em Neumann, por exemplo, essa é uma discussão central, explicitamente tratada no capítulo “Em busca de uma antropologia histórica da voz” (2016, p. 59-93).

Esse ponto de vista antropológico e histórico da linguagem fundamenta as discussões dos projetos de pesquisa coordenados por Daiane Neumann na Universidade Federal de Pelotas, dos quais participei, chamados *Émile Benveniste e a abertura para uma antropologia histórica da linguagem* e *A poética da voz: questões de tradução*. Nesses projetos, entre outras questões de ordem teórica e crítica, analisamos, a partir da relação de indissociabilidade entre som e sentido, o ritmo em português. Também com o intuito de conhecer outros estudos prospectivos atuais na área, busquei interlocução com as discussões de Hans Lösener – que coordena na Universidade Pedagógica de Heidelberg¹¹ os projetos de pesquisa *Theorie und Praxis des hörenden Lesens*¹² e *Methodik und Didaktik der Textanalyse*¹³. Esses projetos ocupam-se, por exemplo, com estudos experimentais sobre a relação entre articulação, compreensão textual e leitura auditiva para o trabalho de texto orientado para a ação nas aulas de literatura e de leitura teatral.

Como acima evidenciado, enquanto professor de língua alemã, tradutor e investigador dos estudos da linguagem, interessei-me não apenas por discussões e autores de texto e discurso de linha francesa, mais difundidos no Brasil, mas também de linha alemã, de menor circulação no país. O percurso que me levou à poética do ritmo e, por fim, à sua recepção alemã teve início ainda em minha graduação em Letras – Alemão/Português.

Em meu trabalho de conclusão de curso¹⁴, sob orientação de Marlene Teixeira, investiguei teorias de leitura e propus, de modo bastante introdutório, a partir das considerações de Émile Benveniste (2005 [1976], 2006 [1976]), uma discussão a respeito de fundamentos para uma prática de leitura baseada na linguística da enunciação. Busquei, com isso, contribuir para a elucidação da relação entre linguagem, subjetividade e construção de sentidos no ato de leitura, apontando para o fato que este é por demais complexo para ser

¹¹ Pädagogische Hochschule Heidelberg.

¹² Teoria e prática da leitura auditiva.

¹³ Metodologia e didática da análise textual.

¹⁴ Ver: ANJOS, 2010.

enquadrado em um sistema de análise que não leve em consideração a reconstrução significativa do texto em seus processos de atualização.

Em minha dissertação de mestrado¹⁵, sob orientação de Daiane Neumann, trabalhei com a análise do tempo na obra *Satolep* (2008), de Vitor Ramil, sobretudo a partir das considerações de Émile Benveniste (2005 [1976], 2006 [1976]) e de Walter Benjamin (2008 [1923]), uma vez que, em *Satolep*, Ramil evoca a problemática da construção dos espaços a partir de um lugar subjetivo. Ao longo de minha dissertação, busquei realizar uma reflexão sobre o tempo que levasse em conta a sua dimensão enunciativa. A aproximação desses autores teve sua origem em Giorgio Agamben (2008), que, para propor o que denomina uma teoria da infância, se vale de suas reflexões pela forma como concebem a linguagem e como problematizam a noção de experiência, tomando-as como constituidoras do humano. Essa concepção muda a perspectiva das ciências humanas, pois, ao voltar-se ao singular, rompe com a tradição da ciência positivista, que busca ser totalizadora. Em meu trabalho, dei prosseguimento a essa aproximação proposta por Agamben (2008), aprofundando-a através da discussão sobre o tempo, pela forma como os autores o concebem: humano, histórico, subjetivo. Visto a partir dessa concepção de linguagem, o tempo só pode ser pensado a partir do presente, sendo indissociável da voz que o enuncia.

Nesse processo, não apenas Benveniste (2005 [1976], 2006 [1976]) como também Benjamin (2008 [1923]) me levaram a Wilhelm von Humboldt, por sua concepção de linguagem não instrumental, por sua crítica ao convencionalismo, por sua discussão sobre tradução, por seu entusiasmo pela diversidade das línguas do mundo. Paralelamente ao meu trabalho de mestrado, e por incentivo das discussões presentes nos grupos de pesquisa de Daiane Neumann, dei continuidade à leitura de Jürgen Trabant (2008), linguista alemão que tenho acompanhado na última década e que também alimentou meu interesse por Humboldt. Além de apresentar e discutir o pensamento humboldtiano, o autor estabelece vínculos fundamentais deste com Saussure e com Meschonnic, importantes para a presente tese. Como já citado, outro teórico da linguagem

¹⁵ Ver: ANJOS, 2020.

alemão que tomo como referência nessas aproximações é Hans Lösener (2006), cujo trabalho parte da recepção de Meschonnic, de Benveniste e de Saussure na Alemanha para, em diálogo com Humboldt, discutir questões de língua, literatura, leitura e encenação dramática. De Lösener, interessam-me, para este trabalho, sobretudo, as discussões prospectivas atinentes à leitura, à teoria e ao método da análise literária.

Desse modo, a seguir, descrevo o percurso teórico que realizo nesta tese. Como já anunciado, filio o presente trabalho àqueles que consideram as obras de Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste não restritas à análise intralinguística, valendo-se de suas reflexões sobre linguagem, cultura e sociedade para, no âmbito da poética do ritmo, fundamentar uma teoria discursiva. Baseio-me, para isso, em estudos a respeito da antropologia histórica da linguagem tanto em sua base francófona, nas elaborações de Henri Meschonnic (1982), quanto em sua extensão a estudos da linguagem em contexto germanófono, iniciados por Jürgen Trabant (1992). Para tanto, encontro apoio, ainda, em Gérard Dessons e Henri Meschonnic (2003), Gérard Dessons (2006), Hans Lösener (1997, 2006, 2021), Chloé Laplantine (2008) e Daiane Neumann (2016, 2022a).

Wilhelm von Humboldt é apontado por Meschonnic como o primeiro autor a de fato fazer uma antropologia histórica da linguagem. Seus fundamentos sustentam a teorização humboldtiana da linguagem, que, para alguns autores, se manifesta no pensamento saussuriano e, de forma consequente, desdobra-se na concepção de subjetividade em Benveniste e na noção de ritmo em Meschonnic. Por essa razão, e pela carência de discussões de maior fôlego a esse respeito no Brasil, trato da forte presença humboldtiana nas obras de Ferdinand de Saussure e do próprio Henri Meschonnic. Nesse sentido, encontro sustentação sobretudo na leitura de Jürgen Trabant (1992, 1998, 2005, 2008, 2016), que intermedeia a relação entre Humboldt e Meschonnic, a partir da qual busco elementos do pensamento humboldtiano que me permitam pensá-lo em sua reflexão de linguagem enquanto atividade concreta do homem, como *Energeia*¹⁶ – consideração fundamental para o campo teórico no qual se insere

¹⁶ Neste trabalho, optei por mantê-lo em escrita maiúscula, como dicionarizado atualmente em língua alemã. O termo é, no entanto, grego: *ἐνέργεια*).

o presente trabalho. Para tal intuito, além de Trabant, os escritos de Johannes Lohmann (1963), de Ludwig Jäger (1986, 2010) e de Hans Lösener (1997, 2006, 2021) são-me de enorme valia.

Base da poética do ritmo meschoniquiana, Émile Benveniste contribui para este trabalho sobretudo por sua reflexão acerca de uma translinguística, anunciada em *Semiologia da Língua* e vista em pormenor em seus manuscritos de investigação e análise literária, publicados por Chloé Laplantine em 2008, sob orientação de Gérard Dessons. Essa reflexão coloca em jogo a íntima relação da antropologia histórica da linguagem com a crítica do ritmo, a partir da qual já não é mais possível observar linguística e literatura separadamente. Com isso, desde uma perspectiva que leva em conta a singularidade da significância da arte e sua capacidade de interpretante da linguagem em geral, pode-se discutir a recriação da semiologia por parte do poeta e a atividade de sua linguagem poética. Para isso, coloco Laplantine (2008) e Lösener (2006) em diálogo, com foco específico na atividade da linguagem poética, e, por fim, na condição intersubjetivante do ato de leitura.

Tenho como ponto central de minha tese a leitura e metodologia de análise de obras literárias enquanto sistema, ou seja, intenciono pensar uma abordagem de texto e discurso via poética do ritmo. Por isso, procedo, com base nos teóricos mencionados e a partir dos trabalhos de análise de Hans Lösener (2006) e de Daiane Neumann (2016), à investigação de possibilidades que se abrem segundo a antropologia histórica da linguagem, para observar em que medida pode contribuir para estudos prospectivos sobre língua, literatura e tradução. Desse modo, na esteira da recepção do trabalho de Henri Meschonnic (1982) e do intenso diálogo de sua recepção em língua alemã iniciada por Jürgen Trabant (1992), destaco a concepção de *systemisches Lesen*, leitura sistêmica, como proposta por Hans Lösener (2006), que ampara a reflexão da presente tese a respeito da significância construída no entrelugar e fornece subsídios teóricos, críticos e analíticos para que possa transitar entre os diferentes autores e investigar a constituição discursiva do valor.

Ancorado na poética do ritmo, Lösener (1997, p. 139) argumenta que, ao silenciar-se a respeito dos problemas que a poesia levanta, a linguística “torna-se também surda às dimensões antropológicas que a poesia implica como uma

atividade linguística”¹⁷. Desse modo, com base em Meschonnic – portanto, em Humboldt, Saussure e Benveniste –, Lösener (2006) investiga o que denomina *systemisches Lesen* (leitura sistêmica), ou seja, uma concepção de leitura que escapa ao dualismo forma-conteúdo, integrando assim língua e literatura através de discussões de linguagem. Por essa razão, como será abordado no primeiro capítulo, o que chamo de “entrelugar” neste trabalho é, teoricamente, devedor da leitura sistêmica e, portanto, da poética do ritmo. Os trabalhos de Meschonnic (1982) e de Lösener (2006) nutrem, por assim dizer, o meu interesse pela questão da escuta do entrelugar, tanto no que concerne às áreas envolvidas, pela não separação entre estudos literários e linguísticos, quanto ao que diz respeito às relações significativas construídas em cada poema, como um espaço de constituição de valores que atravessam as unidades e configura-se como o terreno onde se dá a atividade discursiva poética.

Com base no acima exposto, investiguei, primeiramente, em meu trabalho, em que medida a antropologia histórica da linguagem, a qual Jürgen Trabant (1998) refere a Wilhelm von Humboldt em *Artikulationen. Historische Anthropologie der Sprache*, aproxima-se da que Henri Meschonnic (1982) e Gérard Dessons (2006) remetem às obras de Ferdinand de Saussure, de Émile Benveniste e de Wilhelm von Humboldt, em *Critique du rythme – anthropologie historique du langage* e em *Émile Benveniste, l'invention du discours*, respectivamente. Desse modo, assente no questionamento acerca de seus fundamentos, tive como objetivo posterior investigar de que modo essa concepção de linguagem afeta, em sentido prospectivo, o campo das pesquisas em língua e literatura, chegando, assim, aos trabalhos de Neumann (2016) e de Lösener (2006).

Desse modo, no primeiro capítulo, intitulado “A antropologia histórica da linguagem”, disserto a respeito da problemática e das implicações da antropologia histórica da linguagem, tomando-a como postura crítica e questionadora das reduções e apagamentos da dimensão constitutiva da linguagem nas ciências humanas. Para isso, tomo como centrais os trabalhos de

¹⁷ Tradução minha. No texto fonte de Lösener: “Dort, wo die Linguistik stillschweigend die Fragen übergeht, die die Dichtung aufwirft, wird sie auch taub für die anthropologischen Dimensionen, die die Dichtung als Sprachaktivität impliziert”.

Meschonnic (1982, 2010, 2017), de Trabant (1992, 1998, 2000, 2005, 2008, 2016, 2020a) e de Humboldt (1908 [1801-1802], 1995 [1836]), 2021 [1820-1831]). Como apoio teórico, conto ainda com as contribuições de Dessons e Meschonnic (2003), Dessons (2006), Neumann (2016), Benveniste (2005 [1976]), Lösener (1997, 2006, 2021), Lohmann (1963) e Jäger (1986, 2010). A partir desses autores, aproximo-me da obra de Wilhelm von Humboldt com maior propriedade, de modo a discutir a sua presença no pensamento de Ferdinand de Saussure e de Henri Meschonnic, nas seções 1.2.1 e 1.2.2, respectivamente, tendo em vista, contudo, a fundamentação da antropologia histórica da linguagem e sua importância para a poética do ritmo.

No segundo capítulo, intitulado “A recriação da semiologia: ritmo e atividade da linguagem poética”, verso a respeito da íntima relação da antropologia histórica da linguagem com a crítica do ritmo, a partir da qual pode-se discutir a recriação da semiologia por parte do poeta e a atividade de sua linguagem poética. Nesse sentido, faz-se sentir fortemente a presença teórica de Émile Benveniste que, em sua proposta translinguística, cuja reflexão acerca da significância da arte se oferece como um interpretante da linguagem, dá prosseguimento ao contínuo teórico humboldtiano-saussuriano. Para tanto, tomo como centrais os trabalhos de Benveniste (2005 [1976], 2006 [1976]), Laplantine (2008) e Lösener (2006, 2021). Encontro base, ainda, em considerações de Trabant (2005), Dessons (2006), Meschonnic (1982, 2010, 2017), Dessons e Meschonnic (2003) e Neumann (2016). Em especial, na seção 2.2, tomo o trabalho de Laplantine (2008) como o centro de discussão acerca da criação de uma nova semiologia por parte do poeta, enquanto, na seção 2.3, coloco em diálogo Laplantine (2008) e Lösener (2006) para a discussão específica da atividade da linguagem poética, que encaminhará o terceiro capítulo, dedicado à leitura sistêmica.

No terceiro capítulo, intitulado “A leitura sistêmica: rastros e performatividade poética”, busco, na proposta de *systemisches Lesen*, desenvolvida por Hans Lösener (2006) no âmbito da poética do ritmo, subsídios para análise textual que levem em conta a atividade da linguagem poética, dentro de uma perspectiva antropológica e histórica. Para isso, discuto uma concepção de leitura não restrita ao dualismo entre forma e conteúdo, pois privilegia o ato

intersubjetivo e a rede de rastros interligados que sustentam o texto e o particularizam, compondo um sistema e promovendo sua performatividade. Nesse sentido, trago observações de Lösener (2006) a respeito de sistema, de valor, de historicidade e de atividade de linguagem. Tal perspectiva é derivada de Henri Meschonnic (1982) e, por conseguinte, carrega elementos das obras de Wilhelm von Humboldt, de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste – autores que, por essa razão, serão revisitados. Após a definição de leitura sistêmica, discuto uma derivação analítica possível, intitulada *vernetzte Spuren*, a qual podemos chamar de *rastros interligados*.

No quarto capítulo, que forma a parte empírica do trabalho, intitulado “De valor e entrelugar: análises sistêmicas”, com base nas considerações teóricas que me levaram à *poética da voz*, em Neumann, e à *leitura sistêmica*, em Lösener, procedo à análise de um conto chamado “Padre Julio e o outro e os outros”, de Aldyr Garcia Schlee, e de um poema conhecido como “Kasper Hauser Lied”, de Georg Trakl. O corpus literário é formado por textos diferentes quanto a gênero, época e contextos culturais. No entanto, sua escolha se dá pelo fato de Henri Meschonnic (1982), em suas considerações e análises, não fazer distinção entre prosa e poesia, uma vez que considera poema todo texto que constrói seu próprio sistema poético e, assim, sua própria história. Pelas palavras de Meschonnic (1982, p. 392), “É o efeito da poesia sobre a teoria da linguagem, e o efeito da teoria sobre as práticas, para devolvê-las à sua aventura”¹⁸. Desse modo, em minha observação, acolhi textos de disposição díspar, preocupado antes com a construção de suas poeticidades que com o seu enquadramento prévio. Pelas insinuações de seu caráter elíptico, de sua aparente simplicidade que encobre uma complexa rede significativa a ser escutada, ambos os poemas escolhidos tornaram-se um desafio a ser enfrentado, um risco a correr. Cada um à sua maneira, os textos constroem os seus mistérios em entrelugares, na performance de seus próprios valores que compõem um sistema, cujo funcionamento pode ser percebido na escuta de séries significativas que deixam seus rastros, nem sempre evidentes.

¹⁸ Tradução minha. No texto fonte de Meschonnic: “C'est l'effet de la poésie sur la théorie du langage, et l'effet de la théorie sur les pratiques, pour les rendre à leur aventure”.

Ao findar esta investigação, pretendo ter contextualizado a concepção de antropologia histórica da linguagem, derivada de Henri Meschonnic, bem como seu desdobramento na recepção alemã, com Jürgen Trabant, evidenciando a relação de prosseguimento teórico-metodológico, raramente tematizada nas Letras brasileiras, entre Ferdinand de Saussure e Wilhelm von Humboldt. Além disso, espero ter apresentado e posto em diálogo com as pesquisas do país a concepção de leitura sistêmica, desenvolvida por Hans Lösener, como uma proposta que vai além das divisões entre forma e conteúdo e que pode contribuir, assim, tanto para análises de textos literários quanto para a reflexão acerca da leitura e do seu ensino. Espero, por fim, ter contribuído não apenas retrospectivamente, ao propor o diálogo teórico entre esses autores, como também prospectivamente, ao propor como entrelugar a percepção desse processo significativo que ocorre entre as unidades do discurso e que emerge como valor específico em cada sistema textual concreto.

Desse modo, a seguir, dou início à reflexão a respeito da antropologia histórica da linguagem, como pensada por Meschonnic (1982) e posta em diálogo por Trabant (1992), buscando elucidar os seus fundamentos e, por essa razão, afirmando a presença do pensamento humboldtiano nessa concepção.

1 – A ANTROPOLOGIA HISTÓRICA DA LINGUAGEM

Der Mensch ist nur Mensch durch die Sprache ¹⁹

(HUMBOLDT, 1905 [1820], p. 15)

1.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, revisito a problemática da antropologia histórica da linguagem, sua crítica ao signo e sua relação com o ritmo que abrem possibilidades para a discussão de uma recriação da semiologia através da atividade poética. Trata-se de uma reflexão maior sobre linguagem enquanto constituidora do ser humano, conforme a leitura de Henri Meschonnic (1982, 2010), de Gérard Dessons e Henri Meschonnic (2003) e de Gérard Dessons (2006), que concebem a noção de discurso como subjetivação, como processo de individuação, compreendendo a historicidade como algo inesperado, intempestivo²⁰, que irrompe nos entrelugares do discurso ao mesmo tempo em que o constrói.

De acordo com esse arcabouço teórico, que toma a obra de Henri Meschonnic (1982) como centro organizador, mas no âmbito dos estudos da linguagem em língua alemã, busco inspiração na proposta de leitura sistêmica, como concebida por Hans Lösener (2003) e da qual derivo a noção que nesta tese chamo de “entrelugar”. Lösener é leitor de Trabant e dialoga com a concepção antropológica e histórica da linguagem; é, portanto, continuador de

¹⁹ Tradução minha: “O homem só é homem através da língua”.

²⁰ Em Anjos & Neumann (2022), observamos o quão cara a Agamben, a Benjamin e a Meschonnic é a noção de intempestividade, que remete a *unzeitgemäße Betrachtungen* (*Considerações extemporâneas* ou *Considerações intempestivas*), de Friedrich Nietzsche. O adjetivo *unzeitgemäß* pode qualificar algo como anacrônico, arcaico, de ontem; mas, também, algo que está para além de seu tempo: extemporâneo. Refere-se, assim, a uma inadequação (*ungemäß*) ao tempo (*Zeit*), mas também a uma transcendência a este.

uma tradição que vai de Humboldt, Saussure e Benveniste a Meschonnic. Decorrente desse diálogo, compreendo por “entrelugar”, aqui, a constituição de valores que perpassa as unidades e na qual se faz a atividade discursiva – sempre intersubjetiva²¹, subjetivante. Esse espaço íntimo da sintagmatização²² e semantização²³, no qual ocorrem arranjos sempre de ordem particular, para pensarmos com Benveniste (2006 [1976]).

Pelo modo como a definem Dessons e Meschonnic (2003), a antropologia histórica da linguagem termina por ser, assim, um modo crítico de observação das sociedades humanas, que leva em consideração a sua construção pela linguagem, sempre em constante atualização²⁴. Nessa perspectiva, a teoria do ritmo de Meschonnic (1982) trata do empírico e refuta o dualismo, pois este, em sua necessidade de ordem e de enquadramentos seguros, opõe a linguagem à vida. Trata-se, pois, de uma teoria crítica inconclusa, porque “está aberta à historicidade da linguagem, da literatura e da teoria. Não a aplicações, mas a experiências”²⁵ (MESCHONNIC, 1982, p. 715, tradução minha²⁶). Consiste, assim, em uma teoria do *contínuo*, que se opõe a concepções formais e

²¹ Segundo Benveniste, cada instância de discurso constitui “um centro de referência interno” (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 84). É sob a condição da intersubjetividade, em um aqui e agora *sui referenciais*, que a língua-discurso constrói os sentidos particulares e possibilita que o homem se singularize.

²² No discurso, de acordo com Benveniste, o sentido não é dado previamente, uma vez que ele advém do processo de agenciamento particular das palavras, realizando-se na e pela forma do sintagma: “O sentido da frase é de fato a *ideia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 230, grifo do autor).

²³ Com sua condição evanescente, a frase é a própria expressão do discurso. Essa noção é intimamente ligada à de semantização, concernente à atualização dos signos no discurso: “[...] indo além das palavras, a ideia deve sofrer a restrição de leis de seu agenciamento; há aqui necessariamente uma mistura sutil de liberdade no enunciado da ideia e de restrição na forma deste enunciado, que é a condição de toda a atualização da linguagem (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 232).

²⁴ A respeito da noção de “atualização”, fundamental à teoria da linguagem benvenistiana, encontram-se discussões específicas em minha dissertação, sobretudo na subseção “O semiótico, o semântico e a atualização”. Ver: ANJOS, 2020, p. 73-80.

²⁵ “Elle est ouverte sur l'historicité du langage, de la littérature, de la théorie. Non sur des applications, mais sur des expériences”.

²⁶ Ao longo do presente capítulo, o leitor deparar-se-á com citações de obras em alemão e em francês que ainda não foram traduzidas no Brasil. Doravante, são minhas as traduções de Lohmann (1963), Trabant (1992, 1998, 2000, 2005, 2008, 2016, 2020a), Humboldt (1908 [1801-1802] e 1995 [1836]), Jäger (1986, 2010), Lösenner (1997 e 2006), Saussure (1967 [1931]), Meschonnic (1982), Dessons & Meschonnic (2003), Dessons (2006). Em notas-de-rodapé, disponibilizarei os textos fonte dos autores que traduzi.

universalistas da linguagem, uma vez que a compreende enquanto historicidade e particularidade, tomando o ritmo como modo de inscrição subjetiva no discurso e propondo uma crítica ética ao conceber a linguagem como o lugar onde o humano se constrói. Segundo Dessons e Meschonnic (2003, p. 38):

A nova teoria do ritmo deve reconhecer tudo o que também está na linguagem e que é da ordem do contínuo, entre o corpo e a linguagem, entre uma língua e uma literatura, entre uma língua e um pensamento: um conjunto de dispositivos significantes que são semânticas do contínuo²⁷.

A nova concepção de ritmo proposta por Meschonnic (1982) põe em crise a representação do signo, que é da ordem do discreto, do semiótico, ou seja, do pré-determinado, de uma anterioridade à experiência de linguagem. De acordo com Dessons e Meschonnic (2003, p. 38), isso que “afeta nossa concepção de linguagem, sociedade e indivíduo humano, e suas relações, encontra-se implicado, positiva ou negativamente, mas necessariamente, na natureza concreta de cada análise do ritmo”²⁸. E, nesse sentido, a arte mostra-se como espaço privilegiado enquanto interpretante crítico, pois “A poesia está presente na teoria como uma parte não dita. É o ritmo da crítica do ritmo, já que a teoria, assim como a poesia, só é possível com o desconhecido”²⁹ (MESCHONNIC, 1982, p. 715).

Considerando a linguagem como o espaço fundamental da constituição humana, e com vistas a melhor discutir a sua problemática antropológica e histórica, delineio a presente exposição segundo uma reflexão de Gérard Dessons (2006), desenvolvida em *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Na subseção “Une sémantique de l'art”, o autor discute a noção de arte no

²⁷ “Ce que la théorie nouvelle du rythme doit reconnaître, c'est tout ce qu'il y a aussi si dans le langage et qui est de l'ordre du continu, entre le corps et le langage, entre une langue et une littérature, entre une langue et une pensée : un ensemble de dispositifs signifiants qui sont des sémantiques du continu”.

²⁸ “(...) touche à la fois à la conception qu'on a du langage, de la société, de l'individu humain, et de leurs rapports, se trouve impliqué, positivement ou négativement, mais nécessairement, dans le concret de la moindre des analyses de rythme”.

²⁹ “La poésie est présente dans la théorie comme une part non dite. C'est le rythme de la critique du rythme, puisque la théorie, comme la poésie, ne se fait qu'avec l'inconnu”.

pensamento de Émile Benveniste e a extensão de sua reflexão em direção ao texto poético – tendo em vista o quanto a literatura contribui para a sua reflexão geral de linguagem. Dessa discussão, destaco, inicialmente, a concepção do poeta como criador e o olhar sobre a dimensão artística da linguagem, sobre “o lugar onde o valor se constitui”³⁰ (DESSONS, 2006, p. 200). Essa constituição discursiva, a emergência dessa significação, é vista aqui, na presente tese, como entrelugar, como espaço radical de subjetivação do valor – a partir da qual podemos pensar em processos poéticos de recriação semiológica³¹. Derivada da poética do discurso meschoniquiana³², essa leitura da obra de Émile Benveniste, corroborada também por Hans Lösener (2006), Chloé Laplantine (2008) e Daiane Neumann (2016), coloca a subjetividade no centro da discussão sobre a obra literária, uma vez que a significação específica da arte é concebida como sempre algo de ordem particular.

Para pensar esse processo de recriação semiológica e refletir sobre as noções de ritmo e de atividade, no entanto, é preciso antes partir da concepção de antropologia histórica da linguagem, de suas implicações e de suas consequências. Desse modo, ao longo deste capítulo, será afirmada a importância de Humboldt para a concepção de uma antropologia histórica da linguagem, especialmente através de sua presença no pensamento saussuriano e meschoniquiano. Para tanto, trago nas subseções a seguir observações de Dessons e Meschonnic (2003), Meschonnic (1982, 2010), Dessons (2006), Neumann (2016), Benveniste (2005 [1976]), Lösener (1997, 2006, 2021), Trabant (1992, 1998, 2005, 2008, 2016, 2020a), Lohmann (1963), Humboldt (1908 [1801-1802], 1995 [1836]), 2006, 2021 [1820-1831]) e de Jäger (1986, 2010) a esse respeito.

³⁰ “le lieu où la valeur se constitue”.

³¹ A recriação da semiologia por parte do poeta é o tema central do segundo capítulo desta tese, sobretudo a partir de considerações de Chloé Laplantine (2008) a respeito dos manuscritos de Émile Benveniste acerca da linguagem poética.

³² Em linhas gerais, podemos falar de autores que repensam a noção de ritmo na linguagem a partir de Henri Meschonnic, tais como Gérard Dessons e Chloé Laplantine, na França; Hans Lösener, na Alemanha; Daiane Neumann e Maria Sílvia Cintra Martins, no Brasil.

1.2 Da antropologia histórica da linguagem

Minha inquietação inicial, para a investigação sobre os fundamentos de uma antropologia histórica da linguagem, deu-se via recepção da obra de Émile Benveniste. Ao trabalhar com autores que tomam sua obra de modo não restrito a análises intralinguísticas, como Neumann (2016), deparei-me com essa proposta em *Émile Benveniste: l'invention du discours*, de Gérard Dessons (2006). Do mesmo modo, a busca pelos antecedentes da presente discussão me levou a Henri Meschonnic, que cunhou essa expressão em *Critique du rythme – anthropologie historique du langage*, vinculando-a a Benveniste. Ambos os autores argumentam que essa antropologia histórica da linguagem encontra suas raízes, no entanto, em Ferdinand de Saussure e em Wilhelm von Humboldt. Faz-se necessário, pois, revisitar fundamentos.

Em seu trabalho intitulado *Em busca de uma poética da voz*, Neumann busca uma concepção de oralidade de acordo com uma antropologia histórica da linguagem para, com isso, propor uma antropologia histórica da voz, pensando-a como elemento “mais íntimo, mais singular, mais subjetivo” (2016, p 80), em oposição aos estudos que a tomaram apenas como elemento fônico. Neumann (2016, p. 86-87) observa que Saussure buscou afastar-se do dualismo entre som e sentido, mas que, no entanto, autores subsequentes à sua obra tomaram a sua concepção de linguagem como língua, reforçando as separações. Por essa razão, a autora propõe pensar a construção de sentidos no âmbito do discurso, uma vez que vislumbrar as problemáticas da voz e da linguagem enquanto antropológicas e, portanto, indissociáveis do sujeito, permite-nos afirmar que “a voz é a organização do sujeito no discurso, o sentido é uma atividade do sujeito” (NEUMANN, 2016, p. 89). Trata-se, pois, de movimento: sujeito, sentido, ação.

Em entrevista concedida a Neumann e Oliveira, Dessons (2020) convida-nos a observar com mais atenção o subtítulo de *Critique du rythme*, obra de 1982 de Meschonnic. É preciso, pois, compreender o que levou o autor a chamar a crítica do ritmo de *anthropologie historique du langage* e considerar com

seriedade o termo *historique*. De acordo com Dessons, definir o homem pelo seu uso da linguagem é insuficiente, pois não nos leva a dizer nada de seu estatuto específico. É preciso ir além:

Isso pode ser explicado por uma metafísica da linguagem: Deus deu o verbo ao homem. Mas se pode propor também que o homem se constituiu historicamente como ser de linguagem, fazendo do uso da linguagem seu modo de individuação (DESSONS; NEUMANN; OLIVEIRA, 2020, p. 376).

Desse modo, uma antropologia histórica da linguagem teria por objeto a constituição do homem como ser de linguagem através do uso da linguagem, uso esse que garantiria o seu modo próprio de individuação, que Dessons também chamará de hominização: “Portanto, pode-se dizer, de fato, que a noção de discurso tal como é pensada por Benveniste, como um processo de subjetivação, implica a linguagem como um processo de hominização” (DESSONS; NEUMANN; OLIVEIRA, 2020, p. 376). Essa antropologia histórica da linguagem nasce, portanto, a partir da noção de discurso.

Em sua obra dedicada à crítica do ritmo, Meschonnic observa que “a investigação sobre o ritmo no discurso é conduzida a uma antropologia histórica da linguagem”, uma vez que “o que concerne à poesia tem a ver com a teoria geral da linguagem e, portanto, com o sujeito, o político e a história”³³ (1982, p. 44). O autor precisa, a seguir, cada um dos termos presentes nessa denominação:

Estes três termos são necessários uns aos outros. *Antropologia* indica a amplitude dos problemas da linguagem que subentende ou censura qualquer estudo que pretenda legitimamente, e mesmo efetivamente, dentro dos limites que se impõe, ser uma ciência descritiva e regional. Mas à custa duma supressão de questões que a teoria da linguagem, distinta da linguística, mas com ela relacionada, retira à filosofia. *Histórico* indica a necessidade de arrancar a antropologia da sua história filosófica, e recorda o desafio fundamental das ciências da sociedade. *Linguagem* indica que o esquecimento das ciências da

³³ “Parce que ce qui touche à la poésie touche à la théorie générale du langage, et par là au sujet, au politique, à l'histoire, une recherche sur le rythme dans le discours est conduite à une anthropologie historique du langage”.

sociedade é a teoria da linguagem: as teorias da sociedade esquecem a teoria da linguagem; as linguísticas, estrutural, gerativa, esquecem a sociedade. Ou, como a sociolinguística, aplicam termos diretamente políticos à linguagem. Procuo ver este esquecimento não como um descuido, mas como uma estratégia. A crítica do ritmo é apenas a estratégia inversa. Mas ela está apenas a começar³⁴ (MESCHONNIC, 1982, p. 44-45, grifos do autor).

Os termos são solidários e anunciam, em sua interdependência, a postura combativa às teorias que buscam biologizar, naturalizar, semiotalizar, universalizar a linguagem. Não se trata de uma busca por conciliação. Meschonnic anuncia com isso a crítica operada pelo ritmo, uma antropologia histórica da linguagem que parte de Humboldt, de Saussure e de Benveniste, e propõe-se a dar continuidade a esse trajeto. Voltemo-nos, assim, a considerações acerca da relação desses autores com a concepção de linguagem histórica e antropológica.

Em *l'invention du discours*, ao introduzir a questão da antropologia histórica da linguagem, Dessons (2006, p. 42) resgata em epígrafe uma afirmação de Benveniste a respeito do que separa o humano do animal, presente em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, texto publicado em 1963: “o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem” (BENVENISTE, 2005 [1976], p. 29). O trecho destacado por Dessons encontra-se exatamente no momento em que Benveniste argumenta que a faculdade simbólica no homem se realiza na linguagem e que, portanto, o pensamento não é “um simples reflexo do mundo” (BENVENISTE, 2005 [1976], p. 30), mas sim nasce junto com a linguagem, a qual considera “a expressão simbólica por excelência” (BENVENISTE, 2005 [1976], p. 30). Tal trecho é

³⁴ “Ces trois termes sont nécessaires l'un à l'autre. Anthropologie indique l'amplitude des problèmes du langage que sous-entend ou censure toute étude qui, légitimement, efficacement même, dans les limites qu'elle se fixe, se veut science descriptive et régionale. Mais au prix d'un refoulement de questions que la théorie du langage, distincte de la linguistique, mais en rapport avec elle, arrache à la philosophie. Historique indique la nécessité d'arracher l'anthropologie à son histoire philosophique, et rappelle l'enjeu fondamental des sciences de la société. Langage signale que l'oubli des sciences de la société est la théorie du langage : les théories de la société oublient la théorie du langage; les linguistiques, structurale, générative, oublient la société. Ou plaquent, comme la sociolinguistique, des termes directement politiques sur le langage. J'essaie d'envisager cet oubli non comme une inadvertance, mais comme une stratégie. La critique du rythme n'est même que la stratégie inverse. Mais elle ne peut que commencer”.

altamente saussuriano em suas convicções, uma vez que simbólico, aqui, refere-se a signo, como pode-se constatar mais uma vez adiante:

É por isso que o símbolo linguístico é *mediatizante*. Organiza o pensamento e realiza-se numa forma específica, torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, e não por meio de um sinal como um grito modulado; realiza-se numa determinada língua, própria de uma sociedade particular, não numa emissão vocal comum à espécie inteira (BENVENISTE, 2005 [1976], p. 30).

Desse modo, Benveniste observa que, sem a íntima relação entre língua e pensamento, não haveria mesmo possibilidade de intersubjetividade. Aqui, de uma só vez, encontramos pontos fundamentais do contínuo teórico que parte de Humboldt a Benveniste via Saussure: tanto a relação da articulação da experiência humana quanto a da articulação dos sons distintos e significativos³⁵. Outro ponto fundamental dessa presença, neste parágrafo, é a consideração da realização em uma língua historicamente situada, pertencente a uma comunidade específica, não a uma universalidade, como pode ser cotejado no excerto a seguir, de *Natureza e constituição da língua em geral*³⁶:

O ser humano convive com os objetos principalmente, ou melhor, exclusivamente assim como a língua lho introduz, devido ao fato de que o sentir e o agir nele dependem de suas idéias. Pelo mesmo ato pelo qual tece a língua para fora de si, ele se enreda e isola no tecido da mesma e cada língua desenha um círculo ao redor do povo ao qual pertence, do qual ele consegue sair apenas na medida em que se passa simultaneamente para o círculo de uma outra língua. O aprendizado de uma língua estrangeira, por isso, deveria ser a conquista de um novo ponto de vista na maneira anterior de ver o mundo, e de fato o é até certo grau, pois cada língua contém toda a teia de conceitos e o ideário de uma parte da humanidade. Este resultado apenas não é sentido de maneira pura e completa porque a própria visão do mundo e da língua é sempre transferida para a língua estrangeira, em maior ou menor grau (HUMBOLDT, 2006 [1807], p. 149).

³⁵ Adiante, ao tratar da dupla articulação da linguagem, a partir de Trabant (2008), voltaremos a esse ponto com mais profundidade.

³⁶ *Natur und Beschaffenheit der Sprache überhaupt*.

Em Humboldt, essa relação entre linguagem e pensamento é, assim, dependente da língua, que medeia a percepção de mundo do homem e molda os objetos no pensamento. Além disso, cada língua concreta organiza de modo singular a experiência do mundo, produz uma visão de mundo (*Weltansicht*) própria, a partir da qual interagimos com tudo ao nosso redor. No entanto, essa mediação não é absolutamente determinante, pois o ser humano pode expandir os seus limites de linguagem, pelo contato com outra língua, por exemplo. Nesse sentido humboldtiano, Trabant observa que as línguas colore o pensamento à sua maneira, mas “não encerram o pensamento em camisas de força cognitivas, antes sim, ao falar, os falantes pensam para além da língua”³⁷ (2008, p. 17). Retomemos, com isso mente, a discussão a respeito de Benveniste.

Ao longo de seu livro, Dessons (2006) evidencia que, na concepção benvenistiana, a ressignificação é o que há de próprio do homem, uma vez que o sujeito de linguagem se constitui de enunciação a enunciação *à neuf*, de maneira sempre renovada, em um processo de reinvenção intimamente atrelado à historicidade da linguagem (DESSONS, 2006, p. 138). À vista disso, a linguagem é compreendida como agente, como atividade, e o processo de individuação é feito nela, não em um ponto externo: a linguagem é, pois, lugar e processo de subjetivação. Para retomar o artigo de Benveniste (2006 [1976], p. 31), “cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça”.

Dessons (2006, p. 142) observa que, em Benveniste, o fato de a teorização da linguagem e da subjetividade na linguagem dar-se no empírico do discurso implica em reforçar a ideia de que “a instanciação do sujeito se realiza *na e pela* linguagem, (...) como processo informante, operador de subjetividade”³⁸ (DESSONS, 2006, p. 143). Essa consideração trará consequências decisivas para o modo como se concebe a noção de intenção, uma vez que, em Benveniste, o intencionado (*intenté*), enquanto ato de

³⁷ “Die Sprachen schließen das Denken aber nicht in kognitive Zwangsjacken ein, sondern im Sprechen denken die Sprecher über die Sprache hinaus”.

³⁸ “Chez Benveniste, l’instanciation du sujet se réalise *dans et par* le langage, c’est-à-dire, on y insiste, dans le langage considéré comme procès informant, opérateur de subjectivité”.

significação, não escapa à historicidade. A intenção não está posta, assim, como uma essência a ser reconstituída. Trata-se antes de um processo que se confunde com a própria significação, pois, “em Benveniste, a noção de intenção não é legível fora de sua concepção de sujeito da enunciação como instanciamento linguística”³⁹ (DESSONS, 2006, p. 149). Assim, o par *na* e *pela* problematiza a linguagem em sua relação com a subjetivação: por ser da ordem da singularidade, ela é a manifestação da historicidade, de uma inventividade que não cessa de se reconstruir. Dessons destaca, dessa maneira, a relação constante da teoria da enunciação benvenistiana com a questão do sujeito, visto que a subjetividade é transversal às noções que fundamentam o pensamento do autor. Nesse sentido, subjetividade é a grande questão para sua teoria, que termina por trazer consigo a problemática do sujeito – pedra de toque da historicidade.

Em *Traité du rythme. Des vers et des proses*, livro publicado em 1998, Dessons e Meschonnic identificam a necessidade de interação entre a teoria da linguagem, da literatura e da arte, uma vez que percebem aí uma atividade bastante particular, tomando a historicidade como:

No plano da teoria da linguagem e da literatura, o estatuto contraditório entre uma dada situação histórica, que é sempre a circunstância de uma *atividade*, e a capacidade desta *atividade* de sair indefinidamente das condições de sua produção enquanto continua a ter uma *ação*, e de estar continuamente presente em novos presentes⁴⁰ (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 234, grifos meus).

Aqui, não há separação. Linguagem e literatura estão no mesmo escopo. Ambas fazem parte de um conjunto teórico que busca compreender o modo como o homem se implica no funcionamento da linguagem, tomando o poema como espaço de maior grau de subjetivação, de modo que sua ação, que é a de

³⁹ “La notion d’*intention* chez Benveniste n’est donc pas lisible en dehors de sa conception du sujet de l’énonciation comme instanciement linguistique”.

⁴⁰ “Sur le plan de la théorie du langage et de la littérature, le statut contradictoire entre une situation historique donnée, qui est toujours la circonstance d’une activité, et la capacité de cette activité à sortir indéfiniment des conditions de sa production en continuant d’avoir une action, et d’être continuellement présente à des présents nouveaux”.

uma atividade criativa, deixa-se sentir em outros presentes, produzindo efeitos em outros leitores. Isso que emerge e se deixa perceber no ritmo é chamado por Meschonnic de sujeito do poema, sujeito da arte, compreendendo “com isso uma subjetivação do discurso, num sistema do discurso. Não o autor” (MESCHONNIC, 2022a [2000], p. 30). Como pode-se constatar, os autores concedem à literatura um papel fundamental para a sua teoria da linguagem e concebem a noção de discurso como subjetivação, como processo de individuação, definindo a historicidade como “um elemento imprevisível”⁴¹, como “o elo e a matéria do valor”⁴² (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 234). Trata-se, pois, de uma atividade de presentificação, na qual sujeito e historicidade são indissociáveis.

Tal concepção é diretamente oposta ao que Dessons e Meschonnic (2003) denominam “historicismo”, que seria uma redução do sentido às suas condições de produção. A antropologia é pensada, assim, como um olhar sobre a história das sociedades humanas através da “crítica do estatuto da linguagem nas atividades sociais e nas representações culturais”⁴³ (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 233). Dessons (2006, p. 14) observa, a partir disso, uma ciência do homem desenvolvida de acordo com o que confere às relações humanas um significado sempre renovado, tomando cada presente de fala como específico, criação sem fim, construção incessante. Assim, “a historicidade da linguagem faz com que a repetição não possa produzir o idêntico”⁴⁴ (DESSONS, 2006, p. 138).

A noção de historicidade torna-se, assim, pedra fundamental para a elaboração de uma poética, segundo Meschonnic (2010 [1999], p. 4), ao pensar em uma teoria de conjunto que, como efeito epistemológico, busca “precaver-se contra o cientificismo estruturalista-semiótico, agravada pela frouxidão epistemológica perpetuamente interessada em separar uma essência e uma história, para seu proveito, pela operação de pureza”. Meschonnic (2010 [1999],

⁴¹ “L’*historicité* est un élément imprédictible”.

⁴² “L’*historicité* est le lien et la matière de la valeur”.

⁴³ “[...] critique du statut du langage dans les activités sociales et dans les représentations culturelles”.

⁴⁴ “L’*historicité* du langage fait que la répétition ne peut y produire de l’identique”.

p. 5) observa que a poética é uma teoria crítica que se opõe ao paradigma dualista da teoria do signo, que não é “somente linguístico, mas filosófico, teológico, social e político”. O autor especifica sua abrangência:

A poética é uma teoria crítica no sentido em que ela se encontra como teoria de conjunto da linguagem, da história, do sujeito e da sociedade, e recusa as regionalizações tradicionais, mas também no sentido em que ela se funda como teoria da historicidade radical da linguagem. A tradução desempenha aí um papel maior (MESCHONNIC, 2010 [1999], p. 5).

Para Meschonnic (1982), prática e teoria retroalimentam-se, de modo que a tradução se impõe enquanto espaço crítico de experimentação, a partir do qual é possível pensar a teoria como um todo. Colocando a tônica em sua relação com o sujeito, Meschonnic define o ritmo como a historicidade do poema, ao considerar que “[a] primazia do histórico institui o ritmo como o tempo de um sujeito histórico, o tempo organizado e irreversível, a forma-sentido do específico”⁴⁵ (1982, p. 359). Trata-se de situar historicamente a poeticidade, considerando a historicidade da linguagem e do sujeito.

*

A respeito da íntima relação entre historicidade, linguagem e sujeito, amparado na obra de Meschonnic (1982, 1995), em artigo intitulado *Sprachtheorie als Anthropologie – vom Dualismus des Zeichens zur Pluralität des Geschichtlichen*⁴⁶, Hans Lösener observa que “toda teoria da linguagem é, ao mesmo tempo, uma teoria da linguagem e do homem, o início de uma antropologia”⁴⁷ (1997, p. 139). O autor defende que sua abrangência como antropologia depende da abrangência de sua teoria da linguagem, não sendo

⁴⁵ “Le primat de l'historique institue le rythme comme temps d'un sujet historique, temps organisé irréversible, forme-sens du spécifique”.

⁴⁶ *Teoria linguística como antropologia – do dualismo do signo à pluralidade do histórico.*

⁴⁷ “Jede Sprachtheorie ist zugleich eine Theorie der Sprache und des Menschen, der Anfang einer Anthropologie”.

indiferente, portanto, “se uma teoria da linguagem inclui a poesia em sua consideração ou se ela a exclui”⁴⁸ (LÖSENER, 1997, p. 139).

Assim, de modo meschoniquiano, Lösener estabelece relação direta entre o elemento antropológico e a consideração da arte literária, da linguagem poética em si, ao observar que, “[q]uando a linguística ignora tacitamente as questões levantadas pela poesia, ela também se torna surda às dimensões antropológicas que a poesia implica enquanto atividade de linguagem”⁴⁹ (1997, p. 139). O autor pontua que não apenas o estudo da linguagem, mas também a própria antropologia corre risco de se esgotar em um primado dualista do signo, quando se deixa reduzir ao signo, aos esquemas e à estrutura. A dissecação e a redução a um arcabouço de aspiração em padrões e universalizações atuariam como uma antiantropologia, como o esgotamento do caráter humano da linguagem. Nas considerações de Lösener, ecoam nitidamente as palavras de Meschonnic:

Temos da história a teoria que temos da linguagem, temos da linguagem a teoria que temos da história? Precisamos trabalhar a literatura do ponto de vista da linguagem, e a linguagem, sua prática e sua teoria, de um ponto de vista tal, que a literatura seja nela incluída, para que se façam cessar as inconsistências conhecidas; também me parece que há que se procurar se existe uma implicação necessária à prova de toda teoria da linguagem e do social, pela atividade do significante sujeito que ela implica – e o que uma sociedade faz da poesia mostra o que ela faz do sujeito [...] (MESCHONNIC, 2022b [2012], p. 123).

Há aí uma interdependência entre linguagem, história, literatura e sujeito – que fazem a mesma teoria, valorizando o antropológico e histórico. Por sua vez, uma linguística indiferente à escuta do sujeito seria uma antiantropologia. Segundo Lösener (1997, p. 139), ao voltar-se a esquemas seguros, a linguística “corre o risco de se tornar surda à questão da subjetividade cada vez única da linguagem, da diversidade cultural e da singularidade histórica, como elas vêm

⁴⁸ “Deswegen ist es nicht gleichgültig, ob eine Sprachtheorie die Dichtung in ihre Betrachtung einbezieht oder ob sie sie ausklammert”.

⁴⁹ “Dort, wo die Linguistik stillschweigend die Fragen übergeht, die die Dichtung aufwirft, wird sie auch taub für die anthropologischen Dimensionen, die die Dichtung als Sprachaktivität impliziert”.

a lume imediatamente na poesia e em cada poema individual”⁵⁰. A historicidade e a subjetividade não têm, pois, nada a ver com a imposição da métrica, por exemplo, posto que são *cada vez únicas – jedesmalig*, pelas palavras de Humboldt – assim como o discurso. Desse modo, a concepção de uma antropologia histórica da linguagem traria consigo, necessariamente, uma crítica do princípio do signo e de seu dualismo; seria, pois, a superação de uma antiantropologia através da consideração do humano e subjetivo da linguagem. A partir de Meschonnic (1982), essa superação far-se-ia através da crítica do ritmo. No tocante a essa crítica, Lösener cita Jürgen Trabant, introdutor da teoria crítica meschoniquiana na Alemanha, para quem “[o] pensamento de Humboldt sobre a linguagem realmente começa no momento em que ele critica a concepção semiótica tradicional da linguagem”⁵¹ (TRABANT *apud* LÖSENER, 2006, p. 12).

Um termo-chave para a compreensão da concepção de Humboldt é, portanto, o de *Energeia*, que foi sobretudo utilizado na introdução ao livro póstumo *Ueber die Kawi-Sprache auf der Insel Java*⁵², intitulada *Ueber die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*⁵³. Fazem-se necessárias, no entanto, algumas considerações a respeito deste termo, uma vez que o tempo lhe deu novos contornos significativos que levam, não raramente, a mal-entendidos⁵⁴.

Primeiramente, como observam Jürgen Trabant, Hans Theo Harden e Orlene Carvalho (HUMBOLDT, 2021, p. 8), ainda que esta seja a obra mais

⁵⁰ “Sie läuft Gefahr, taub für die Frage nach der jedesmaligen Subjektivität der Sprache, der kulturellen Vielfalt und der geschichtlichen Einmaligkeit zu werden, wie sie in der Dichtung und in jedem einzelnen Gedicht unmittelbar zutage treten”.

⁵¹ “Humboldts Sprachdenken beginnt eigentlich in dem Moment, wo er die traditionelle semiotische Auffassung der Sprache kritisiert”.

⁵² Sobre a língua kawi na ilha de Java.

⁵³ Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento do espírito.

⁵⁴ Apoio-me aqui na consideração de Johannes Lohmann (1963, p. 41-42) de que *Tätigkeit*, mesmo esclarecida por Humboldt com a palavra *Energeia*, raramente é compreendida. Segundo Lohmann (1963, 42), Humboldt não entendia a linguagem em si como energia ou força, mas sim como o “âmbito no qual e como o qual a ‘força espiritual’, que é peculiar ao homem, se realiza” (*der Bereich ist, in dem und als das die „geistige Kraft“, die dem Menschen eigentümlich ist, sich verwirklicht*).

importante de Humboldt e a mais discutida por filósofos da linguagem e linguistas, “essa concentração na introdução de Kawi não foi necessariamente uma bênção para a recepção de Humboldt”, pois “certamente também é seu texto mais inacessível, tanto em termos de estilo como de composição do todo”, o que causou uma “recepção estranhamente díspar” entre as áreas, promovendo uma visão incompleta do autor.

Além disso, segundo Johannes Lohmann (1963, p. 41), *Energeia*, como Humboldt utilizava, derivada de Aristóteles, não possui o sentido moderno que o termo adquiriu, ou seja, o de energia (*Energie*) ou força (*Kraft*). A linguagem para Humboldt é uma atividade (*Tätigkeit*), uma realização (*Verwirklichung*) ou, de modo ainda mais preciso, o realizar-se de uma possibilidade (*das sich-Verwirklichen einer Möglichkeit*). A seguir, observemos o contexto dessa definição:

A língua, compreendida na sua real essência, é algo efêmero continuamente e a cada instante. Mesmo a sua conservação através da escrita é sempre apenas uma preservação incompleta, semelhante a uma múmia, que necessita que se tente evocar o relato vivo. Ela própria não é uma obra (*Ergon*), mas uma atividade (*Energeia*). Por isso, a sua verdadeira definição só pode ser genética. Ela é o trabalho do espírito, eternamente repetido, para tornar o som articulado capaz de exprimir o pensamento. A rigor, esta é a definição de cada momento de fala; mas, no sentido verdadeiro e essencial, apenas a totalidade desta fala pode ser considerada como a língua⁵⁵ (HUMBOLDT, 1995 [1836], p. 36).

Aqui, já se percebe que a língua não é uma obra fixa, mas processo vivo, em constante evolução, criada infinitamente através da fala, podendo ser compreendida somente através do processo de sua criação. Nesse ponto, de modo a antecipar outro mal-entendido de nosso tempo, Trabant (2000, seção 9,

⁵⁵ “Die Sprache, in ihrem wirklichen Wesen aufgefaßt, ist etwas beständig und in jedem Augenblicke Vorübergehendes. Selbst ihre Erhaltung durch die Schrift ist immer nur eine unvollständige, mumienartige Aufbewahrung, die es doch erst wieder bedarf, daß man dabei den lebendigen Vortrag zu versinnlichen sucht. Sie selbst ist kein Werk (*Ergon*), sondern eine Tätigkeit (*Energeia*). Ihre wahre Definition kann daher auch nur eine genetische sein. Sie ist nämlich die sich ewig wiederholende Arbeit des Geistes, den artikulierten Laut zum Ausdruck des Gedanken fähig zu machen. Unmittelbar und streng genommen ist dies die Definition des jedesmaligen Sprechens; aber im wahren und wesentlichen Sinne kann man auch nur gleichsam die Totalität dieses Sprechens als die Sprache ansehen”.

n.p.) observa que esta concepção da linguagem e da linguística não tem a ver com investigações biológicas ou universalizantes. Genética (*genetisch*), neste contexto de Humboldt, refere-se a processo criador, a uma “investigação linguística cujo centro é o discurso ou a produção da linguagem, a uma linguística poética. (...) para uma linguística do falar criador (e todo sujeito falante é criador, produtivo, poético) (...)”⁵⁶. Segundo Trabant e Lösener (1997), desse modo, ao pensá-la como processo criativo, a crítica à concepção semiótica tradicional da linguagem inicia-se com Wilhelm von Humboldt, que “rechaça a ideia de tomar a língua como ‘um signo praticamente acordado e indiferente’, não a pensa a partir do signo, mas da atividade de um eu, de uma ‘fala cada vez única’, de um ‘discurso ligado’”⁵⁷ ⁵⁸(LÖSENER, 1997, p. 145). Lösener defende, assim, que, por essa razão, Humboldt conseguiu pensar em conjunto língua e literatura, língua e história, língua e sujeito.

Em *Was ist Sprache?* (O que é a língua?), livro de 2008, para dar conta de responder a pergunta anunciada em seu título, Trabant ocupa-se com questões de língua e linguagem enquanto conhecimento, cultura e poesia – pilares humboldtianos. Por essa razão, já na introdução, o linguista inicia sua argumentação no sentido de contrapor-se⁵⁹ a Noam Chomsky que, inspirado em uma observação secundária da obra de Humboldt sobre criatividade, erigiu a

⁵⁶ “(...) vers une recherche linguistique dont le centre est le discours ou la production langagière, vers une linguistique poétique. (...) vers une linguistique du parler créateur (et tout sujet parlant est créateur, productif, poétique) (...)”.

⁵⁷ “Humboldt lehnt es ab, die Sprache als »ein fast verabredetes gleichgültiges Zeichen zu betrachten«, er denkt sie nicht vom Zeichen, sondern von der Tätigkeit eines Ichs, vom »jedesmaligen Sprechen« und der »verbundenen Rede« her”.

⁵⁸ Amparado por Trabant (2000, n.p.), que traduz para o francês como “le discours lié”, traduzo aqui “verbunden” por “ligado”. Os termos que Humboldt utiliza para “articulação” são *Artikulation* e *Gliederung*, assim como os adjetivos “artikuliert” e “gegliedert”. O adjetivo “verbunden” é utilizado em contextos referentes ao fluxo do discurso, à relação dos elementos entre si, à sua interrelação, em contraposição a elementos isolados, como nos exemplos que Trabant (2000) traduz de Humboldt: “ne peut être perçu et senti que dans le discours lié” (*in der verbundenen Rede wahrgenommen und geahndet werden*); “La langue ne se trouve que dans le discours lié” (*Die Sprache liegt nur in der verbundenen Rede*). No Brasil, por exemplo, encontramos: Karin Volobuef (HUMBOLDT, 2006, p. 101) traduz por “a fala sequencial” (*in der verbundenen Rede*). Hans Theo Harden e Orlene Lúcia de Saboia Carvalho (HUMBOLDT, 2021, p. 209) traduzem por “palavras conectadas no discurso” (*den in der Rede verbundenen Wörtern*).

⁵⁹ Em sua principal obra, Trabant (1998) inicia o primeiro capítulo, mais especificamente a seção *Natur und Kultur* (Natureza e Cultura), com uma clara separação entre Chomsky e Humboldt. Demonstrar a incoerência da associação teórica desses autores é uma das tônicas do trabalho de Trabant. Nisso consiste um dos pontos de contato fundamentais entre Trabant e Meschonnic (2022b [2012], p. 162-164).

linguística gerativa e deu um sentido técnico ao que chamou de recursividade. Trabant observa que é, inclusive, incoerente a associação entre os autores, uma vez que:

A *natureza* visa “fins infinitos com meios finitos”, escreve Humboldt uma vez, muito antes de se ocupar com a linguagem (I: 322). E, de fato, este princípio, pelo menos como Humboldt o entende, vem da sua filosofia natural. É um princípio geral da vida que não se limita de modo algum à linguagem, mas diz respeito a todos os processos criativos. Na sua teoria da linguagem, não tem, portanto, o estatuto de um princípio técnico-estrutural como a criatividade-recursividade na teoria gerativa⁶⁰ (TRABANT, 2008, p. 26, grifo do autor).

O intuito de Trabant é o de lembrar que, para Humboldt, a articulação (*Artikulation, Gliederung*) é o que produz a essência da linguagem. De acordo com Trabant (2008, p. 26), este é, sem dúvida, o conceito humboldtiano “que caracteriza ao mesmo tempo um princípio técnico-estrutural profundo e que ele teoriza em pormenor”⁶¹. Trabant argumenta, com isso, que este é o conceito central da concepção linguística de Humboldt, com o qual ele se ocupou intensamente, a saber:

Com o fato de que a linguagem é essencialmente “articulada”, Humboldt quis dizer, a grosso modo, algo duplo: a saber, que nós falamos em tons “articulados”, isto é, em combinações de produções sonoras distinguíveis, e que, com esses tons “articulados”, a linguagem também “articula” as experiências espirituais do homem, isto é, divide e combina o mundo em “significados” ou em “pensamentos”⁶² (TRABANT, 2008, p. 26).

⁶⁰ “Die Natur verfolgt «mit endlichen Mitteln unendliche Zwecke», schreibt Humboldt einmal, lange bevor er sich mit Sprache beschäftigt (I: 322). Und in der Tat kommt dieses Prinzip, jedenfalls so wie Humboldt es versteht, aus seiner Naturphilosophie. Es ist ein allgemeines Prinzip des Lebens, das überhaupt nicht auf Sprache beschränkt ist, sondern alle kreativen Vorgänge betrifft. Es hat daher in seiner Sprachtheorie auch nicht den Status eines technisch-strukturellen Prinzips wie die Kreativität-Rekursivität in der generativen Theorie”.

⁶¹ “(...) der gleichzeitig ein durchaus technisch-strukturelles Prinzip bezeichnet und den er ausführlich theoretisch ausführt”.

⁶² “Humboldt meinte mit der Tatsache, daß Sprache wesentlich «artikulierte» sei, grob gesagt, etwas Zweifaches: nämlich daß wir in «artikulierten» Tönen sprechen, also in Kombinationen von unterscheidbaren Lautproduktionen, und daß mit diesen «artikulierten» Tönen die Sprache auch die geistigen Erfahrungen des Menschen «gliedert», also die Welt in «Bedeutungen» oder in «Gedanken» einteilt und kombiniert”.

Trabant observa que, na tradição linguística de Chomsky, *the articulation* relaciona-se somente à produção do som. No entanto, em Humboldt, desde seu primeiro texto sobre linguagem, trata-se de uma dupla articulação: “a ligação da articulação fonética com a articulação semântica”⁶³ (TRABANT, 2008, p. 26). A articulação, para Humboldt, refere-se tanto à produção sonora quanto à formação do pensamento. É ela, pois, que separa o homem do animal. O trabalho do espírito humano, *die Arbeit des Geistes*, como chamou Humboldt.

Podemos recorrer, aqui, a uma imagem de *Sobre a cor das palavras e das línguas* (*Über die Farbe der Wörter und Sprachen*), texto no qual Jürgen Trabant (2020a [2016]) traça um panorama histórico a respeito da percepção das línguas entre os pensadores europeus, observando que estas passaram a receber qualidades visuais – e até mesmo cores – quando foram percebidas como cognitivas e semânticas:

As metáforas visuais – a gravura e o desenho das coisas (*idola*), a névoa diante de nossos olhos, as visões do mundo e as cores das concepções – emergem na reflexão linguística europeia quando as línguas são reconhecidas como técnicas cognitivas. Enquanto elas eram apenas sons – *phone* –, as metáforas sinestésicas eram táteis e gustatórias. Mas porque o entendimento na Europa passa a ser compreendido em geral como uma visão (como *ideias*, *concepções*, *conceitos*, *pontos de vista*, etc.), as línguas recebem muito claramente nesse momento qualidades visuais, posto que se tornam cognitivas, e por fim também cores, quando essas diferentes produções do “órgão formador do pensamento” são compreendidas como algo requintado e maravilhoso (TRABANT, 2020a, p. 891).

Na reflexão linguística europeia, conforme o aspecto cognitivo e semântico passa a ser considerado, as metáforas em relação às línguas deixam de ser táteis (*rigidus*, *asper*) e gustatórias (*soave*, *dolcissimo*) e tornam-se cada vez mais ligadas à visão: primeiramente, de modo pejorativo chamadas de “imagens de ídolos” ou de “névoa diante de nossos olhos”; posteriormente, vistas

⁶³ “Die Verbindung der phonetischen Artikulation mit der semantischen Gliederung”. Observo, novamente, que Humboldt, ao falar de articulação em sua obra, alterna entre *Artikulation* e *Gliederung*.

como “variedade” e “espelho”; e então, em Humboldt, passam a ser elogiadas como “visão de mundo”, como “ponto de vista”, “como raios convergentes”. Por essa razão, deixam de ser vistas apenas como som. Trata-se do reconhecimento da sofisticação da língua em sua relação intrínseca com o pensamento e a semântica. Sua caracterização como “órgão formador do pensamento”⁶⁴ (HUMBOLDT *apud* TRABANT, 2020a, p. 891) vem a testemunhar essa concepção. É importante destacar, assim, que, na concepção humboldtiana, é impossível restringir a articulação ao aspecto sonoro:

Portanto, a articulação não pode, de modo algum, ser entendida apenas como uma atividade sonora, mas sim como um complexo acontecimento espiritual fonético que “penetra” ambas as áreas, som e pensamento⁶⁵ (TRABANT, 2008, p. 40).

Trabant acrescenta que, no pensamento humboldtiano, se trata, de fato, de uma tríade de instâncias articulatórias, a qual pode ser vista de modo direto e resumido no seguinte trecho de “Natureza e constituição da linguagem em geral”⁶⁶, logo após Humboldt afirmar que a linguagem é o órgão formador do pensamento: “A associação inseparável do pensamento, das ferramentas vocais e do ouvido para formarem a linguagem está arraigada invariavelmente na disposição original da natureza humana, que dispensa maiores explicações” (HUMBOLDT, 2003 [1836], p. 125). Trabant especifica cada uma delas: “A ligação inseparável do pensamento [primeira articulação], dos aparelhos vocais [segunda articulação] e do ouvido [terceira articulação, acroamática] à linguagem [...]”⁶⁷ (TRABANT, 2008, p. 46). Para que a produção articulatória do pensamento se complete, é necessário “ressoar da boca de outrem” (HUMBOLDT, 1908 [1836], p. 56), ou seja, como observa Trabant, “A produção articulatória da

⁶⁴ “das bildende Organ des Gedanken” (HUMBOLDT *apud* TRABANT, 2016, p. 42).

⁶⁵ “Artikulation kann daher gar nicht nur als lautliche Tätigkeit gefaßt werden, sondern eben als ein kompliziertes geistig-phonetisches Geschehen, das beide Gebiete, Laut und Denken, «durchdringt»”.

⁶⁶ “Natur und Beschaffenheit der Sprache überhaupt”, um dos textos da introdução à obra a respeito da língua kawi.

⁶⁷ “Die unzertrennliche Verbindung des Gedanken [erste Gliederung], der Stimmwerkzeuge [zweite Gliederung] und des Gehörs [dritte, akroamatische Gliederung] zur Sprache (...)”.

linguagem duplica-se no tu”⁶⁸ (2008, p. 44-45), uma vez que “O ‘trabalho do espírito’, como Wilhelm von Humboldt descreveu a linguagem, realiza-se sempre em face do outro, à escuta de um tu”⁶⁹ (TRABANT, 2008, p. 13).

Neste panorama sobre o desenvolvimento da concepção de língua e de linguagem na Europa, Trabant observa que, embora o princípio da articulação tenha sido anteriormente intuído por outros pensadores, Humboldt é o primeiro autor a, de fato, teorizar sobre a língua articulada: “Tanto quanto posso ver, Humboldt foi o primeiro a resumir os diferentes fios e momentos e a elaborá-los em uma teoria coerente da articulação linguística”⁷⁰ (TRABANT, 2008, p. 28). Como veremos na próxima seção, isso terá repercussão decisiva no pensamento saussuriano.

1.2.1 Da presença humboldtiana no pensamento saussuriano

Como discutido na seção anterior, a fundamental articulação entre som e pensamento é parte vital da concepção de linguagem humboldtiana, sob o nome de articulação (*Artikulation, Gliederung*). Jürgen Trabant (2008, p. 27) observa que esse conceito desempenhou um papel central em outras tradições científicas, sobretudo na francesa, que, no entanto, se refere apenas implicitamente a Humboldt. Um exemplo disso é que o “teórico da (dupla) articulação na França foi André Martinet, que se reportava principalmente ao

⁶⁸ “Die artikulatorische Produktion der Sprache verdoppelt sich im Du”.

⁶⁹ Die «Arbeit des Geistes», als die Wilhelm von Humboldt die Sprache bezeichnete, vollzieht sich wohl immer angesichts des Anderen, auf ein Du hörend.

⁷⁰ “Soweit ich sehe, hat Humboldt als erster die verschiedenen Fäden und Momente zusammengefasst und zu einer kohärenten Theorie sprachlicher Artikulation ausgearbeitet”.

linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, que por sua vez se considerava o aperfeiçoador das ideias de Saussure”⁷¹ (TRABANT, 2008, p. 27).

Separando-o da leitura estruturalista, Trabant (2008, p. 28) aponta, em função do conceito de articulação, para uma continuação do pensamento de Humboldt em Saussure, tanto no *Curso* quanto nos *Escritos*, ainda que nessas obras o pensador alemão não seja citado explicitamente. O autor observa que:

A partir de 1916, quando Ferdinand de Saussure reavivou a tradicional concepção aristotélica de arbitrariedade da língua – na realidade, ele enfatizou acima de tudo a síntese humboldtiana entre som e pensamento –, a discussão sobre a arbitrariedade do signo linguístico nunca cessou. Para esta discussão, as ideias pouco conhecidas de Humboldt no que diz respeito à estrutura semiótica da língua representam ainda contribuições importantes a serem descobertas (TRABANT, 2021, p. 217).

Trabant refere-se, assim, à concepção humboldtiana de linguagem enquanto a unidade sintética de pensamento e som – noção fundamental para a teoria saussuriana. Segundo o autor, Saussure se ocupou, de modo central em sua teoria, da primeira articulação de Humboldt, “da articulação do mundo em unidades significativas”⁷². No *Curso*, ao tratar da definição de língua, enquanto objeto da linguística, Saussure vale-se da ideia de *gegliederte Sprache*, linguagem articulada, para afirmar que o que é inerente ao ser humano é “a faculdade de constituir uma língua”:

Certa definição do que se chama de *linguagem articulada* poderia confirmar esta ideia. Em latim, *articulus* significa “membro, parte, subdivisão numa série de coisas”; em matéria de linguagem, a articulação pode designar não só a divisão da cadeia falada em sílabas, como a subdivisão da cadeia de significações em unidades significativas; é neste sentido que se diz em alemão *gegliederte Sprache*. Apegando-se a esta segunda definição, poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua,

⁷¹ “Der Theoretiker der (doppelten) Artikulation war in Frankreich André Martinet, der sich dabei vor allem auf den dänischen Linguisten Louis Hjelmslev berief, welcher sich seinerseits als den Vollender Saussurescher Gedanken betrachtete”.

⁷² “von der Gliederung der Welt in bedeutende Einheiten”.

vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 42, grifos do autor).

Percebe-se que, no *Curso*, embora cite o conceito em alemão, Saussure não remete a Humboldt tal observação. Já nos *Escritos*, Saussure (2004, p. 19-80) possui todo um longo manuscrito intitulado “Sobre a essência dupla da linguagem”, no qual, segundo Trabant, “a maior parte gira exatamente em torno do problema da dupla articulação, mesmo que a expressão não apareça lá”⁷³ (TRABANT, 2008, p. 28).

Observo que, nesta publicação, encontra-se ainda uma breve nota, pertencente ao acervo da Edição Engler 1968-1974, intitulada “Da articulação”. Nesta nota, Saussure (2004, p. 202-203) disserta a respeito da criação e uso de distinções para fazer avançar determinada área de estudos. Com isso, observa que há termos correspondentes a distinções necessárias para o progresso de cada ciência, mas também que há aqueles que servem a criar equívocos. Saussure observa, porém, a existência de uma terceira categoria: “a dos termos em si mesmos corretos e que se sente que são corretos, sem que seja possível dizer exatamente seu alcance e seu conteúdo” (SAUSSURE, 2004, p. 203). É a essa categoria que Saussure vincula a expressão *linguagem articulada*, alegando que estudos de diferentes áreas confundem “articulação” com algum “fato cerebral” e que, também, não indicam que tenha “uma significação bucal”. Não há, aqui, um desenvolvimento maior a respeito do termo, porém, seu apontamento mostra algum grau de preocupação conceitual a explorar e que faz referência indireta a um ponto central da discussão humboldtiana.

Outro ponto a ser observado é o polêmico término do *Curso de Linguística Geral*: “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 305). O modo como foi findado o *Curso* pelos seus editores, Charles Bally e Albert Sechehaye, foi tomado como argumento a favor e contra Saussure, em leituras que o tomaram (e ainda o tomam) como estruturalista. Como observa Lösener (2021, p. 4), esse fechamento foi lido como a exclusão da historicidade, baseado na separação

⁷³ “deren größter Teil (...) genau um das Problem der doppelten Gliederung kreist, auch wenn der Ausdruck dort nicht vorkommt”.

entre sincronia e diacronia e entre língua e fala que foi atribuída a Saussure. Como sabemos, essa separação, até hoje propagada por uma recepção que a chama de corte saussuriano, foi “responsável pela redução estruturalista da língua a uma mera estrutura linguística” (LÖSENER, 2021, p. 4).

Hoje, no entanto, esta não é a única recepção de Saussure, mesmo que ainda paire sobre o senso comum das Letras. No Brasil, com alguma frequência, em textos que buscam um Saussure arejado – o do sistema e da historicidade, não aquele da estrutura –, vemos comentários a respeito dessa impactante frase de fechamento do *Curso*, atribuindo-a aos seus editores. É comprovado, pois, que a frase não é de Saussure⁷⁴. Todavia, o que não se costuma dizer é que essa formulação faz eco direto a Humboldt, que, como aponta Ludwig Jäger (1986, p. 178) elaborou um programa linguístico sob o título “Sprachstudium”, com o intuito de “mostrar a língua em si e por si própria como um estudo importante e de utilidade comum”⁷⁵ (HUMBOLDT, 1908 [1801-1802], p. 601).

Para cotejo, na tradução de Herman Lommel do *Curso* para o alemão, consta: “die Sprache an und für sich selbst betrachtet ist der einzige wirkliche Gegenstand der Sprachwissenschaft” (SAUSSURE, 1967 [1931], p. 279), ou seja, “a língua considerada em si e por si própria é o único objeto verdadeiro da linguística”. Não basta, porém, constatar a semelhança da formulação; é preciso dizer algo a seu respeito. Nesse sentido, Ludwig Jäger observa que a formulação não tem apenas uma semelhança de forma, mas sim um objetivo em comum. Trata-se, pois, da discussão da constituição do objeto de investigação:

Somente a questão dos fundamentos teóricos e das condições de possibilidade, da “base segura de ideias-guia devidamente estabelecidas” dos estudos comparativos da linguagem, surgida no contexto da investigação empírica da linguística comparativa, suscitou a reflexão centrada no problema da linguagem, que o constituiu, em primeiro lugar, como objeto de investigação científica autônoma. Se, portanto, no contexto da historiografia

⁷⁴ Lösener (2021, p. 4) sugere a leitura de Tullio De Mauro (SAUSSURE/DE MAURO, 1972, p. 476), Françoise Gadet (1987, p. 22ff.) e Christian Stetter (1992, p. 510) no tocante à sentença apócrifa para a recepção de Saussure. A obra de Tullio de Mauro citada por Lösener é a edição francesa do CLG, que por sua vez incorporou a introdução da importante edição crítica publicada por De Mauro em italiano em 1967, com seus comentários e notas.

⁷⁵ “die Sprache an und für sich selbst als ein wichtiges und gemeinnütziges Studium zu zeigen”.

da linguística, a reflexão que permitiu a constituição teórica do objeto língua como objeto de pesquisa científica autônoma for considerada como o documento de fundação da linguística, então esse feito - como será mostrado mais detalhadamente - deve ser atribuído em particular a Wilhelm von Humboldt, e não a Saussure⁷⁶ (JÄGER, 1986, p. 178).

Estudar a língua “em si e por si própria” deve ser entendido em seu contexto de formulação. Significa, para Humboldt, levá-la a sério como objeto de reflexão científica autônoma, emancipando-a “das limitações de pensamento e das finalidades secundárias que tinha experimentado nos contextos contemporâneos da filosofia racionalista ou da filologia clássica”⁷⁷ (JÄGER, 1986, p. 179). Desse modo, Humboldt buscou fornecer uma base teórica para o estudo comparativo da linguagem, combinando filosofia da linguagem com investigação empírica. Segundo Jäger (1986, p. 177-178), a abordagem de Humboldt decisivamente preparou o terreno para o conceito moderno de teoria linguística, que pode a partir daí ser tomado como base para uma ciência autônoma hoje constituída.

Nesse sentido, para corroborar com a posição de Trabant quanto à consideração da continuação do pensamento de Humboldt em Saussure, trago a seguir mais observações de Ludwig Jäger⁷⁸, que, em seu livro *Ferdinand de Saussure zur Einführung*⁷⁹, introduz o pensamento saussuriano a partir dos

⁷⁶ “erst die sich im Kontext sprachvergleichender, empirischer Forschung aufdrängende Frage nach den theoretischen Grundlagen und Möglichkeitsbedingungen, nach der „sicheren Grundlage gehörig aufgestellter leitender Ideen“ eines vergleichenden Sprachstudiums, hat jene themenzentrierte Reflexion des Sprachproblems hervorgerufen, die dieses als Gegenstand einzelwissenschaftlicher Forschung allererst konstituierte. Wenn deshalb im Rahmen der Wissenschaftsgeschichtsschreibung der Linguistik jene Reflexion, die die theoretische Konstitution des Gegenstandes Sprache als Objekt einzelwissenschaftlicher Forschung ermöglichte, als die Gründungsurkunde der Sprachwissenschaft angesehen wird, so wird man diese Leistung - wie noch näher zu zeigen sein wird – insbesondere Wilhelm von Humboldt, und nicht etwa erst Saussure zuschreiben müssen”.

⁷⁷ “(...) sie von den Denkbeschränkungen und sekundären Zwecksetzungen zu emanzipieren, die sie in den zeitgenössischen Kontexten der rationalistischen Philosophie oder der klassischen Philologie erfahren hatte”.

⁷⁸ Deve-se ressaltar que Ludwig Jäger foi responsável pela edição alemã dos manuscritos organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. A obra, intitulada *Wissenschaft der Sprache: neue Texte aus dem Nachlaß* (Ciência da linguagem: novos textos do espólio), foi publicada em 2003, apenas um ano após a edição francesa.

⁷⁹ “Introdução a Ferdinand de Saussure”.

textos nos quais a autoria não é considerada duvidosa⁸⁰. Ou seja, de seus diversos manuscritos, publicados a partir dos anos 60. A importante obra de Jäger reconstitui desde a trajetória biográfica de Saussure até pormenores teóricos de seus manuscritos e de anotações de seus estudantes, não deixando de avaliar ainda, por vezes severamente, o processo de edição do *CLG*. Dentre as informações de sua biografia que nos interessam aqui, neste trabalho, podemos citar a proximidade da família de Saussure à de Humboldt, cuja relação é testemunhada por cartas⁸¹. Tal proximidade influenciou na decisão de Saussure ir estudar na Alemanha – em Leipzig e, posteriormente, em Berlim. Além disso, encontrou-se na biblioteca de Saussure obras de Wilhelm von Humboldt.

Do ponto de vista teórico, Jäger (2010, p. 98-114) observa que Humboldt desempenhou um papel fundamental para o pensamento saussuriano. Na biblioteca de Saussure constava, por exemplo, *Grundzüge des allgemeinen Sprachtypus*, em uma edição de 1884 – texto no qual, mais explicitamente que em qualquer outro, Humboldt tratou da questão do signo:

Este excerto é instrutivo na medida em que contém uma das poucas considerações explicitamente signo-teóricas de Humboldt na seção “Wörtervorrath”, em particular a sua distinção entre palavra, signo e símbolo [...], a que Saussure deu prosseguimento sistematicamente na sua conceitualização da ideia de signo⁸² (JÄGER, 2010, p. 98-99).

⁸⁰ A respeito da importância e do pioneirismo de Jäger, faz-se mister trazer, ainda, um testemunho de Trabant (2019, p. 391): “Mas ele está decidido a reencontrar ‘die authentische Sprach-Idee’, a concepção linguística autêntica de Ferdinand de Saussure, linguista genebrino célebre, morto em 1913. E suas pesquisas o conduzem à tradição humboldtiana. Em seu primeiro livro sobre Saussure, de 1975, Jäger reconstrói um Saussure humboldtiano, representante de uma linguística hermenêutico-culturalista, em forte oposição à epistemologia neopositivista e deducionista do *Curso* – e que reencontramos nos fragmentos e notas de Saussure descobertos em 1996 (...)”.

⁸¹ Em *Saussure*, John Joseph (2012) também enfatiza essa relação entre as famílias, ao destacar as correspondências entre o explorador naturalista Alexander von Humboldt e o mineralogista e entomologista Henri de Saussure, pai de Ferdinand de Saussure (p. 61), assim como entre Wilhelm von Humboldt e a pedagoga Albertine Necker de Saussure, tia-avó de Ferdinand de Saussure (p. 87).

⁸² “Dieser Textauszug ist insofern aufschlussreich, als er im Abschnitt »Wörtervorrath« eine der wenigen explizit zeichentheoretischen Überlegungen Humboldts enthält, insbesondere seine Unterscheidung von Wort, Zeichen und Symbol (hierzu Trabant 1986, 71-75, 91-98; 1990, 32 ff.), an die Saussure in seiner Konzeptualisierung der Zeichenidee systematisch anschloss”.

Além disso, Jäger (2010, p. 99) considera que, sem o programa humboldtiano que unia filosofia da linguagem e comparatismo empírico, seria inimaginável a reflexão saussuriana que toma as línguas do mundo como um laboratório para pensar a linguagem⁸³. O autor observa, inclusive, que Saussure orientou-se por esse programa muito mais fortemente do que os editores do *Cours* o mostraram. A esse respeito, Jäger traz um exemplo de anotação de um estudante que frequentou o curso de Linguística Geral, que lhe foi cedida. Em nota, Jäger (2010, p. 221) argumenta que “[d]esta observação de Saussure depreende-se, sem margem para dúvidas, que Saussure conhecia os trabalhos de Humboldt. Rudolf Engler teve a gentileza de me fornecer uma cópia desta passagem”⁸⁴. Segundo Jäger, nos apontamentos de Louis Caille a respeito da primeira conferência de Genebra sobre Linguística Geral, em 1907, o estudante em questão fez a seguinte observação de Saussure acerca de Humboldt:

É quase este ponto de vista etnológico que Wilhelm von Humboldt adota nas suas Induções Filosóficas sobre a Estrutura das Línguas do Globo. Fundamentalmente, os seus trabalhos visam determinar a relação da linguística com a lógica, mas o impulso foi dado pelos seus estudos etnológicos. A afinidade que a linguística pode ter com a etnologia é enorme⁸⁵ (JÄGER, 2010, p. 100).

⁸³ John Joseph (2012, p. 87) também defende que Saussure conhecia a obra de Humboldt e que, no entanto, teve dificuldade em perceber certas afinidades que existiam entre a concepção do estudioso alemão sobre a linguagem e a sua própria. Joseph (2012, p. 87) conclui que “[s]uas anotações ocasionalmente referem-se a Humboldt em termos que sugerem uma familiaridade com sua obra principal, mas ele não o citou em seus cursos ou escritos publicados, e as afinidades não são suficientes para sugerir uma influência direta” (*His notes occasionally refer to Humboldt in terms that suggest a familiarity with his major work, but he did not cite him in his courses or published writing, and the affinities do not suffice to suggest a direct influence*). Ainda assim, Joseph aponta afinidades em diversos momentos de sua obra.

⁸⁴ “Aus dieser Bemerkung de Saussures geht zweifelsfrei hervor, dass de Saussure Arbeiten Humboldts kannte. Eine Abschrift dieser Textstelle hat mir dankenswerterweise Rudolf Engler zur Verfügung gestellt”.

⁸⁵ “So notierte Louis Caille in der ersten Genfer Vorlesung zur allgemeinen Sprachwissenschaft von 1907 die folgende Bemerkung de Saussures zu Humboldt: »Es ist beinahe dieser ethnologische Gesichtspunkt, den Wilhelm von Humboldt in seinen Philosophischen Induktionen über die Struktur der Sprachen des Globus einnimmt. Im Grunde haben seine Arbeiten das Ziel, die Beziehungen der Linguistik zur Logik zu ermitteln. Aber der Anstoß ist durch seine ethnologischen Studien gegeben worden. Die Affinität, die die Linguistik mit der Ethnologie haben kann, ist enorm.«”.

Na edição brasileira dos *Escritos de Linguística Geral*, publicada em 2003, temos acesso ao manuscrito de Saussure para a primeira conferência na Universidade de Genebra, de novembro de 1891. Neste discurso, o autor trata inicialmente da importância que a linguística adquiriu para a etnografia, “a tal ponto que o dado [lingüístico] é sempre, até a mais ampla informação, a prova primeira para o etnologista” (SAUSSURE, 2003, p. 127). Adiante, Saussure discorre a respeito da linguagem enquanto “ferramenta de ação coletiva” e, ao mesmo tempo, “de educação individual”, sem a qual “o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, suas faculdades nativas” (2003, p. 128). Nesse contexto, o autor denomina a linguagem como “faculdade do homem, como um dos signos distintivos de sua espécie, como característica antropológica” (SAUSSURE, 2003, p. 128). Saussure conclui, assim, de modo bastante humboldtiano, que “com efeito, o estudo da linguagem como fato humano está todo ou quase todo contido no estudo das *línguas*” (2003, p. 128, grifo do autor).

É preciso lembrar que Humboldt (*apud* JÄGER, 2010, p. 103) caracterizou positivamente⁸⁶ o conceito de *Sprachverschiedenheit*, diversidade linguística: “Diversas línguas não são muitas designações de uma coisa; são pontos de vista diferentes da mesma coisa [...]”⁸⁷. Jäger (2010, p. 102) argumenta, assim, que Saussure herda de Humboldt a convicção de que existe um laço constitutivo entre a descoberta do problema da diversidade linguística e a emergência de uma linguística geral. A influência, no entanto, vai além; ela é de ordem metodológica e dá prosseguimento a uma tradição que passa por Schleiermacher, Dilthey e, finalmente, por Humboldt, com os procedimentos interdependentes de indução e adivinhação, que buscam dar conta da relação entre o particular e o geral:

Neste ponto, Saussure concorda sem reservas com Humboldt e com a tradição Schleiermacher-Dilthey. Sem dados, a teoria da linguagem não se deixa validar, mas, inversamente, sem uma teoria geral, os dados fornecidos nas línguas não se deixam

⁸⁶ Para uma discussão detalhada a respeito da consideração positiva da diversidade das línguas do mundo, ver o artigo, já citado, *Sobre a cor das palavras e das línguas* (TRABANT, 2020a).

⁸⁷ “Mehrere Sprachen sind nicht ebenso viele Bezeichnungen einer Sache; es sind verschiedene Ansichten derselben [...]”.

comparar. O laboratório comparativo só pode ser adentrado se as “operações do espírito”, às quais se devem os juízos sobre a identidade das entidades linguísticas, tiverem sido elucidadas no quadro de uma teoria semiológica da linguagem⁸⁸ (JÄGER, 2010, p. 114).

É, pois, a consideração positiva do caráter das diferentes línguas do mundo que leva Humboldt e Saussure a teorizar sobre a linguagem. E, para tanto, é preciso partir da observação empírica, mas com critérios teóricos acerca da constituição do objeto; ou seja, os pontos de vista sobre a língua “requerem legitimação no quadro de uma reflexão sobre o que constitui a objetividade específica dos fatos linguísticos”⁸⁹ (JÄGER, 2010, p. 113). Para Jäger, essa reflexão “nada mais é do que uma elucidação filosófico-semiológica daquilo a que Humboldt chamou ‘o modo como o homem inventa e desenvolve a linguagem’”⁹⁰ (HUMBOLDT *apud* JÄGER, 2010, p. 113).

1.2.2 Da presença humboldtiana no pensamento meschoniquiano

Após ter discutido, na seção anterior, a importância fundamental da teorização de Wilhelm von Humboldt para o pensamento de Saussure, retorno,

⁸⁸ “In ihrem Geschäft der Vermittlung des Besonderen und des Allgemeinen ist die Induktion deshalb immer auf Divination angewiesen. Hierin stimmt de Saussure ohne Einschränkung mit Humboldt und der Schleiermacher-Dilthey-Tradition überein. Ohne Daten lässt sich zwar die Theorie der Sprache nicht validieren, aber umgekehrt lassen sich ohne eine allgemeine Theorie die in den Sprachen gegebenen Daten nicht vergleichen. Das komparatistische Labor kann nur betreten werden, wenn die »Operationen des Geistes«, denen sich die Urteile über die Identität sprachlicher Entitäten verdanken, im Rahmen einer semiologischen Theorie der Sprache aufgeklärt worden sind”.

⁸⁹ “Insofern sind die kategorialen Entscheidungen der Sprachwissenschaft, sind ihre gegenstandskonstitutiven Gesichtspunkte legitimationsbedürftig im Rahmen einer Reflexion dessen, was die spezifische Gegenständlichkeit sprachlicher Tatsachen ausmacht”.

⁹⁰ “Eine solche Reflexion ist, wie sowohl Humboldt als auch de Saussure sehen, in ihrem Kern nichts anderes als eine philosophisch-semiologische Klärung dessen, was Humboldt die »Verfahrensart des Menschen, die Sprache zu erfinden und fortzubilden« (Humboldt 7, 599), genannt hatte [...]”.

pois, a Jürgen Trabant, que mostrará, também, a relevância e presença do pensamento de Humboldt na obra de Henri Meschonnic.

Em 1998, Jürgen Trabant concedeu à sua obra *Artikulationen* (Articulações) o subtítulo *Historische Anthropologie der Sprache* (Antropologia histórica da linguagem), de modo a indicar que não se trata ali de estudos linguísticos no sentido técnico, mas sim para situar sua reflexão em dois contextos que lhe eram muito caros: Henri Meschonnic e Wilhelm von Humboldt; e o *Berliner Forschungszentrum für Historische Anthropologie* (Centro de Pesquisa de Berlim para Antropologia Histórica).

O primeiro contexto refere-se a seus autores de base e de diálogo. Com o seu consentimento, Trabant tomou de empréstimo o subtítulo da principal obra do pensador francês, *Critique du rythme*, observando suas diferenças de enfoque e suas proximidades:

Mesmo que eu contraste o meu conceito de articulações com o conceito de ritmo, que é central para a compreensão da linguagem de Meschonnic, gostaria ainda assim de, com Meschonnic, equiparar a teoria da linguagem a uma antropologia histórica da linguagem, ou seja, inscrever a teoria da linguagem numa forma de pensar sobre o ser humano que considera a sua historicidade como fundamental e que a estabelece precisamente na linguagem – contra todos os desafios naturalistas e universalistas. Em comum está também a ligação a Wilhelm von Humboldt, que, segundo Meschonnic, “é, sem dúvida, o primeiro e talvez ainda o único a ter praticado uma teoria da linguagem que seja uma antropologia”⁹¹ (TRABANT, 1998, p. 11).

O segundo contexto diz respeito ao Centro de Pesquisa de Berlim para Antropologia Histórica, grupo interdisciplinar do qual Trabant fez parte da fundação ainda nos anos 80. O que une esse grupo bastante heterogêneo é a

⁹¹ “Wenn ich auch dem für Meschonnic Sprachauffassung zentralen Begriff des Rhythmus mein Konzept der Artikulationen kontrastierend gegenüberstelle, so möchte ich doch mit Meschonnic die Theorie der Sprache gleichsetzen mit einer historischen Anthropologie der Sprache, d. h. die Theorie der Sprache einschreiben in ein Denken des Menschen, das dessen Historizität für grundlegend hält und das diese gerade an der Sprache festmacht — gegen alle naturalistischen und universalistischen Anfechtungen. Gemeinsam ist damit auch der Anschluß an Wilhelm von Humboldt, der nach Meschonnic »ohne Zweifel der erste und vielleicht immer noch der einzige ist, der eine Theorie der Sprache betrieben hat, die eine Anthropologie sein soll« (Meschonnic 1982: 47)”.

“convicção da essencial historicidade do ser humano assim como das reflexões acerca deste enquanto objeto histórico”⁹² (TRABANT, 1998, p. 12). O autor cita um trecho de um texto programático publicado pelo grupo em seu periódico *Paragrana*, cuja definição nos interessa aqui:

“Antropologia Histórica” é aqui utilizada como designação de esforços diversos e transdisciplinares que continuam a investigar fenômenos e estruturas do humano após a “morte do homem”, ou seja, após o fim do caráter vinculativo de uma norma antropológica abstrata. A Antropologia Histórica situa-se assim na tensão entre a história e as ciências humanas. [...] Ela procura [...] correlacionar a historicidade de suas perspectivas e de seus métodos com a historicidade de seu objeto de estudo⁹³ (TRABANT, 1998, p. 12).

Faz parte do seu programa refletir, assim, sobre a sua própria historicidade e condicionalidade cultural, de modo a superar o eurocentrismo das ciências humanas e o interesse meramente de antiquário pela história. Tais pontos aparecem enfaticamente na obra de Trabant, sobretudo em sua preocupação com a diversidade linguística: “cada língua é, pois, como diz Humboldt em 1820 em seu primeiro discurso acadêmico, uma ‘visão de mundo’ particular” (TRABANT, 2020a, p. 889). De modo oposto à tradição linguística inglesa que, com John Locke, tomava as diferenças semânticas como “uma névoa diante de nossos olhos”⁹⁴, e a partir de Leibniz, que a compreendia como “maravilhosa variedade das operações do espírito”⁹⁵, Humboldt celebra essa diversidade em toda sua complexidade: “A semântica de uma língua não é exatamente uma névoa, mas uma perspectiva particular do olhar, um ponto de

⁹² “Überzeugung von der wesentlichen Historizität des Menschen sowie der Reflexionen über diesen historischen Gegenstand Mensch”.

⁹³ “»Historische Anthropologie« wird hier als Bezeichnung für vielfältige, transdisziplinäre Bemühungen verwendet, die nach dem »Tode des Menschen«, d.h. nach dem Ende der Verbindlichkeit einer abstrakten anthropologischen Norm, weiterhin Phänomene und Strukturen des Menschlichen erforscht. Historische Anthropologie steht so in der Spannung zwischen Geschichte und Humanwissenschaften. [...] Sie versucht [...], die Geschichtlichkeit ihrer Perspektiven und Methoden und die Geschichtlichkeit ihres Gegenstandes aufeinander zu beziehen”.

⁹⁴ “a mist before our eyes” (LOCKE *apud* TRABANT, 2020a, p. 882).

⁹⁵ “merveilleuse variété des opérations de l’esprit” (LEIBNIZ *apud* TRABANT, 2020a, p. 888).

vista: ‘Sua diferença não é de sons e signos, mas uma diferença de visões de mundo’” (HUMBOLDT *apud* TRABANT, 2020a, p. 889).

Com essas preocupações em vista, retomemos, pois, a íntima relação entre os autores de base de Trabant. Em “Le Humboldt d’Henri Meschonnic” – texto presente em um livro publicado em 2005 por Dessons, Martin e Michon, intitulado *Henri Meschonnic, la pensée et le poème* – Jürgen Trabant descreve, também, a recepção da obra de Wilhelm von Humboldt por Henri Meschonnic, destacando o que considera os traços mais importantes da leitura particular do pensador francês. Ao longo do artigo, por cotejo, Trabant mostra também o que é próprio de sua leitura a respeito da obra de Humboldt. Ao fim, em uma espécie de síntese humboldtiana, o autor indica em linhas gerais a importância da presença de Humboldt como um questionador da linguística ainda hoje.

Na subseção “Six éléments théoriques”, Trabant (2005, p. 177-180) elenca pontos fundamentais que justificariam a afirmação da presença humboldtiana na obra de Meschonnic. Ou, como Trabant o define, elementos que compõem o Humboldt de Meschonnic. A saber:

1) O primeiro elemento e mais importante concebe a linguagem como atividade concreta do ser humano real⁹⁶. Com isso, o discurso é o ponto de partida e de referência para os estudos sobre a linguagem. Ela é, assim, *Energieia*, o termo aristotélico que Humboldt utiliza, considerando-a produtiva, criativa e poética em seu sentido mais amplo. A linguagem é, pois, um trabalho do espírito⁹⁷;

2) A linguagem é viva somente no discurso⁹⁸. Nessa concepção, por consequência, a fragmentação em palavras e regras equivale a um esqueleto morto, pois a redução a uma abstração não corresponde à natureza viva da linguagem;

3) Por ser atividade concreta do ser humano, a linguagem é situada historicamente, em uma sociedade concreta, e está em interação e

⁹⁶ “(...) comme activité concrète d’êtres humains réels, «*der wirklich sprechende Mensch*»”.

⁹⁷ “«travail de l’esprit» («*Arbeit des Geistes* »)”.

⁹⁸ “seulement dans le discours que le langage est vivant”.

reciprocidade⁹⁹ com tudo o que lhe entorna. A teoria da linguagem é, portanto, também social, política e histórica;

4) A atividade concreta não permite conceber a linguagem como signo, da ordem do descontínuo. Nisso, a posição de Humboldt é antissemiótica¹⁰⁰, pois não concebe as línguas como nomenclaturas arbitrárias, no sentido da tradição aristotélica¹⁰¹, que vê o pensamento como universal e independente da linguagem;

5) Humboldt insiste em reforçar que a linguagem é radicalmente não-natural, é de uma essência totalmente particular, não possuindo equivalente na natureza¹⁰². Essa radical não-naturalidade da linguagem é elemento central no pensamento de Meschonnic;

6) A linguagem é da ordem do contínuo, o que se opõe à posição semiótica da linguagem, calcada no descontínuo (paradigma do signo). Essa posição antissemiótica dá-se em função da fala ser uma atividade concreta e contínua.

Isto posto, é de se enfatizar que muito interessantes são, ainda, as observações de Trabant (2005) a respeito da diferença entre o Humboldt de Meschonnic e o seu próprio Humboldt. Segundo Trabant, Meschonnic teoriza o contínuo (ritmo) e é autor das oposições claras e exclusões dramáticas. Enquanto isso, Humboldt teoriza a articulação, é autor das inclusões, da síntese de coisas opostas. Trabant traz dois exemplos para ilustrar o problema da leitura de Humboldt:

⁹⁹ “en « *Wechselwirkung* », en interaction, en réciprocité”.

¹⁰⁰ “Meschonnic reprend de Humboldt la pensée anti-sémiotique : le langage et le mot ne sont pas des signes pour Humboldt”. Em sua obra, Meschonnic (1982, p. 78) afirma: “O ritmo rejeita a semiótica” (*Le rythme rejette la sémiotique*).

¹⁰¹ Importante reforçar, desde já, que a presente tese bebe de uma tradição saussuriana que refuta a atribuição da pecha estruturalista e ahistórica ao autor. Nesse sentido, veremos adiante, sobretudo nas subseções 1.2.1 e 2.2.1, que tal postura antissemiótica é também tomada por Saussure. A esse respeito, uma detalhada tomada de posição pode ser vista em Neumann e Anjos (2018).

¹⁰² Trabant (2005, p. 179) observa que, ainda que faça uso de comparações da linguagem com “organismo”, “órgão”, “instinto”, essas não passam de soluções terminológicas explicitamente provisórias.

1) A linguagem em Humboldt é algo entre signo e imagem. Humboldt polemiza energicamente contra a tradição europeia que designa a palavra como signo. Mas Humboldt também acrescenta que a língua pode ser usada como signo. E ele não para de designá-la assim quando se refere ao discurso tradicional que ele critica em outras passagens.

2) A linguagem é *Energeia*, discurso, trabalho do espírito, e o discurso é primário. Ou seja, as palavras vêm do discurso, não o contrário. Humboldt considera as gramáticas e dicionários como esqueletos mortos, como fabricações da abstração científica. Ainda assim, considera que essa operação científica é necessária.

Desse modo, Trabant (2005) argumenta que Humboldt é um autor que defende A e B ao mesmo tempo, buscando uma conciliação. Com isso, Trabant observa que o Humboldt de Meschonnic não é um Humboldt completo e que, de fato, ele se parece muito com Meschonnic – por ser um teórico do discurso, da interação (reciprocidade), antissemiótico, pensador do contínuo e de uma linguística poética. Trabant argumenta que toda interpretação de um teórico por outro leva a determinadas reduções interpretativas, mas que, no caso de Meschonnic, porém, esse processo não se agarra a elementos marginais, mas sim ao coração de Humboldt¹⁰³.

Ainda assim, Trabant (2005) observa, em Meschonnic, a lacuna de um elemento teórico que pertence ao centro do pensamento humboldtiano: a discussão sobre a diversidade das línguas. No centro do projeto de Humboldt está a preocupação com a maneira como essa atividade universal e individual do homem concreto se realiza nas línguas historicamente particulares. O problema que interessa a Trabant é o de como pensar a diversidade das línguas, uma vez que o autor posiciona-se, humboldtianamente, contra a uniformização e universalização. Em síntese:

¹⁰³ Essa bonita imagem não tem nada de ingênua. Pode-se compará-la com a crítica ferrenha que Trabant (2006, p. 25-29) faz a Noam Chomsky, acusando-o de tomar, de modo distorcido, um elemento marginal da obra de Humboldt e elevá-lo à categoria de centralidade em sua própria teoria, com o nome de “recursividade”. Enquanto Meschonnic aproxima-se do coração, Chomsky agarra-se aos ossos de Humboldt.

Perante a universalização, a globalização e a destruição filosófica da linguagem, é a particularidade histórica da linguagem humana (...) que me é cara. O meu próprio Humboldt difere, portanto, do Humboldt de Meschonnic na ênfase que coloco nesse momento teórico. Ele é complementar ao Humboldt de Meschonnic. (...) O meu próprio Humboldt não é mais completo que o de Meschonnic, isso é evidente (...) ¹⁰⁴ (TRABANT, 2005, p. 183).

Trabant frisa, assim, que tanto o seu Humboldt quanto o de Meschonnic voltam-se ao particular, em oposição à tradição europeia de base aristotélica. Nesse sentido, é de se destacar que Meschonnic integra Humboldt em sua concepção de linguagem como uma presença, não como uma mera figura do passado (TRABANT, 2005, p. 176), uma vez que, além dos trabalhos publicados a respeito de Humboldt, o autor alemão é presença importante em todos os demais livros do pensador francês, sobretudo por sua consideração da linguagem como atividade viva.

De acordo com a concepção humboldtiana de sentido, é nos textos que apreendemos a língua como fim e não meio (TRABANT, 1992, p. 168), uma vez que ali se manifesta o caráter, o elemento central do qual tudo depende. Trabant insiste em observar que todo o *eros* de Humboldt, como filósofo da linguagem, se direciona à poesia e à prosa:

Na introdução ao *Kawi*, depois de lidar principalmente com a estrutura gramatical, o “organismo” das línguas, Humboldt dedica ao caráter um longo capítulo, cuja última parte apresentamos aqui e para a qual tudo se encaminha: poesia e prosa são para Humboldt os pontos finais do desenvolvimento linguístico, a cristalização do caráter (TRABANT, 2021, p. 316).

Como já aqui observado, essa obra de introdução à língua javanesa *Kawi*, em especial, foi muito discutida tanto por filósofos da linguagem quanto por linguistas. Todavia, houve uma forte divisão em sua recepção, reforçada pela

¹⁰⁴ “Face à l’universalisation, la mondialisation et la destruction philosophique du langage, c’est la particularité historique du langage humain – *latine, graece, francisce, germanice loqui* – qui me tient à cœur. Mon Humboldt à moi diffère donc du Humboldt de Meschonnic dans l’accent que je place sur ce moment théorique-là. Il est complémentaire du Humboldt de Meschonnic. (...) Mon Humboldt à moi n’est pas plus complet que celui de Meschonnic, cela va sans dire (...)”.

complexidade de seu texto, excessivamente detalhado e de estrutura geral de difícil compreensão:

[...] os linguistas lidaram principalmente com os capítulos linguísticos da introdução de *Kawi* no sentido mais restrito, já os filósofos – ainda mais exclusivamente – se interessaram pelas passagens de filosofia da linguagem, e partes inteiras decisivas para a arquitetura da construção de Humboldt permaneceram despercebidas por estes e aqueles (TRABANT, 2021, p. 8).

Essa divisão na recepção do autor ainda está por ser superada. Segundo Trabant, a tarefa que Humboldt concebeu no século XIX e atribuiu aos linguistas, ainda que pouco ouvida, almeja a neutralização da separação entre estudos linguísticos e literários. É preciso, assim, apreender a língua no discurso, “onde ela é sua própria finalidade”¹⁰⁵ (TRABANT, 1992, p. 175), e, para uma proposta de antropologia histórica da linguagem, o trabalho criativo é fundamental, pois trata-se, aí, do empírico, “isso que concerne à experiência”¹⁰⁶ (MESCHONNIC; DESSONS, 2003, p. 233).

Após essa exposição, de modo a ligar os pontos entre os autores, podemos recorrer, por fim, uma vez mais, à definição que Meschonnic e Dessons deram à *Anthropologie historique du langage* no glossário final do “*Traité du rythme*”:

Relação à história das sociedades humanas que passa por uma crítica do estatuto da linguagem nas atividades sociais e nas representações culturais (ciências sociais, letras, filosofia), procurando identificar a necessidade de uma interação entre a teoria da linguagem, a teoria da literatura e da arte, a teoria do sujeito, a ética e o pensamento político. Ver *Historicidade*¹⁰⁷ (MESCHONNIC; DESSONS, 2003, p. 233, grifo dos autores).

¹⁰⁵ “où elle est sa propre finalité”.

¹⁰⁶ “Est empirique ce qui relève de l'expérience”.

¹⁰⁷ “Rapport à l'histoire des sociétés humaines qui passe par la critique du statut du langage dans les activités sociales et dans les représentations culturelles (sciences sociales, lettres, philosophie), en travaillant à dégager la nécessité d'une interaction entre la théorie du langage, la théorie de la littérature et de l'art, la théorie du sujet, l'éthique et la pensée du politique. Voir *Historicité*”.

Trata-se, pois, de uma teoria de conjunto que evita a compartimentação da empiricidade e dos conhecimentos, em suma, da experiência. Nesse sentido, não há separação entre teoria da linguagem e da literatura, e por aí passam as questões de tradução enquanto prática crítica.

1.3 Considerações intermediárias

Neste capítulo, centralizado em Humboldt, sobretudo a partir de Meschonnic e de Trabant, discuti a problemática e as implicações da antropologia histórica da linguagem, evidenciando a forte presença da concepção humboldtiana de linguagem no pensamento de Ferdinand de Saussure e de Henri Meschonnic. Com observações de Dessons, Neumann, Benveniste, Lösener, Lohmann e Jäger, o caminho delineou-se através da consideração daquilo que concebe o humano a partir do que lhe garante sua individuação, a linguagem. De acordo com essa discussão, podemos afirmar que é próprio da concepção de uma antropologia histórica da linguagem a postura crítica frente ao estatuto da linguagem nas ciências humanas, questionando o que é deixado de lado quando se desidrata a atividade linguística a ponto de lhe retirar o que lhe é constituinte: a atividade concreta da linguagem, seu ritmo e o sujeito que de si emerge.

Podemos notar, ainda, como a historicidade é fundamental para a concepção de antropologia histórica da linguagem. Meschonnic e Dessons grifam “historicidade” e nos remetem à leitura deste verbete, no qual a diferença entre historicidade e historicismo é acentuada. Segundo os autores, a historicidade é o que há de mais específico em uma obra literária, “é o elo e a matéria do valor, e o próprio objeto da poética”¹⁰⁸ (MESCHONNIC; DESSONS, 2003, p. 233).

¹⁰⁸ “L'historicité est le lien et la matière de la valeur, et l'objet même de la poétique”.

Assim, a linguagem, de um ponto de vista antropológico e histórico, não se deixa reduzir ao primado do signo e à dessubjetivização da linguagem; ela o questiona a cada momento em suas pretensões de universalização e objetividade. Retomando, com isso, as considerações de Trabant (2005, p. 176) a respeito do pensamento meschonniquiano, completa-se com Saussure e Benveniste o trio de autores de Meschonnic que representam esse pensamento da linguagem não redutor. Por essa razão, no capítulo seguinte, discutir-se-á a postura antissemiótica vislumbrada nesses autores e como essa reflexão acerca da atividade concreta da linguagem permite pensar a atividade poética.

2 – A RECRIAÇÃO DA SEMIOLOGIA: RITMO E ATIVIDADE DA LINGUAGEM POÉTICA

*Der Irrthum ist längst verschwunden, dass sie [die Sprache] ein Inbegriff von Zeichen von für sich bestehenden Dingen, oder auch nur Begriffen sei*¹⁰⁹

(HUMBOLDT, 1907 [1811], p. 621)

2.1 Considerações iniciais

No capítulo anterior, dediquei-me à reflexão a respeito da antropologia histórica da linguagem. Para tanto, considerei sobretudo os trabalhos de Henri Meschonnic e de Jürgen Trabant como centrais para a sua compreensão, tomando ainda considerações de Gérard Dessons e de Hans Lösener como ponto de apoio. A abordagem, a partir desses autores, conduziu-me à obra de Wilhelm von Humboldt e à sua presença no pensamento de Ferdinand de Saussure e de Henri Meschonnic. Concluí que, sob uma perspectiva antropológica e histórica, a linguagem resiste a ser reduzida ao domínio exclusivo do signo, à sua separação da poética e à sua consequente dessubjetivização. A consideração da atividade de linguagem será acentuada, assim, em Meschonnic, ao retomar os vínculos teóricos de Humboldt, Saussure e Benveniste.

¹⁰⁹ Tradução minha: “Há muito desapareceu a falácia de que ela [a língua] seria uma personificação de signos de coisas que existem por si mesmas, para além dela, ou mesmo apenas conceitos”.

No decorrer do presente capítulo, são minhas as traduções de Humboldt (1907 [1811]), Trabant (2005), Meschonnic (1982, 2000), Dessons (2006), Laplantine (2008), Lösener (2006, 2021), Dessons & Meschonnic (2003). Em notas-de-rodapé, disponibilizarei os textos fonte dos autores que traduzi.

Neste capítulo, verso a respeito da íntima relação da antropologia histórica da linguagem com a crítica do ritmo, a partir da qual pode-se discutir a recriação da semiologia por parte do poeta e a atividade de sua linguagem poética. Para tanto, tomo como centrais os trabalhos de Benveniste (2005 [1976], 2006 [1976]), Laplantine (2008) e Lösener (2006, 2021). Encontro base, ainda, em considerações de Trabant (2005), Dessons (2006), Meschonnic (1982, 2010, 2017), Dessons e Meschonnic (2003) e Neumann (2016). Nesse sentido, como centro do capítulo, faz-se sentir fortemente a presença teórica de Émile Benveniste, cuja reflexão acerca da significância da arte se oferece como um interpretante da linguagem em geral. Em especial, a seção 2.2 contará com forte inspiração no trabalho de Laplantine (2008), para a discussão da criação de uma nova semiologia, enquanto que, na seção 2.3, colocarei em diálogo Laplantine e Lösener (2006) para a questão específica da atividade da linguagem poética, que encaminhará o terceiro capítulo, focado na leitura sistêmica.

2.2 Da criação de uma nova semiologia por parte do poeta

Como visto no capítulo anterior, o primeiro elemento teórico, e considerado por Jürgen Trabant (2005, p. 177) o mais importante da leitura que Henri Meschonnic faz de Wilhelm von Humboldt, é a concepção da linguagem como atividade concreta do ser humano real, com a qual, junto ao termo *Energieia*, Humboldt refere-se a uma atividade criativa e poética em seu sentido mais amplo. Há necessariamente uma interdependência entre poesia e criação. O poeta é, pois, aquele que cria¹¹⁰. A esse ponto específico dedicam-se as linhas a seguir¹¹¹.

¹¹⁰ “le *poietes* étant celui qui crée” (TRABANT, 2005, p. 177).

¹¹¹ A atual discussão deriva-se de reflexão apresentada em Anjos (2022). Aqui, encontra-se, no entanto, revisada e expandida. No presente trabalho, aprofundo as observações com o intuito de mostrar a relação de uma antropologia histórica da linguagem com a crítica ao signo, com a consideração do ritmo e com as possibilidades de recriação da semiologia através da atividade poética.

No prefácio de *Problemas de Linguística Geral I*, Émile Benveniste afirma, em antecipação, que “a configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos” (2005 [1976], n.p.). Tal ideia será desenvolvida ao longo dos diferentes capítulos da compilação, mas especialmente em “Semiologia da língua”, texto publicado em 1969, no qual é proposta uma semiologia de segunda geração, desde a qual se pode vislumbrar a “análise translinguística dos textos, das obras” (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 67). Especialmente a esse artigo serão feitas alusões, uma vez que nele, e em outros textos do mesmo período de produção de Benveniste, encontramos de maneira mais explícita a busca por um novo programa nas pesquisas do autor. Para ilustrar a importância desse programa, por exemplo, logo após citar esse trecho de Benveniste, Meschonnic (1982, p. 77) observa: “É aqui que a poética do ritmo se impõe. Ela inscreve-se na pesquisa da semântica, na teoria do particular”¹¹².

Aqui, com o objetivo de discutir esse novo programa e a noção de *recriação* artística vinculada à ideia de uma nova semiologia, trago reflexões de Gérard Dessons (2006) e de Chloé Laplantine (2008) acerca do pensamento benvenistiano. Nesse sentido, como observado por Dessons, faz-se mister ter em vista a função crítica da noção de *reinvenção* que, conferida pelo prefixo *re-*, “funciona como um marcador de historicidade”¹¹³ (DESSONS, 2006, p. 14) em Benveniste. Na linguagem, a iteração é, pois, uma reinvenção. Adiante, a partir de considerações de Benveniste acerca do modo de funcionamento da linguagem poética e da necessidade de elaboração, através do discurso poético, de novas categorias para pensar a linguagem, Dessons (2006, p. 199) pontua:

Benveniste designou assim as aberturas da sua própria teoria da linguagem. Trata-se de “coordenar” a teorização da literatura e a teorização da língua, e esta coordenação implica a reciprocidade da relação. Se a linguística da enunciação, que é uma linguística da historicidade, permite pensar a literatura, a teorização da literatura obriga a linguística da enunciação a

¹¹² “C'est là que prend une poétique du rythme. Elle s'inscrit dans la recherche du sémantique, la théorie du particulier”.

¹¹³ “le préfixe *re-* fonctionne comme un marqueur d'historicité”. Nota-se como Benveniste destaca o prefixo *re-* para realçar a ideia de uma ação da ordem da singularidade, sempre nova e irrepetível.

desvencilhar o estudo da linguagem da perspectiva exclusiva da “linguagem ordinária”¹¹⁴.

A linguística da enunciação não seria, então, um esquema programático de aplicação sobre a literatura, que permaneceria ali passiva e interrogada. A literatura surge, nesse contexto, como um interrogante da própria teorização enunciativa, exigindo reciprocidade.

Com o propósito de discutir a extensão da reflexão de Benveniste em direção ao texto poético, Dessons interroga-se, na subseção “Une sémantique de l’art” (2006, p. 199-208), a respeito do lugar específico da arte nas preocupações do autor. Dessons (2006, p. 199-200) observa que, em “Semiologia da língua”, Benveniste aborda a relação entre a significação e a arte especificamente através das artes não-verbais, mas que, no entanto, essa reflexão é extensível à literatura. Essa análise de outros modos de significar da linguagem poética está no centro de um ensaio que Benveniste estava a preparar nesse período e que coloca o poeta no mesmo paradigma de um pintor ou escultor. A reflexão serve, pois, à literatura. Dessa discussão, resgato, aqui, a sua concepção do poeta como aquele que faz algo, como um criador, e o olhar sobre a dimensão artística da linguagem, sobre “o lugar onde o valor se constitui”¹¹⁵ (DESSONS, 2006, p. 200). Trata-se de uma busca pelo modo como a arte significa, “um modo específico de significação dissociado do modo semiótico”¹¹⁶ (DESSONS, 2006, p. 201).

Em uma breve passagem de “Semiologia da língua”, Benveniste analisa o seguinte verso de “Correspondances”, presente em *Les Fleurs du mal*: “Les parfums, les couleurs et les sons se répondent”¹¹⁷ (BAUDELAIRE *apud* BENVENISTE, 2006 [1976], p. 62). Trata-se de um poema-chave na obra de

¹¹⁴ “Benveniste a donc désigné les ouvertures de sa propre théorie du langage. Elles impliquent de « coordonner » la théorisation de la littérature et la théorisation de la langue, cette coordination impliquant la réciprocité de la relation. Si la linguistique de l'énonciation, qui est une linguistique de l'historicité, permet de penser la littérature, la théorisation de la littérature oblige la linguistique de l'énonciation à désenclaver l'étude du langage de la seule perspective du « langage ordinaire »”.

¹¹⁵ “le lieu où la valeur se constitue”.

¹¹⁶ “un mode spécifique de signification dissocié du mode sémiotique”.

¹¹⁷ Na tradução de Júlio Castañon Guimarães: “Assim, perfumes, cores, sons se correspondem” (BAUDELAIRE, 2019).

Baudelaire, de caráter fundador de sua poética sensorial. Tomando por base a associação entre diferentes sentidos e percepções presente nesse verso, Benveniste observa que o poema constrói uma significação própria, posto que as correspondências ali criadas “não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete” (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 62).

A partir das considerações de Benveniste, Dessons percebe que essa significação específica da arte, sempre particular, também se estende ao poema e o inclui: “O poeta recria assim uma nova semiologia” (BENVENISTE *apud* DESSONS, 2006, p. 203). Tal consideração coloca a subjetividade no centro da discussão literária: “Com a irredutibilidade da obra, é a subjetividade que se encontra no cerne da questão da arte”¹¹⁸ (DESSONS, 2006, p. 203).

*

Essa ideia da subjetividade como centro do artístico e interrogante da teoria da linguagem como um todo será trabalhada em profundidade na tese de Chloé Laplantine, intitulada *Emile Benveniste : poétique de la théorie*, que se debruça sobre os manuscritos do autor a respeito da língua de Charles Baudelaire. Orientada por Gérard Dessons, Laplantine contou ainda com a participação de Henri Meschonnic em sua banca, a quem a autora, já nos agradecimentos, demonstra a sua filiação, declarando que sua tese é uma extensão dos esforços do pensador francês, ao longo dos últimos quarenta anos, para elaborar uma poética e uma antropologia histórica da linguagem. O trabalho de Laplantine não tem, no entanto, nada de modesto: além de organizar e publicar os manuscritos de Émile Benveniste a respeito da linguagem poética, gerando com isso enorme interesse e inúmeras publicações¹¹⁹, ainda

¹¹⁸ “Avec l'irréductibilité des œuvres, c'est la subjectivité qui se trouve placée au cœur même de la question de l'art”.

¹¹⁹ Ver Neumann (2022b, p. 148).

desenvolve toda uma reflexão que reforça o pensamento do autor no âmbito da poética do ritmo de base meschonniquiana.

Assim como no capítulo anterior, é importante frisar aqui, ainda, de antemão, a relação desses escritos com a pesquisa de Saussure como um todo, do *Curso de Linguística Geral* aos anagramas. Laplantine observa que Benveniste forneceu meios para uma leitura crítica do *CLG*, que não se confunde com a dos estruturalistas, continuando-o “apesar da neblina”¹²⁰ (2008, p. 233). A autora defende que a reflexão de Benveniste sobre a linguagem poética torna possível a escrita de “Semiologia da língua”. Testemunha a favor disso o fato de algumas formulações presentes nos manuscritos serem extremamente próximas às do artigo. Pode-se destacar, entre outros, o paralelo entre a descrição do “poeta” e do “artista” ou, ainda, a reflexão sobre uma “semiologia nova” e sobre “sua própria semiótica” (LAPLANTINE, 2008, p. 247).

Com esse foco no singular da produção, Benveniste conclui que “o poema cria o seu próprio paradigma de associações”¹²¹ (LAPLANTINE, 2008, p. 255), observando não uma relação de ordem sintática, mas sintagmática, como a pesquisa saussuriana acerca dos anagramas, na qual a noção de consecutividade – associativa, não linear – questiona a “sucessividade como funcionamento unidimensional da linguagem na comunicação”¹²² (DESSONS, 2006, p. 196 *apud* LAPLANTINE, 2008, p. 253).

Nas páginas que antecedem o primeiro capítulo da segunda parte da tese de Chloé Laplantine, é introduzida a problemática teórica em questão e que dá título a essa seção: *La langue poétique* (a linguagem poética):

Parece que a língua poética nos revela um tipo de língua da qual até agora mal suspeitávamos de seu alcance, riqueza e natureza singular. A língua poética deve ser considerada em si mesma e por ela mesma. Ela tem um modo de significação diferente da língua ordinária e deve receber um aparelho de definições

¹²⁰ “malgré le brouillard”.

¹²¹ “Le poème crée son propre paradigme d’associations”.

¹²² “la successivité comme fonctionnement unidimensionnel du langage dans la communication”.

distintas. Ela exigirá uma linguística diferente¹²³ (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, 2008, p. 139).

Embora o título da seção faça referência à linguagem poética, percebe-se que parte de uma discussão na qual Benveniste discute o que ele chama de língua poética. O trecho utilizado por Laplantine como epígrafe, advindo de um manuscrito de Benveniste sobre a linguagem poética, já aponta dois direcionamentos para a discussão do capítulo: a) a língua poética possui um modo de significação diferente da língua ordinária; b) é necessário um aparelho de definições distinto do utilizado para a língua ordinária.

Ao longo da subseção intitulada “Benveniste et le poème”, Laplantine ressalta, através de exemplos de obras que estiveram no horizonte do autor, a presença e o papel crítico da arte na obra de Émile Benveniste. A autora argumenta que, na tensão entre arte e linguagem, o poema surge como uma interrogação no trabalho de Benveniste (LAPLANTINE, 2008, p. 156). Renovar a semiótica literária é, assim, escapar à convenção fixa:

A arte, tal como Benveniste a define, escapa à dimensão do “sentido”, que é a dimensão da convenção fixa. O que podemos imaginar, então, é que “esse outro tipo de análise” seria uma poética, a transformação do olhar implicado pela obra de arte¹²⁴ (LAPLANTINE, 2008, p. 156).

Com isso, Laplantine (2008, p. 157) salienta que a linguagem poética termina por questionar a linguagem ordinária, renovando a abordagem da linguagem em geral. Dessa forma, a autora vê em Benveniste um contínuo entre a linguagem poética e a do dia a dia. Não se encontra aí oposição, mas sim transformação do pensamento da linguagem: “é da tensão entre a arte e a

¹²³ “Il semble que la langue poétique nous révèle un type de langue dont on a jusqu’à présent à peine soupçonné l’étendue, la richesse, la nature singulière. La langue poétique doit être considérée en elle-même et pour elle-même. Elle a un autre mode de signification que la langue ordinaire, et elle doit recevoir un appareil de définitions distinctes. Elle appellera une linguistique différente”.

¹²⁴ “L’art ainsi que Benveniste le définit échappe à la dimension du « sens », qui est la dimension de la convention fixée. Ce qu’on peut imaginer alors c’est que « cet autre type d’analyse » ce serait une poétique, la transformation du regard impliquée par l’œuvre d’art”.

linguagem que nasce a formulação de uma semiologia da língua”¹²⁵ (LAPLANTINE, 2008, p. 157).

Em função desse interesse pela linguagem poética, e com esse olhar que busca o particular e não o generalizante, Laplantine (2008, p. 158-159) observa em Benveniste, a partir do uso do termo metassemântica, a “descoberta de semânticas particulares” e “a descoberta e transformação do ponto de vista que organiza a visão”¹²⁶. Com essa leitura da obra benvenistiana, Laplantine defende que o poema implica necessariamente uma transformação do olhar, uma vez que “*semântica* e *metassemântica* em Benveniste aparecem aqui como sinônimos de *poética*”¹²⁷ (2008, p. 159, grifos da autora). Essa ideia, implícita na primeira epígrafe, perpassa a discussão até o final do subcapítulo, quando a autora sustenta que a metassemântica, buscada e anunciada por Benveniste em “Semiologia da língua”, seria uma renovação, uma “invenção de um olhar novo através de um dizer novo”¹²⁸ (LAPLANTINE, 2008, p. 160) e, portanto, uma poética.

Em seguida, no subcapítulo “C’est une remise en question de tout le pouvoir signifiant traditionnel du langage”¹²⁹, Laplantine avança a análise do papel da arte no pensamento benvenistiano, sobretudo no que toca ao questionamento que a produção artística lhe provoca e às consequências disso no fazer teórico do linguista. A autora aponta que “é com Baudelaire, com o poema, que ele renova de maneira decisiva sua teoria da linguagem”¹³⁰ (LAPLANTINE, 2008, p. 162). A produção artística baudelairiana surge, assim, como um grande interrogante que leva Benveniste a transformar sua própria teorização. A partir das discussões até aqui elencadas, pergunto: qual o papel

¹²⁵ “c’est de la tension entre l’art et le langage que naît la formulation d’une sémiologie de la langue”.

¹²⁶ “la découverte de sémantiques particulières” e “la découverte et la transformation du point de vue qui organise la vision”.

¹²⁷ “*Sémantique* et *métasémantique* chez Benveniste apparaissent ici synonyme de *poétique*”.

¹²⁸ “l’invention d’un regard nouveau par un dire nouveau”.

¹²⁹ “É um questionamento de todo o poder significante tradicional da linguagem”.

¹³⁰ “c’est avec Baudelaire, avec le poème, qu’il renouvelle de manière décisive sa théorie du langage”.

da literatura? De que realidade se fala aqui? Como isso se relaciona com a singularidade? A seguir, busco entrelaçar essas questões.

Em uma época marcada tanto pela exclusão da literatura na reflexão pragmática, que a vê como parasitária, quanto pelo interesse estruturalista, que a vê como objeto interpretado, Benveniste busca pensar linguística e literatura conjuntamente, em uma tentativa que modestamente diz parecer radical, segundo suas notas:

O trabalho de Benveniste ainda está muito à frente do que se pensa sobre a linguagem e o poema. “Nossa tentativa parecerá radical. Estamos certos de que um dia será censurada por não ter sido suficientemente radical”, escreve Benveniste; a sua tentativa continua a ser radical¹³¹ (LAPLANTINE, 2008, p. 166).

Laplangtine (2008, p. 167) argumenta que, em Benveniste, a literatura é “um observatório crítico para o linguista”¹³², pois coloca em questão as categorias usadas para abordar a “linguagem ordinária”. No centro da discussão, assim, encontra-se a mudança de olhar sobre a linguagem, posta em crise pela literatura.

Segundo Laplangtine (2008, p. 171), “a poética de Benveniste permite a crítica da oposição essencial entre ‘linguagem poética’ e ‘ordinária’”¹³³, uma vez que sua poética critica a concepção de uma linguagem referencial, colocando em questão sua abordagem inteira. Trata-se, pois, de “uma *conversão de ponto de vista*”¹³⁴ (LAPLANTINE, 2008, p. 174), provocada pela leitura de Baudelaire; ou, ainda, de uma “invenção de um olhar específico”¹³⁵ (LAPLANTINE, 2008, p. 175) e, concomitantemente, de “uma invenção da análise, do olhar, uma

¹³¹ “Le travail de Benveniste reste encore très en avance sur ce qui se pense à propos du langage et du poème. « Notre tentative semblera radicale. Nous sommes sûr qu’un jour on lui reprochera de ne pas l’avoir été assez », écrit Benveniste ; sa tentative continue d’être radicale”.

¹³² “la littérature est chez Benveniste un observatoire critique pour le linguiste”.

¹³³ “la poétique de Benveniste permet la critique de l’opposition essentielle du « langage poétique » et du « langage ordinaire »”.

¹³⁴ “une *conversion du point de vue*”.

¹³⁵ “l’invention d’un regard spécifique”.

transformação do analista por esse olhar, por esse poema”¹³⁶ (LAPLANTINE, 2008, p. 176). Com isso, Laplantine observa que, para Benveniste, não há invenção do olhar sem invenção de uma nova gramática, de uma nova língua. Justamente essa língua nova, essa criação e subjetivação de alto grau, é que permite que “o poeta desvele uma realidade que o hábito escondia”¹³⁷ (LAPLANTINE, 2008, p. 180), não revelando uma verdade, mas sim descobrindo uma realidade encoberta pelas convenções.

Desse modo, Benveniste percebe que, em Baudelaire, a literatura foge à instrumentalidade, ao convencionalismo, à denotação, reivindicando liberdade. Por consequência, sua concepção de linguagem também não é denotativa, mas simbólica. Benveniste usa com frequência os termos “representar” e “representação”, mas dentro de um quadro saussuriano, que se opõe à ideia de nomenclatura, própria às leituras convencionalistas¹³⁸.

A crítica benvenistiana é direcionada à representação realista da linguagem, reforçando, assim, a teoria saussuriana. Pelas palavras de Laplantine (2008, p. 188), Benveniste “fala de um real, mas esse real é particular, porque ele é linguístico”¹³⁹, ou seja, esse real é interno ao discurso, uma vez que o homem está na linguagem, na representação. A subjetividade, assim, “se define como o processo inteiro da linguagem” (LAPLANTINE, 2008, p. 207), não restrita a marcas, não redutível também a gêneros. Com isso, Laplantine (2008, p. 213-214) identifica em Benveniste um projeto de história, de realidade, que, com a crítica ao realismo da descrição, desloca o valor do termo “realista”: não se trata mais de um valor referencial, mas criativo.

Em função disso, por fim, retomo a discussão, observada a partir de “Semiologia da língua”, sobre o olhar que busca o particular e não o generalizante. Laplantine constata em Benveniste, a partir do uso do termo “metassemântica” (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 67), a busca pela “descoberta

¹³⁶ “une invention de l’analyse, du regard, une transformation de l’analyste par ce regard, par ce poème”.

¹³⁷ “le poète dévoile une réalité que l’habitude cachait”.

¹³⁸ No que concerne à diferença entre historicidade em Saussure e convencionalismo, ver Lösener, 2021.

¹³⁹ “il parle bien d’un réel, mais ce réel est particulier parce qu’il est linguistique”.

de semânticas particulares” e “a descoberta e transformação do ponto de vista que organiza a visão”¹⁴⁰ (2008, p. 158). Desse modo, Laplantine (2008, p. 216) conclui que, em Benveniste, “a arte é reinventada por cada obra”¹⁴¹, uma vez que se trata de “uma realidade criada indefinidamente pelo próprio poeta, por meio de seus versos”¹⁴² (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, 2008, p 216).

Ao reconhecer suas diferentes gramáticas semânticas, poéticas, Benveniste chega a opor Baudelaire e Mallarmé, pela forma de vida que cada um produz em seus poemas, este radicalizando a crítica operada por aquele à concepção realista da linguagem. Chegamos aqui ao limite do risco, ao que Meschonnic chama, em *Modernidade, Modernidade*, de intempestividade e de imprevisibilidade, uma vez que o embate com a incompreensão é parte do contemporâneo. A modernidade é, assim, o “que faz das invenções do pensar, do sentir, do ver, do ouvir, a invenção de formas de vida” (2017, p. 17), como um combate que não cessa de recomeçar, “porque ela é um estado nascente, indefinidamente nascente, do sujeito, de sua história, de seu sentido” (2017, p. 13).

Para Meschonnic (2017, p. 40), essa “crise é a própria condição do sentido a caminho de se fazer”. Essa incompatibilidade, essa inadequação, é caracterizada pelo autor como a modernidade, “que não é o novo, não é a ruptura. Mas a *abolição da oposição entre o antigo e o novo*” (MESCHONNIC, 2017, p. 81, grifo do autor). Essa perspectiva crítica preserva a pluralidade, evita a compulsão de convergência e a necessidade da unidade, uma vez que “toda redução da pluralidade ao dualismo recai no sentido mais pobre, e mais antigo, do moderno. Leva a falar do moderno em termos arcaicos” (MESCHONNIC, 2017, p. 81). É, pois, com essa intempestividade que o poeta cria sua própria semiologia, seus próprios valores e associações:

Existe algo de inapreensível nos termos que exprimem essa relação do poder e do tempo, essa labilidade com a qual eles permutam seu valor. Indício de que são indicadores de

¹⁴⁰ “la découverte de sémantiques particulières” e “la découverte et la transformation du point de vue qui organise la vision”.

¹⁴¹ “l’art est réinventé par chaque œuvre d’art”.

¹⁴² “une réalité indéfiniment créée par le poète même, au moyen de ses vers”.

subjetividade. O atual repele, mas supõe, o inatural, o intempestivo, que não se mede e não se contém, na medida de um tempo (MESCHONNIC, 2017, p. 139).

É preciso, pois, ler o trabalho do sujeito no texto, em sua própria atividade, visto que “[o] sujeito, que só é sujeito pelo trabalho em curso, não sabe ainda do que ele é contemporâneo” (MESCHONNIC, 2017, p. 147). Destarte, é em sua própria poética que deve ser lido um autor, em seu ritmo, em sua historicidade, no que faz o poema, pois a modernidade é o infinito do sujeito (MESCHONNIC, 2017, p. 331). Daí podermos falar da modernidade Baudelaire, da modernidade Mallarmé, da modernidade como “o modo histórico da subjetividade” (MESCHONNIC, 2017, p. 42). A partir de Benveniste, tomando como base “Semiologia da língua”, Meschonnic chamará essa recriação de “sémantique sans sémiotique”, semântico sem semiótico¹⁴³ – pois, na arte, o poeta recria a sua semiologia, cria seu próprio sistema com seus valores, colocando em jogo elementos de um discurso singular. Essa discussão será agudizada nas seções seguintes, dedicadas às noções de ritmo e de atividade no que tange à criação poética.

2.3 Do ritmo e da atividade no que tange à criação poética

Uma vez que meu interesse orbita em torno da noção de atividade, do que o poema faz e de como ele cria a sua própria significância, busquei destacar nos tópicos anteriores a concepção de antropologia histórica da linguagem, em sua postura crítica ao estatuto da linguagem, e as questões da significação da

¹⁴³ Meschonnic (1982, p. 76) reforça a ideia de que Benveniste, em “Semiologia da língua”, marca a diferença irreduzível entre Saussure e Peirce. Como observam Meschonnic & Dessons (2003, p. 235), é preciso não confundir os modos semiótico e semântico com a semiótica. Aqueles referem-se às modalidades do sentido concebidas por Émile Benveniste, que levam em conta a atividade do locutor; este refere-se à disciplina semiótica, que constrói a sua teoria da significação a partir do modelo do signo, como visto em Charles Sanders Peirce.

arte e da especificidade da atividade poética, culminando na consideração da recriação da semiologia por parte do poeta.

Nesse sentido, com a reflexão derivada da poética do discurso meschoniquiana, à qual Dessons, Laplantine, Lösener e Neumann se filiam, busco um modo de leitura que escape à classificação do poema no tempo histórico, voltando-me assim à produção, à sua historicidade. Minha aproximação a essa base teórica dá-se, pois, em uma recusa ao historicismo e em uma tentativa de leitura do modo pelo qual os poemas se constroem em sua própria poética. Para refletir acerca dessa construção, trago a seguir considerações de Meschonnic (2017), Lösener (2006, 2021), Dessons (2006), Dessons e Meschonnic (2003), Laplantine (2008) e Neumann (2016).

De acordo com Meschonnic (2017, p. 81), o historicismo é buscado por uma compulsão pela unidade, pela distribuição no tempo histórico, em detrimento da historicidade radical da linguagem, aquela de Émile Benveniste e de Ferdinand de Saussure. O autor observa que “O poema não se opõe ao radicalmente arbitrário, ao radicalmente histórico do signo. A menos que se confunda o arbitrário com a convenção, para voltar ao falso duelo entre convenção e natureza”¹⁴⁴ (MESCHONNIC, 1982, p. 40). A esse respeito, Lösener (2006, p. 66) pontua que, para Saussure, valor e sistema são mutuamente dependentes: “A partir desta interdependência de sistema e valor resulta a historicidade radical do sistema”¹⁴⁵. Por essa razão, o autor observa que “o sistema não pode ser separado da respectiva língua; ele é cada vez único (no sentido de Humboldt), ou seja, histórico” (LÖSENER, 2021, p. 10).

A estrutura, em contrapartida, “pode ser separada da língua individual e da história” (LÖSENER, 2021, p. 10), sendo estudada em unidades. Segundo os autores, deriva dessa necessidade de unidade o apego às escolas, às escolarizações, pois, “quem apenas vê a obra de arte na história, irá lê-la como um mero documento histórico, como expressão de uma época ou como um

¹⁴⁴ “Le poème ne s'oppose pas au radicalement arbitraire, au radicalement historique du signe. Sauf si on confond l'arbitraire avec la convention, pour revenir au faux duel entre la convention et la nature”.

¹⁴⁵ “Aus dieser Interdependenz von System und Wert ergibt sich die radikale Geschichtlichkeit des Systems”.

reflexo de uma cultura social particular”¹⁴⁶ (LÖSENER, 2006, p. 118). Assim, para não cair nos abrigos dos esquemas, é preciso encarar a performatividade semântica do poema, ou seja, observar o que o texto faz, considerando não elementos pré-existentes, mas sim valores que emanam do sistema.

Com um olhar que procura escapar ao historicismo, Dessons (2006, p. 78-81) aproxima as concepções de linguagem de Benveniste e de Humboldt, observando a ênfase dos autores na atividade de linguagem, não em um produto resultante desta. Como um dos frutos possíveis dessas aproximações, Dessons (2006, p. 69-71) considera que a ampliação da classe formal da enunciação, calcada no valor individuante de todo ato linguístico, é sintomática de uma tendência de Benveniste a considerar o discurso como uma globalidade enunciativa. Nessa perspectiva, a passagem do semiótico ao semântico¹⁴⁷ integra a dimensão empírica à concepção de linguagem, o que permite pensar o discurso como “um ato ético global”¹⁴⁸ (DESSONS, 2006, p. 102).

Desse modo, a capacidade de subjetivação é vista como inerente à linguagem, sendo, por essa razão, um universal linguístico, “não porque a linguagem *traduziria* uma subjetividade preexistente, mas porque ela realmente e especificamente a *constitui*”¹⁴⁹ (DESSONS, 2006, p. 99, grifos do autor). Segundo Dessons, a consideração da historicidade fundada na e pela enunciação leva Benveniste a refletir, a partir da noção de apropriação da língua, sobre a ocorrência do “processo infinito da individuação”¹⁵⁰ (2006, p. 110).

Destarte, o ato de enunciação e a produção e emergência de significação seriam necessariamente interdependentes e radicalmente históricos, uma vez que “a enunciação não é, portanto, um produto da história; pelo contrário, é sua

¹⁴⁶ “Wer nur das Kunstwerk in der Geschichte sieht, wird es als bloßes historisches Dokument lesen, als Ausdruck einer Epoche oder als Spiegelbild einer bestimmten Gesellschaftskultur”.

¹⁴⁷ Ao longo de sua produção, Benveniste confronta-se constantemente com o problema da significação, uma vez que compreende a língua como, antes de mais nada, um sistema significante. Para o autor, na base da língua, encontra-se o sistema semiótico, cujos signos têm caráter genérico. Sobre o semiótico, porém, há uma semântica própria construída pela língua-discurso, cujas palavras são sempre particulares.

¹⁴⁸ “un acte éthique global”.

¹⁴⁹ “non parce que le langage *traduirait* une subjectivité préexistante, mais parce qu’il la *constitue* réellement et spécifiquement”.

¹⁵⁰ “le processus infini de l’individuation”.

condição, pois funda a historicidade”¹⁵¹ (DESSONS, 2006, p. 110). Nesse sentido, a noção de ritmo desempenhará um papel fundamental, como destaque a seguir.

2.3.1 Do ritmo

Como discutido até aqui, uma antropologia histórica da linguagem, assim como concebeu Henri Meschonnic, parte de uma crítica necessária ao signo e propõe-se a olhar para a significação como fluxo emergente. O ritmo, aí, será figura-chave para a compreensão de sua teoria. Por essa razão, a ele são dedicadas as páginas a seguir.

Como observa Neumann (2016, p. 8-9), Meschonnic vê Benveniste como um continuador de Saussure e, da mesma forma, propõe-se a continuar seu trabalho sugerido em “Semiologia da língua”, texto seminal que o inspira a avançar na teorização da linguagem poética como um espaço do semântico sem semiótico. Segundo a autora, a poética de Meschonnic “seria, nesse sentido, uma proposta de translinguística ou metassemântica, mencionada no final programático do texto de 1969” (NEUMANN, 2016, p. 9); pelas palavras de Meschonnic: “é sobre essa via que eu situo a poética do ritmo” (MESCHONNIC 2008, p. 415 *apud* NEUMANN, 2016, p. 9). A autora argumenta que a proposição do semântico sem semiótico de Meschonnic:

(...) não nega a existência do semiótico, mas propõe que se observe os textos e as obras a partir de seu sistema de discurso, a partir de seu semântico. A relação se inverte se comparada ao que se faz tradicionalmente nos estudos da linguagem. Metodologicamente, não se investiga mais como o semiótico cria o semântico, mas o inverso, como o semântico constitui o semiótico (NEUMANN, 2020, p. 400).

¹⁵¹ “L’énonciation n’est donc pas un produit de l’histoire ; elle en est au contraire la condition, puisqu’elle fonde l’historicité”.

Meschonnic assume, assim, expressamente, a tarefa que Benveniste relegou ao futuro da linguística, ao destino de uma linguística para além do primado do signo. Para isso, é preciso repassar a noção de ritmo e suas implicações.

Benveniste vislumbra a noção de ritmo em “A noção de ‘ritmo’ na sua expressão linguística”, artigo escrito em 1951 para um periódico da área da psicologia. Após exaustiva exposição de exemplos extraídos de textos da Antiguidade, o autor conclui que é somente a partir de Platão que *ῥυθμός* (ritmo) passa a ser designado como regularidade, proporção, metro ou previsibilidade. Houve, aí, uma platonização do ritmo:

(...) essa “forma” é, a partir de então, determinada por uma “medida” e sujeita a uma ordem. Eis o novo sentido de *ῥυθμός*: a “disposição” (sentido próprio da palavra) é em Platão constituída por uma seqüência ordenada de movimentos lentos e rápidos, assim como a “harmonia” resulta da alternância do agudo e do grave. E é à ordem no movimento, a todo o processo do arranjo harmonioso das atitudes corporais combinado com um metro, que se chama a partir daí *ῥυθμός* (BENVENISTE, 2005 [1976], p. 369).

Até então, a noção de ritmo na cultura helena não era associada à metrificação, mas sim estava a serviço do que era “movediço, móvel, fluido, a forma daquilo que não tem consistência orgânica” (BENVENISTE, 2005 [1976], p. 367). Segundo Benveniste, tal aspecto movente:

convém ao *pattern* de um elemento fluido, a uma letra arbitrariamente modelada, a um peplo que se arruma como se quer, à disposição particular do caráter ou do humor. É a forma improvisada, momentânea, modificável. Ora, *ῥεῖν* é o predicado essencial da natureza e das coisas na filosofia jônica desde Heráclito, e Demócrito pensava que, sendo tudo produzido pelos átomos, só o seu arranjo diferente produz a diferença das formas e dos objetos. Pode-se compreender então que *ῥυθμός*, significando literalmente ‘maneira particular de fluir’, tenha sido o termo mais próprio para descrever ‘disposições’ ou ‘configurações’ sem fixidez nem necessidade natural, resultantes de um arranjo sempre sujeito à mudança (BENVENISTE, 2005 [1976], p. 367-368).

A platonização do ritmo fixou-se na cultura ocidental e perdurou, chegando a nossos dias de maneira inabalável. Como pontua Neumann (2016, p. 15), essa noção de ritmo lembrada por Benveniste, enquanto fluidez e imprevisibilidade, será, no entanto, somente “problematizada e trazida para a ordem do dia por Meschonnic, em 1982”, em *Critique du rythme – anthropologie historique du langage*, trabalho no qual o autor defende a necessidade de desplatonizar a noção de ritmo e de lidar com o movente. A seguir, trago considerações de Dessons e Meschonnic (2003) que reforçam e especificam esse ponto, ao discutir o quão aproximadas se tornaram, em nossa cultura, noções como as de ritmo e rima, por exemplo.

Em *Traité du rythme*, no subcapítulo intitulado “Le mot et la chose”, Dessons e Meschonnic apresentam uma longa lista de exemplos de dicionários de línguas ocidentais que testemunham a confusão entre as palavras “ritmo” e “rima”, tomando-as por sinônimas. Com isso, os autores objetivam ilustrar o que Benveniste mostrou em seu artigo sobre a noção de ritmo¹⁵², a saber: a ideia platônica de ritmo, entendido como período com intervalos regulares, é aceita como natural. Dessa discussão, pontuo:

1) nos verbetes dos dicionários apresentados (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 12-23), a quantidade de termos relacionados ao que os autores chamam de ordem do descontínuo: regularidade, periodicidade, frequência, cadência, disposição simétrica, distribuição de uma duração, métrica, pé, correlação harmoniosa, medida. Essas entradas testemunham uma forte aproximação ao âmbito da música, sedimentando-se, porém, como uma noção técnica que se volta a regularidades.

2) a indagação sobre o porquê da manutenção do nome “ritmo”, uma vez que a noção corrente é tão diferente da que se busca resgatar. Para respondê-la, Dessons e Meschonnic apoiam-se em uma resposta de Bergson, para quem um termo em si não circunscreve tanto uma coisa, mas um problema para o qual as soluções diferem. Segundo os autores, trata-se, em última instância, da

¹⁵² *Problemas de Linguística Geral I*.

desplatonização da definição de ritmo (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 30), para situá-lo na teoria geral da linguagem.

3) a afirmação sobre a necessidade de transformação da noção de ritmo para que se abandone uma teoria métrica, binária, e se possa trabalhar com o reconhecimento dos ritmos do discurso, moventes. Dessons e Meschonnic definem o ritmo como “*a organização do movimento da fala por um sujeito*”¹⁵³ (2003, p. 28, grifo dos autores) e enfatizam que essa concepção determina a poética, sendo preciso, portanto, situá-la não apenas como um trabalho para “reconhecer *o que faz* uma obra literária, e *como* ela o faz”¹⁵⁴ (2003, p. 28, grifo dos autores), mas também como um “reexame da representação comum da linguagem”¹⁵⁵ (2003, p. 28), que conduz à inseparabilidade entre literatura e teoria da linguagem.

Dessons e Meschonnic (2003) dissertam, assim, sobre a definição clássica de ritmo, na qual a linguagem é identificada a uma representação do signo linguístico, produzindo a ilusão de que esta seja a própria linguagem: “aquilo que nos foi apresentado como a natureza das coisas – a natureza da linguagem – é apenas uma representação da linguagem”¹⁵⁶ (2003, p. 38). Os autores apontam que falta o empírico à definição de linguagem pelo signo, sendo, por isso, a crítica do ritmo uma perspectiva crítica do signo, que objetiva pôr em crise seu paradigma descontínuo.

Tal crítica busca o ritmo como organização subjetiva, como historicidade radical da linguagem, por considerar que essa nova noção desplatonizada “possui consequências sobre todo o pensamento da sociedade”¹⁵⁷ (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 37). Nesse sentido, Dessons e Meschonnic (2003, p. 41) consideram a implicação entre teoria da literatura e da linguagem como fundamental para uma antropologia histórica da linguagem, por manifestar a necessidade de uma outra concepção que questione a binaridade e a

¹⁵³ “*le rythme est l’organisation du mouvement de la parole par un sujet*”.

¹⁵⁴ “reconnaître *ce que fait* une œuvre littéraire, et *comment* elle le fait”.

¹⁵⁵ “un réexamen de la représentation commune du langage”.

¹⁵⁶ “ce qu’on nous a si longtemps présenté comme la nature des choses – la nature du langage – n’est qu’une représentation du langage”.

¹⁵⁷ “a des conséquences sur toute la pensée de la société”.

universalidade do ritmo. Trata-se, pois, de renovar a noção de ritmo, de percebê-la como um conceito de linguagem e de conceder “ao contínuo uma consistência teórica correspondente à sua existência empírica”¹⁵⁸ (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 43). Desse modo, por uma crítica frontal à universalidade do ritmo pela métrica, Meschonnic observa:

Eu não considero mais o ritmo uma alternância formal do mesmo e do diferente, dos tempos fortes e dos tempos fracos. Na pista de Benveniste, que não transformou a noção, mas que mostrou, pela história da noção, que o ritmo era em Demócrito a organização do movente, entendo o ritmo como a organização e a própria operação do sentido no discurso (MESCHONNIC, 2010, p. 43)

A concepção tradicional de ritmo baseada na métrica, ou seja, na alternância regular de elementos como tempos fortes e fracos, presta-se ao primado do signo, não à poética do ritmo. A exposição etimológica de Benveniste leva Meschonnic a pensar o ritmo como a *organização do movente*, como processo vivo, significativo, inseparável da produção de sentido. Desse modo, com a noção de ritmo, entendida como “[a] organização (da prosódia à entonação) da subjetividade e da especificidade de um discurso: sua historicidade” (MESCHONNIC, 2010, p. 43), as práticas discursivas são repensadas segundo uma perspectiva que leva em conta o empírico e o singular, considerando “[n]ão mais um oposto do sentido, mas a significação generalizada de um discurso” (MESCHONNIC, 2010, p. 43). Essa significação discursiva que se busca passa pela consideração das relações solidárias de uma paradigmática¹⁵⁹ e de uma sintagmática constituintes do texto. Como especificam Dessons e Meschonnic:

Estes dois termos são utilizados aqui para definir a noção de *semântica serial*. Falar de uma paradigmática e de uma

¹⁵⁸ “donner au continu une existence théorique correspondant à son existence empirique”.

¹⁵⁹ Aqui, Meschonnic opera um deslocamento terminológico ao utilizar os termos paradigmática e sintagmática. Como observam Meschonnic e Dessons (2003, p. 234), não se deve confundir essa terminologia com o que foi imputado a Saussure pela leitura estruturalista, a qual Meschonnic rechaça. Saussure versava a respeito de “relações associativas”, *rapports associatifs*, mesmo no que foi publicado no *CLG*.

sintagmática prosódica é descrever a *significância* (ver esta palavra) de um discurso como a organização dos significantes consonantais-vocálicos em cadeias temáticas¹⁶⁰ (2003, p. 235, grifo e comentário dos autores).

Faz-se necessário, aqui, buscar compreender a definição de poema no âmbito da poética do ritmo. A noção de poema para Meschonnic: “Contra todas as poetizações, digo que há um poema somente se uma forma de vida transforma uma forma de linguagem e se, reciprocamente, uma forma de linguagem transforma uma forma de vida”¹⁶¹ (MESCHONNIC, 2000, p. 93). O poema é uma forma de vida, porque é uma organização particular do discurso, inscrito em arranjos subjetivos, singulares em seu grau máximo, não mais a língua subordinada ao paradigma do signo, utilitário: “O poema é o que nos ensina a não mais utilizar a linguagem. Só ele nos ensina que, contrariamente às aparências e aos costumes do pensamento, nós não nos servimos da linguagem”¹⁶² (MESCHONNIC, 2000, p. 94). Nele, não há separação entre ritmo, significância e sujeito, pois o poema é uma atividade criadora de sujeitos. É alteridade, forma-sujeito, historização, individuação. O poema é subjetivação; é, portanto, intersubjetivação.

Em cada poema, enquanto sistema de discurso determinado, constroem-se relações sintagmáticas e paradigmáticas que constituem a sua significância – termo destacado pelos autores, como supracitado. Neumann (2016, p. 64) nos ajuda a compreender esse ponto ao afirmar que, “[n]o discurso, há uma ritmicidade e uma prosódia que são denominadas por Meschonnic (*ibid.*, p. 59) ‘signifiante’. Isto é, uma organização uma difusão de efeitos que se constituem, que se constroem indefinidamente”. Significância é, assim, processo. E, na concepção de Meschonnic, esse processo é repleto de ritmicidade, de prosódia

¹⁶⁰ “Ces deux termes sont utilisés ici pour définir la notion de *sémantique sérielle*. Parler d'une paradigmatique et d'une syntagmatique prosodiques, c'est décrire la signifiante (voir ce mot) d'un discours comme l'organisation des signifiants consonantiques-vocaliques en chaînes thématiques”.

¹⁶¹ “Contre toutes les poétisations, je dis qu'il y a un poème seulement si une forme de vie transforme une forme de langage et si réciproquement une forme de langage transforme une forme de vie”.

¹⁶² “Le poème est ce qui nous apprend à ne plus nous servir du langage. Il est seul à nous apprendre que, contrairement aux apparences et aux coutumes de pensée, nous ne nous servons pas du langage”.

e entonação¹⁶³, que são por si só marcas de inscrição subjetiva na linguagem. São o empírico da linguagem, a forma-sujeito, a emergência do sujeito da escritura. Cada poema é formado por um jogo de relações internas que lhe é próprio e no qual a prosódia e a criação de valores particulares estão intimamente ligadas, de modo que “[t]al valor se constitui a partir das relações entre o paradigmático e sintagmático próprios a um poema, que fazem nele um ‘trabalho poético’” (MESCHONNIC, 2009, p. 271 *apud* NEUMANN, 2016, p. 132-133).

O poema constrói, assim, o seu próprio paradigma, sua própria rede de associações, porque nele há a emergência de um sujeito, a subjetivação que ele produz. Essas relações não se reduzem a níveis isolados; outrossim, perpassam todos os níveis linguísticos e significam o discurso como um todo. Essa concepção está, pois, necessariamente atrelada à crítica do ritmo e permite que se possa discutir não apenas o que o poema diz, mas sim como ele cria a sua própria significância e o que ele faz. Destarte, amparado nesse horizonte teórico, pode-se refletir a respeito da noção de atividade, sobre uma concepção de atividade de linguagem sob a perspectiva da poética do ritmo.

2.3.2 Da atividade no que tange à criação poética

Até aqui, neste capítulo, discuti a íntima e necessária relação da antropologia histórica da linguagem com a crítica do ritmo, condição *sine qua non* para a consideração de uma recriação da semiologia por parte do poeta e a atividade de sua linguagem poética. O conjunto dessa reflexão leva a pensar a respeito dos efeitos causados pela arte, e pela literatura em específico, na concepção de linguagem de Benveniste, cuja preocupação fundamental volta-se à singularidade. Como já discutido no início deste capítulo, o autor deixou uma

¹⁶³ Segundo Neumann (2016), na obra de Meschonnic, a prosódia refere-se ao acento prosódico, e a entonação diz respeito ao acento sintático.

grande quantidade de manuscritos com textos não publicados, muitos deles escritos durante a mesma época de produção de “Semiologia da língua” e com ênfase na investigação da linguagem poética.

Ao estudar esses manuscritos, Chloé Laplantine observa uma referência direta à poética aristotélica, mas em uma tomada crítica que leva Benveniste a pensar em “uma *pragmática* da linguagem poética”¹⁶⁴ (2008, p. 229, grifo da autora), a observar a poesia não como gênero, mas atividade particular, diferente de uma pragmática da linguagem ordinária, no sentido convencionalista (LAPLANTINE, 2008, p. 233). A autora mostra que Benveniste remotiva o valor do termo grego *poiètès*, definindo o autor, o poeta, como aquele que *faz*, concluindo que “a linguagem poética tem seu fim / em sua própria expressão”¹⁶⁵ (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, 2008, p. 235).

No entanto, o fato de a linguagem poética ter seu fim em sua própria expressão não significa a constatação de sua improdutividade, mas sim que ela produz alguma coisa à qual a linguagem ordinária tornou-se surda (LAPLANTINE, 2008, p. 240). Nisto consiste a importância da literatura, como já observado neste capítulo por Meschonnic, com a afirmação do poema a nos ensinar que não nos servimos da linguagem, no sentido instrumental, mas sim nos fazemos na e pela linguagem, subjetivando-nos a despeito dos hábitos. Segundo Laplantine (2008, p. 235), dessa maneira, Benveniste interroga o *fazer* do poema em oposição a um fazer automatizado e naturalizado da linguagem ordinária: “o universo da linguagem poética, ao contrário daquele da linguagem ordinária, é o do sujeito, do viver, da experiência”¹⁶⁶.

Nesse sentido, o fazer do poeta desvela ao recriar, ele escapa a isso que se impõe à língua como realidade – ou como “costumes do pensamento”¹⁶⁷, para usarmos uma expressão de Meschonnic (2000, p. 94). Apesar dessa comparação entre o poético e o ordinário, ao considerar a atividade criativa, isso de modo algum significa que Benveniste trabalhe com uma simples oposição

¹⁶⁴ “une *pragmatique* du langage poétique”.

¹⁶⁵ “le langage poétique a sa fin / dans sa propre expression”.

¹⁶⁶ “On le voit, l’univers du langage poétique, contrairement à celui du langage ordinaire, est celui du sujet, du vivre, de l’expérience”.

¹⁶⁷ “coutumes de pensée”.

entre registros de linguagem; ao contrário, segundo Laplantine (2008, p. 228), a noção de poesia aí é “um questionamento dos critérios formais, temáticos ou estilísticos pelos quais a poesia é habitualmente limitada”¹⁶⁸, como esta oposição à prosa e à linguagem ordinária, por exemplo.

Ao afirmar que a poesia é uma outra língua interior à língua e que ela está na linguagem ordinária, Benveniste escapa a essa oposição, definindo a poesia como uma profundidade, uma “interioridade” que, segundo Laplantine, “para Benveniste, ao ler Baudelaire, não é diferente da subjetividade”¹⁶⁹ (2008, p. 230). Ao fim e a cabo, o autor não trata de uma dicotomia, mas de dois pontos de vista sobre a linguagem: uma teoria da linguagem poética e uma ordinária (LAPLANTINE, 2008, p. 235).

Laplantine (2008) observa algumas implicações a esse respeito, partindo da afirmação de Benveniste sobre o sintagma, na poesia, estender-se para além de seus limites gramaticais. A autora traça um paralelo entre Benveniste e Saussure, cujas pesquisas em poemas os levaram a pensar em termos associativos¹⁷⁰ e, com isso, a renovar a dimensão do sintagma, pois essa abordagem questiona radicalmente o princípio da linearidade. Laplantine (2008) pontua que a obra de Baudelaire provoca em Benveniste essa busca por uma outra forma de significação que constrói suas próprias associações – sua paradigmática, pelas palavras de Meschonnic. Por isso, Benveniste define “correspondência” como a palavra-chave da poética baudelairiana, descrevendo-a como uma forma de vida inventada pelo poeta (LAPLANTINE, 2008, p. 258-259). Como pode-se notar, aqui ressoa, novamente, a definição de poema de Meschonnic, ainda que, ao cunhá-la, o autor não tenha lido os manuscritos de Benveniste.

Com o objetivo de compreender melhor essas *correspondências*, Benveniste busca criar, provisoriamente, um neologismo para um conceito que

¹⁶⁸ “une remise en cause des critères formels, thématiques ou stylistiques par lesquels la poésie est habituellement limitée”.

¹⁶⁹ “L’intériorité pour Benveniste lisant Baudelaire, n’est pas différente de la subjectivité”.

¹⁷⁰ Saussure em seus estudos sobre os anagramas, publicados por Jean Starobinski ao fim da década de 60 e republicados em 2002 por Simon Bouquet e Rudolf Engler nos *Ecrits de linguistique générale*; Benveniste em seus manuscritos a respeito da linguagem poética, publicados por Laplantine em 2008.

dê conta de trabalhar essa dimensão de associações: “*Symphorie, symphronie, sympathème* não são o mesmo termo, mas o que Benveniste procura pensar através deles é a dimensão das associações, das correspondências que produz aquele que lê um poema”¹⁷¹ (LAPLANTINE, 2008, p. 258). E, desse processo, tocado por suas observações pessoais da poética de Baudelaire, Benveniste termina por pensar em uma teoria da leitura: “É uma teoria da leitura. E Benveniste concebe essa teoria da leitura a partir de Baudelaire, a partir de uma poética de Baudelaire, de sua escritura das correspondências”¹⁷² (LAPLANTINE, 2008, p. 258).

Como um processo associativo, *symphorie, symphronie, sympathème* “constroem a dimensão de uma leitura subjetivante”¹⁷³ (LAPLANTINE, 2008, p. 258), portanto, de uma leitura poética. O termo buscado por Benveniste trata, pois, disso que o poeta faz e que ultrapassa os limites gramaticais ou do sintagma; “é o que constrói o poema, sua complexidade, a subjetivação que ele produz”¹⁷⁴ (LAPLANTINE, 2008, p. 259); implica, ao mesmo tempo e indissociavelmente, uma teoria da escritura poética e uma teoria da leitura.

Tal consideração encontra paralelo em Dessons e Meschonnic, os quais versam acerca de uma certa “rítmica”, a respeito de uma “configuração do ritmo próprio a um texto”¹⁷⁵ (2003, p. 41) e, ainda, sobre subjetivação do discurso como um efeito no texto quando da consideração do “funcionamento do ritmo como a matéria de uma semântica específica, de uma atividade que não é a da designação de sentido, mas a constituição de séries rítmicas e prosódicas”¹⁷⁶ (2003, p. 43-44). O ponto decisivo de contato, aqui, é que os autores chegam ao ponto de reconhecer a necessidade de postular um sujeito específico – do

¹⁷¹ “Symphorie, symphronie, sympathème, ce n’est pas le même terme, mais ce que Benveniste travaille à penser à travers eux c’est la dimension des associations, des correspondances que produit celui qui lit un poème”.

¹⁷² “C’est une théorie de la lecture. Et Benveniste pense cette théorie de la lecture à partir de Baudelaire, à partir d’une poétique de Baudelaire, de son écriture des correspondances”.

¹⁷³ “construisent la dimension d’une lecture subjectivante”.

¹⁷⁴ “elle est ce que construit le poème, sa complexité, la subjectivation qu’elle produit”.

¹⁷⁵ “une rythmique : configuration du rythme propre à un texte”.

¹⁷⁶ “le fonctionnement du rythme comme la matière d’une sémantique spécifique, d’une activité qui n’est pas celle de la désignation du sens mais la constitution de séries rythmiques et prosodiques”.

poema, da arte, da escritura – que “produz um efeito específico sobre o sujeito da leitura”¹⁷⁷ (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 44).

Nesse sentido, a partir de Meschonnic, também Lösener observa que é com a escuta do ritmo do texto que começa a leitura, uma vez que “mesmo antes de termos uma visão geral do conteúdo, de compreendermos o enredo e de distinguirmos os protagonistas, o ritmo do texto articula o nosso ritmo de leitura e produz uma experiência específica de sentido”¹⁷⁸ (2006, p. 187). Do mesmo modo, acrescenta o autor, nosso ritmo de leitura também organiza o texto:

Não é indiferente a forma como lemos um texto, rápida, lenta, abrupta, digressiva, minuciosa, associativa, etc. No entanto, toda a leitura implica uma percepção do ritmo do texto, até mesmo quando lemos em voz alta, por exemplo, por razões parodísticas, um texto contra o seu ritmo¹⁷⁹ (LÖSENER, 2006, p. 187).

Desse modo, pode-se falar de uma efetividade semântica da articulação rítmica do texto. Lösener compreende, assim, que observar o poema como atividade, como radical individuação, amplia crucialmente a concepção de leitura poética, uma vez que “o outro, que está em jogo na leitura poética, não é simplesmente algo estranho, desconhecido, novo; ao contrário, ele tem a qualidade de uma contraparte, e nele se articula assim um *outro sujeito*”¹⁸⁰ (2006, p. 122, grifo do autor).

Em consonância com essa perspectiva, Laplantine mostra, ainda, que a reflexão de Benveniste implica, de um só golpe, escritura poética e leitura, uma

¹⁷⁷ “produit un effet spécifique sur le sujet de la lecture”. Em *Critique du rythme*, Meschonnic (1982, p. 107) também utiliza a expressão “sujeito da leitura”, ao criticar o primado da língua que se impõe sobre um poema de Trakl: “Effacement du sujet de la lecture”.

¹⁷⁸ “Das Lesen beginnt mit dem Hören auf den Rhythmus des Textes. Noch bevor wir den Inhalt überschauen, den Handlungsablauf verstehen, die Protagonisten ausgemacht haben, gliedert der Textrhythmus unseren Leserhythmus und produziert eine spezifische Sinnerfahrung”.

¹⁷⁹ “Natürlich gliedert auch unser eigener Leserhythmus den Text. Es ist ja nicht gleichgültig, wie wir einen Text lesen, schnell, langsam, sprunghaft, abschweifend, akribisch, assoziativ etc. Dennoch impliziert jedes Lesen ein Wahrnehmen des Textrhythmus, sogar dann noch, wenn wir, zum Beispiel beim lauten Vorlesen, etwa aus parodistischen Gründen, einen Text gegen seinen Rhythmus lesen”.

¹⁸⁰ “Das Andere, um das es beim poetischen Lesen geht, ist nicht einfach nur etwas Fremdes, Unbekanntes, Neues, vielmehr hat es die Qualität eines Gegenüber, und damit artikuliert sich in ihm ein *anderes Subjekt*”.

vez que “o paradigma é memorial e emocional”¹⁸¹ (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, p. 259). Desse modo, o poema produz um conjunto de associações particulares e, “Com isso, mais uma vez, o poeta está criando uma ‘semiótica’ própria, para não mencionar uma nova semiologia”¹⁸² (BENVENISTE *apud* LAPLANTINE, 2008, p. 259). Ou seja, no poema, o poeta cria uma semiótica que lhe é própria, cujas correspondências possuem um valor singular; e, sob efeito de sua ação, o leitor o reescreve, produzindo sua própria memória desse poema. Trata-se de uma via de mão dupla, pois a efetividade semântica só pode ocorrer no e pelo leitor. O ato de leitura é, pois, intersubjetivo.

2.4 Considerações intermediárias

O presente capítulo refletiu a respeito da antropologia histórica da linguagem, da criação de uma nova semiologia por parte do poeta, de sua relação com o ritmo e, por fim, da atividade no que tange à criação poética. Em suma, buscou discutir a ideia da recriação da semiologia através da atividade poética, propondo o poema como espaço de subjetivação. Para refletir sobre a arte como um espaço de individuação de alto grau, apoiei-me em leituras de Gérard Dessons, de Chloé Laplantine e de Henri Meschonnic a respeito das considerações de Émile Benveniste acerca da semiologia da língua e da linguagem poética. Posteriormente, busquei relacionar a discussão à necessária crítica da noção de ritmo e a estendi em direção à noção de atividade, sob o ponto de vista da poética do ritmo, a partir do questionamento do que faz um poema. Nesse sentido, Dessons, Meschonnic, Neumann, Laplantine e Lösener forneceram elementos para a observação da linguagem poética, colocando a ênfase no que o poema faz com o leitor, não no que ele diz.

¹⁸¹ “Le paradigme est mémoriel et émotionnel”.

¹⁸² “En cela, encore une fois, le poète crée une « sémiotique » qui lui est propre, et davantage une sémiologie nouvelle”.

Por fim, ao longo deste capítulo, ainda que a tônica estivesse na concepção de linguagem de Émile Benveniste, busquei salientar a importância de Wilhelm von Humboldt e de Ferdinand de Saussure para a formação da poética do ritmo, por configurarem-se como pilares do pensamento meschoniquiano que, como observa Trabant (2005, p. 176), representam “um pensamento da linguagem não redutor”¹⁸³.

Em suma, por criar uma semiologia própria, com suas próprias associações particulares, o específico do poema é sua atividade própria, sua performatividade semântica construída em cada novo arranjo, no valor enquanto entrelugar. Sua configuração rítmica e subjetiva não cessa de se constituir e de produzir efeitos sobre o sujeito da leitura, uma vez que a “leitura poética é capaz de descobrir o sistema de texto como sistema-eu-aqui-agora de um sujeito, ela realiza a intersubjetividade da leitura”¹⁸⁴ (LÖSENER, 2006, p. 122). A discussão indica, assim, uma atividade não apenas do sujeito do poema e do sujeito da leitura (DESSONS; MESCHONNIC, 2003, p. 44), em seu jogo intersubjetivante, condição para a subjetivação, mas de cada poema em sua capacidade de se reinventar para além das condições de sua produção e de continuar a ter uma ação em novos presentes, como observam Dessons e Meschonnic (2003, p. 234).

Encontramo-nos, assim, no limiar da atividade poética. Nessa perspectiva, a tônica é colocada na busca do que faz um poema, do que o produz singularmente, do seu modo específico de significar, ou seja, a partir de seu ritmo. É preciso, pois, ler poeticamente. Em consonância, cada um a seu modo, Dessons e Meschonnic (1982, 2003), Lösener (2006) e Laplantine (2008) referem-se ao ato de leitura a partir de uma perspectiva benvenistiana e humboldtiana – a saber, a do ato intersubjetivo, sem o qual não há possibilidade de subjetividade. De suas considerações, surge a importância do sujeito da leitura, que será tema central do próximo capítulo, a partir do trabalho específico de Lösener (2006).

¹⁸³ “les trois auteurs de Meschonnic représentent plutôt une seule et même chose : une pensée du langage non réductrice”.

¹⁸⁴ “Das poetische Lesen vermag das Textsystem als Ich-Jetzt-Hier-System eines Subjekts zu entdecken, es realisiert die Intersubjektivität des Lesens”.

3 – A LEITURA SISTÊMICA: RASTROS E PERFORMATIVIDADE POÉTICA

*Die Denkkraft bedarf etwas ihr Gleiches und doch von ihr Geschiednes. Durch das Gleiche wird sie entzündet, durch das von ihr Geschiedne erhält sie einen Prüfstein der Wesenheit ihrer innren Erzeugungen*¹⁸⁵

(HUMBOLDT, 1907 [1836], p. 56)

3.1 Considerações iniciais

Nos capítulos anteriores, refleti a respeito da antropologia histórica da linguagem, levando em consideração tanto sua base francófona, nas elaborações de Henri Meschonnic, quanto sua extensão a estudos da linguagem em contexto germanófono, encabeçados por Jürgen Trabant. Concluí, a partir desses autores, que os seus fundamentos estão em íntima relação com a teorização humboldtiana da linguagem, que se faz presente no pensamento saussuriano e pode ser percebida na teorização benvenistiana da subjetividade, chegando à concepção meschonniciana de ritmo. Neste contexto, posto que meu interesse específico é o de observar a constituição do valor na atividade poética, seu poder significante de entrelugar em cada poema, procedi à discussão da recriação da semiologia por parte do poeta, através da atividade da linguagem poética, de sua relação com o ritmo, de sua construção como espaço de subjetivação. A partir dos autores que pus em diálogo, no âmbito da

¹⁸⁵ Tradução minha: “A força do pensamento precisa de algo igual a ela e, ainda assim, diferente dela. Ela é inflamada por aquilo que é igual e, por meio daquilo que é diferente dela, recebe uma pedra de toque do âmago de suas criações internas”. Doravante, ao longo do capítulo, também são minhas as traduções de Lösener (2006, 2021), Trabant (1998), Dessons & Meschonnic (2003), Meschonnic (1975, 1982).

poética do ritmo, concluí que uma antropologia histórica da linguagem pressupõe e implica não apenas a atividade do sujeito do poema, mas também do sujeito da leitura.

Com o presente capítulo, que encontra forte inspiração na proposta de leitura sistêmica, desenvolvida por Hans Lösener (2006) no âmbito da poética do ritmo, proponho-me à busca de subsídios para análise textual que levem em conta a atividade da linguagem poética, dentro de uma perspectiva antropológica e histórica. Para tanto, parto de uma concepção de leitura que se compreende como não restrita ao dualismo entre forma e conteúdo e que, outrossim, privilegia o ato intersubjetivo e a rede de rastros interligados que sustentam o texto e o particularizam, compondo um sistema e permitindo que ele faça o que faz, ou seja, promovendo sua performatividade. Objetivo, com isso, uma prática de leitura que coloque a atividade de linguagem no centro da análise linguístico-literária, evitando práticas interpretativas que partam do isolamento das formas. Observo, assim, a emergência do valor na atividade da linguagem poética, que se irradia no entrelugar, entre e através dos significantes em cada poema.

Para tanto, a reflexão que aqui se esboça requer, porém, a revisitação de algumas considerações a respeito de termos caros ao pensamento saussuriano, como os de sistema, de valor e de historicidade – visto que, para que a noção de atividade de linguagem esteja no centro da análise, é preciso pensar o texto enquanto um sistema, como o faz Henri Meschonnic. Procedo, pois, a (1) breves observações teóricas a respeito de *systemisches Lesen*, a leitura sistêmica, e de alguns de seus antecedentes conceituais, bem como a (2) uma discussão acerca do que Lösener entende por *vernetzte Spuren*, rastros interligados, e sua relação com a performatividade textual.

3.2 Leitura sistêmica

Publicada em livro no ano de 2006, *Zwischen Wort und Wort, Interpretation und Textanalyse* é a tese de doutoramento de Hans Lösener. A obra, ainda sem tradução para a língua portuguesa, pode ser chamada de “Entre palavra e palavra, interpretação e análise textual”, e é composta de seis capítulos. No entanto, não se deve julgar o livro pela capa. Longe de ser um elogio à semiótica, o trabalho de Lösener é, de fato, uma contundente crítica à noção de interpretação sob o primado do signo.

Para que se melhor vislumbre o alcance de sua proposta, elenco aqui os capítulos da obra de Lösener (2006) pelos seus nomes: 1) Interpretation – ein Lesemodell in der Krise; 2) Das Textsystem lesen; 3) Textsystem und Perspektivität – zu Franz Kafkas Erzählung; 4) Textsystem und Inszenierung – zu einer Szene aus Friedrich Schillers Drama *Kabale und Liebe*; 5) Textsystem und Rhythmus – zu Rainer Maria Rilkes Gedicht *Herbsttag*; 6) Textsystem entdecken – Vorschläge für den Deutschunterricht¹⁸⁶. Pela própria sequência dos capítulos, podemos perceber a que vem o trabalho de Lösener (2006): parte de uma crítica ao modelo de leitura interpretativa baseado no signo (capítulo 1) e, após, toma a noção de sistema textual como parâmetro para as mais diversas análises e propostas (capítulos 2-6). Busca, assim, ler o sistema, não o signo. O sistema saussuriano, não a estrutura da vulgata saussuriana.

Isso que se espraia entre as palavras, essa não-palavra que não se deixa compreender pelo primado do signo, como se deixa ler esse *algo* que ocorre entre as palavras e que resulta de suas relações? Essa é a indagação de partida de Lösener para refletir acerca de modos de análise textual que levem em conta a atividade de sentido particular de cada texto. Segundo Lösener (2006, p. 9), o questionamento a respeito desse *algo* que ocorre no poema – e que se encontra para além da soma de suas palavras – está a serviço da busca de superação de categorias muitas vezes vagas, como a noção de “sentido”. Via de regra, “sentido” costuma ser assingelado ou, em algumas vezes, obscurecido: “Sem dúvida, tornamos as coisas demasiado fáceis e, ao mesmo tempo, demasiado

¹⁸⁶ 1) Interpretação – um modelo de leitura em crise; 2) Ler o sistema de texto; 3) Sistema de texto e perspectiva – a respeito do conto de Franz Kafka; 4) Sistema de texto e encenação – a respeito de uma cena do drama *Kabale und Liebe* de Friedrich Schiller; 5) Sistema de texto e ritmo – a respeito do poema *Herbsttag* de Rainer Maria Rilke; 6) Descobrir o sistema de texto – sugestões para a aula de língua alemã.

difíceis para nós próprios quando, sem mais delongas, chamamos a este algo ‘sentido’¹⁸⁷ (LÖSENER, 2006, p. 9). O autor esclarece:

(...) demasiado fácil se pensarmos no termo “sentido” como a contrapartida de uma forma, ou seja, o “conteúdo” de algo, pois o poético do poema não se revela no seu “conteúdo”; e demasiado difícil se entendermos o sentido como algo que é constituinte da atividade linguística humana, mas que não pode ser descrito conceitualmente devido à sua complexidade evidente¹⁸⁸ (LÖSENER, 2006, p. 9).

Como pontuado por Lösener (2006, p. 9), há categorias naturalizadas nos estudos linguísticos e literários, como as de forma e conteúdo – as quais o autor considera uma simplificação que toma o “sentido” como uma contrapartida da forma. No entanto, conceber o “sentido” como constitutivo da atividade linguística humana, mas não considerar possível descrevê-lo conceitualmente de modo algum, devido à sua óbvia complexidade, também é um problema que leva a uma crise sem saída.

De acordo com Lösener (2006), ao nos perguntarmos hoje a respeito do sentido de um texto, estamos já imersos em uma crise muito discutida. O autor esclarece a problemática a partir dos seguintes questionamentos: “existe mesmo o sentido de um texto? O sentido não é criado primeiramente pelo leitor? Não atribui cada leitor seu próprio sentido ao texto? E, afinal, o que é sentido linguístico? Em que ele se manifesta, como se deixa descrever?”¹⁸⁹ (LÖSENER, 2006, p. 9). As dúvidas levantadas por Lösener encaminham, de antemão, três etapas da assim chamada crise da interpretação, quais sejam: a leitura como extração, como construção e como negação de sentido. Antes de ocupar-se com cada uma dessas etapas, todavia, o autor observa que:

¹⁸⁷ “Zweifellos machen wir es uns aber zu leicht und zugleich zu schwer, wenn wir dieses Etwas kurzerhand als ‚Sinn‘ bezeichnen”.

¹⁸⁸ “zu leicht, sofern wir bei dem Begriff „Sinn“ an das Gegenstück zu einer Form denken, also an den „Inhalt“ von etwas, denn das Poetische des Gedichts zeigt sich nicht in seinem „Inhalt“; und zu schwer, sofern wir den Sinn als etwas begreifen, das zwar eine Konstituente menschlicher Sprachtätigkeit darstellt, aber aufgrund seiner offensichtlichen Komplexität begrifflich überhaupt nicht zu beschreiben ist”.

¹⁸⁹ “Gibt es überhaupt den Sinn eines Textes? Wird der Sinn nicht erst vom Leser geschaffen? Liest nicht jeder Leser seinen Sinn in den Text hinein? Und was ist überhaupt sprachlicher Sinn? Worin zeigt er sich, wie lässt er sich beschreiben?”.

Nos estudos literários e na didática literária, essas questões geralmente são tematizadas como um sintoma da *crise da interpretação*, o que pode ser explicado pelo fato de que, nos últimos dois séculos, ficou cada vez mais claro que a interpretação de textos literários é particularmente vulnerável ao questionamento de um determinado conceito de sentido¹⁹⁰ (LÖSENER, 2006, p. 9-10, grifo do autor).

Segundo Lösener (2006, p. 10), desse modo, a crise não é apenas um problema filosófico específico, tampouco é exclusiva dos estudos literários e didáticos – ainda que esses sintam forte desconforto quando interpelados criticamente. Ela, de fato, é uma questão social que envolve a teoria da linguagem como um todo. O autor argumenta, no entanto, que essa crise não atinge a todas formas de leitura do mesmo modo, mas sim a uma forma específica, a saber, a interpretação exegética (*die auslegende Interpretation*):

A interpretação exegética repousa em um princípio de substituição: o sentido literal do texto, o *sensus litteralis*, é transferido para o sentido espiritual da exegese, o *sensus spiritualis*. Esse princípio tornou possível, por exemplo, ler a poesia de amor erótico do Cântico dos Cânticos bíblico como uma representação alegórica da união da Igreja como a noiva de Cristo com o Salvador como o Noivo divino. Em sua forma secularizada, a interpretação expositiva apareceu em vários campos do conhecimento desde o Iluminismo, no máximo, como um processo de extração de significado, que serve para retirar sentido de um texto por meio do ato de interpretação¹⁹¹ (LÖSENER, 2006, p. 9-10, grifo do autor).

Do ponto de vista da teoria da linguagem, o que ampara esse método é o princípio da decodificação, que se localiza entre duas ordens linguísticas, a das

¹⁹⁰ “In Literaturwissenschaft und Literaturdidaktik werden diese Fragen meist als Symptom der *Krise der Interpretation* thematisiert, was sich dadurch erklärt, dass sich im Laufe der letzten beiden Jahrhunderte immer deutlicher gezeigt hat, dass die literarische Textinterpretation besonders anfällig für die Infragestellung eines bestimmten Sinnbegriffes ist”.

¹⁹¹ “Die auslegende Interpretation beruht auf einem Substitutionsprinzip: Der wörtliche Sinn des Textes, der *sensus litteralis*, wird in den geistigen Sinn der Auslegung, den *sensus spiritualis*, überführt. Dieses Prinzip machte es etwa möglich, die erotische Liebeslyrik des biblischen Hohelieds als allegorische Schilderung der Vereinigung der Kirche als Braut Christi mit dem Heiland als göttlichem Bräutigam zu lesen. In ihrer säkularisierten Form erscheint die auslegende Interpretation spätestens seit der Aufklärung in verschiedenen Wissensbereichen als Verfahren der Sinnextraktion, das dazu dient, einem Text durch den Akt der Interpretation Sinn zu entnehmen”.

letras e a dos grafemas – repousa, portanto, no princípio de substituição. Lösener (2006, p. 11) observa que a crítica deve dirigir-se à absolutização desse tipo de leitura, uma vez que “a leitura decodificante – e isso é decisivo – se estende exclusivamente às unidades semióticas do texto, ou seja, ao reconhecimento de letras e palavras”¹⁹², enquanto que o plano semântico não se deixa ler desse modo, não se deixa decodificar.

*

No Brasil, de modo semelhante, é discutida a chamada crise da interpretação, normalmente como crise da leitura. Autores de diferentes perspectivas teóricas, dos quais cito aqui alguns exemplos, buscaram saídas a esse problema, centrando a discussão na diferença entre leitura enquanto atribuição de sentido e enquanto decodificação de sentido, ou seja, tentando superar modelos que centram no leitor ou no texto, em demasia, a responsabilidade pelo que se chama de sentido. De um ponto de vista cognitivista, Kleiman (1992) enfatizou a leitura como uma reconstrução ativa do texto, na qual o leitor, de forma engajada, interpreta o que foi referido com base nas pistas fornecidas pelo autor. Em uma perspectiva psicolinguística, Leffa (1996) focou sua discussão nas relações de recepção, enfatizando o processo interativo entre leitor e texto, no qual a compreensão emerge pela negociação, um terceiro elemento, construído de forma conjunta, que só se realiza se o leitor estiver disposto a ler. Em uma perspectiva pragmática, Dascal (2006) destacou a importância do produtor no ato da leitura, tratando-a como um processo comunicativo guiado por intenções, cujo sucesso depende do reconhecimento destas pelo leitor, que não possui liberdade total de interpretação, pois está vinculado à tarefa de reconstruir o propósito do falante.

Essas perspectivas concebem a leitura como um processo ativo, que envolve interação entre leitor, texto e autor, reconhecendo a importância

¹⁹² “(...) das dekodierende Lesen - und das ist entscheidend - erstreckt sich ausschließlich auf die semiotischen Einheiten des Textes, also auf die Buchstaben- und Wortbildererkennung”.

daquele, mas destacando que a construção de sentido está condicionada por elementos contextuais e pelas intenções deste, exigindo do leitor engajamento e esforço interpretativo. Desse modo, suas concepções superam as ideias de leitura como simples atribuição ou decodificação de sentido, ao reconhecerem a atuação do leitor no processo. No entanto, esse leitor se vê condicionado por aspectos contextuais e intencionais para construir significados.

Teixeira e Ferreira (2008), por sua vez, amparadas em Benveniste, perguntaram-se se a leitura escolar era um barco à deriva e argumentaram que, para tornar operacionais os conceitos teóricos sobre significado, é necessário ajudar o aluno a perceber como as palavras circulam pelo enunciado, construindo relações que expressam a ideia do enunciador. Dessa forma, o aluno pode se tornar um interlocutor do texto, “instituindo-se como o outro da escritura” (2008, p. 68), experimentando sua própria presença na leitura, instituindo-se como quem fala, abrindo espaço para a criação de novos sentidos por meio de sua intervenção singular. Essa perspectiva é a que mais se aproxima do que proponho, aqui, a partir de Lösener (2006) e Meschonnic (1982).

*

Dessa maneira, com vistas a uma definição de leitura que supere essa crise, retomo a proposta de Hans Lösener que, amparado no trabalho de Henri Meschonnic, volta-se contra o pensamento do signo (*la pensée du signe, das Zeichendenken*), contra “uma forma de pensar que faz do signo a unidade básica da linguagem e compreende todos os processos linguísticos a partir do funcionamento do signo”¹⁹³ (LÖSENER, 2006, p. 11-12). Por essa razão, de modo a discutir a concepção de leitura sistêmica, proposta por Lösener (2016), e a chegar ao que o autor chama de rastros interligados, procedo, na subseção seguinte, a observações sobre sistema, valor, historicidade, atividade de linguagem e performatividade – conceitos-chave para uma reflexão que não

¹⁹³ “(...) ein Denken, welches das Zeichen zur Grundeinheit der Sprache macht und alle sprachlichen Prozesse von der Funktionsweise des Zeichens her begreift”.

parta de uma oposição ou isolamento de forma e conteúdo, pois, de acordo com Lösener (2006, p 64, grifos do autor):

A redução da leitura a um ato de interpretação, por um lado, e do significado a um resultado de interpretação, por outro, impede que a performatividade semântica se torne visível, ou seja, aquele *fazer sentido* do texto que só se torna aparente quando somos capazes de lê-lo como sistema¹⁹⁴.

É exatamente nesse interim, pois, que a leitura sistêmica se oferece como possibilidade de escapar ao simplismo sem sucumbir à complexidade. Como explicitado, a discussão de Lösener (2006, 2021), que ora apresento, é caudatária de Henri Meschonnic e traz consigo, consequentemente, elementos de Wilhelm von Humboldt, de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste – sua base teórica. Por essa razão, a partir desses autores, proponho-me a contextualizar e reforçar, a seguir, a importância para a leitura sistêmica dos conceitos de valor, de historicidade, de atividade de linguagem e de performatividade.

3.2.1 Valor, historicidade, atividade de linguagem, performatividade

Situada no âmbito da reflexão da poética do ritmo, de base meschonniquiana, a proposta de leitura sistêmica, de Hans Lösener, tem por intuito a superação da divisão categórica entre forma e sentido nas análises textuais, apresentando-se como alternativa à tão propagada crise do sentido e da interpretação. Interessa-lhe ler a não-palavra¹⁹⁵ que se alastra entre as

¹⁹⁴ “Die Reduzierung des Lesens auf einen Interpretationsakt einerseits und des Sinns auf ein Interpretationsresultat andererseits verhindert, dass die semantische Performativität in den Blick gerät, also jenes *Sinnmachen* des Textes, das sich erst erschließt, wenn wir den Text als System zu lesen vermögen”.

¹⁹⁵ Uma proposta derivada do diálogo com Meschonnic e que, neste trabalho, chamo de entrelugar.

palavras e que faz o poema ser um poema, este algo que “resulta das relações das palavras umas com as outras, não da natureza das palavras em si”¹⁹⁶ (LÖSENER, 2006, p. 9). Por si só, essa afirmação já demonstra uma postura teórica antinaturalista em relação à linguagem, uma vez que se sustenta de associações discursivas, não de substâncias prévias. Para o autor, seguindo os passos de Meschonnic, deve-se operar uma crítica veemente à concepção de linguagem que toma o signo como unidade fundamental e que permanece em uma lógica dualista, uma vez que:

O pensamento do signo segue uma lógica dualista que coloca em confronto, como constituintes do signo, a forma e o sentido, a face de expressão e a face de conteúdo. Mesmo que certos fenômenos na língua possam ser explicados pela lógica dos signos, permanece duvidoso que o dualismo dos signos possa fornecer um modelo apropriado para o funcionamento da língua como um todo. Meschonnic salientou que o pensamento do signo leva a uma desantropologização da teoria da linguagem¹⁹⁷ (LÖSENER, 2006, p. 12).

Nessa direção, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, Lösener (2006, p. 12) apoia-se em Jürgen Trabant, profundo estudioso da obra de Humboldt e introdutor do pensamento de Meschonnic na Alemanha, para o qual a crítica da concepção semiótica tradicional da linguagem é o ponto de partida para o pensamento humboldtiano sobre a linguagem. A partir dessa postura antissemiótica, que toma a linguagem como atividade concreta do ser humano real, Humboldt pensa a língua como atividade, característica fundamental para o pensamento meschoniquiano, cuja definição de historicidade põe lume sobre a ação e a performatividade. Para Meschonnic, no que tange à teoria da linguagem e da literatura, essa atividade, embora encontre raízes em um determinado contexto, conserva em si uma capacidade de ação que se projeta além desse momento e de suas condições de produção, presentificando-se.

¹⁹⁶ “Dieses Etwas resultiert aus den Beziehungen der Wörter zueinander, nicht aus der Beschaffenheit der Wörter selbst”.

¹⁹⁷ “Das Zeichendenken folgt einer dualistischen Logik, die Form und Sinn, Ausdrucksseite und Inhaltsseite als Konstituenten des Zeichens einander gegenüberstellt. Auch wenn bestimmte Phänomene in der Sprache durch die Zeichenlogik erklärt werden können, bleibt zweifelhaft, ob der Zeichendualismus ein taugliches Modell für die Funktionsweise der Sprache insgesamt liefern kann. Meschonnic hat darauf hingewiesen, dass das Zeichendenken zu einer Deanthropologisierung der Sprachtheorie führt”.

Teoricamente, trata-se, pois, de superar uma antiantropologia que toma todos os processos linguísticos a partir do funcionamento do signo. Nesse sentido, a leitura sistêmica alça-se como um modo de leitura que busca escapar ao primado do signo e que possui suas raízes na “escuta do movimento de sentido no ato de enunciação”¹⁹⁸ (LÖSENER, 2006, p. 12), na escuta de sua performatividade. Com isso, coloca-se o foco nos valores textuais criados pelo sistema do texto em questão, não em elementos prévios ou em estruturas arquetípicas aceitas como dadas de antemão. Essa concepção privilegia, assim, o modo como as palavras agem umas sobre as outras e a rede de associações que aí se desenvolvem e constroem a significação em arranjos sempre particulares:

Na leitura sistêmica, o que importa é o que acontece *entre* as letras, palavras, grupos de palavras e frases, as relações sistêmicas dentro do texto e as valências semânticas que resultam destas relações e que não podem ser predeterminadas por qualquer repertório de signos e não podem ser previstas por qualquer estrutura pré-existente. O que importa é a articulação das unidades de sentido que são criadas de novo com cada enunciação, como sistema de sentido de um sujeito no discurso escrito ou falado¹⁹⁹ (LÖSENER, 2006, p. 13).

Imediatamente após essa definição, na qual ressoa a distinção entre os modelos do contínuo e do discreto, do semântico e do semiótico, Lösener observa que seu estudo não é isento de pré-condições, ainda que “leitura sistêmica” seja um termo novo na área: “acima de tudo, ele se baseia no trabalho de Henri Meschonnic, em suas reflexões sobre a teoria da linguagem e em sua prática de leitura ouvinte”²⁰⁰ (LÖSENER, 2006, p. 13).

¹⁹⁸ “im Hören auf die Sinnbewegung im Äußerungsakt”.

¹⁹⁹ “Beim systemischen Lesen kommt es auf das an, was *zwischen* den Buchstaben, Wörtern, Wortgruppen und Sätzen geschieht, auf die systemischen Beziehungen innerhalb des Textes und auf die semantischen Wertigkeiten, die sich aus diesen Beziehungen ergeben und die sich durch kein Zeichenrepertoire vorgeben und durch keine präexistente Struktur vorhersagen lassen. Es kommt auf die Gliederung der Sinneinheiten an, die mit jeder Äußerung neu geschaffen werden, als Sinnsystem eines Subjekts in der geschriebenen oder gesprochenen Rede”.

²⁰⁰ “Sie knüpft vor allem an die Arbeiten von Henri Meschonnic an, an seine sprachtheoretischen Reflexionen ebenso wie an seine Praxis des hörenden Lesens”.

O ponto de partida para essa reflexão sobre sistema encontra-se, evidentemente, em Ferdinand de Saussure – não aquele que os compêndios didáticos insistem em classificar como arauto do estruturalismo, mas sim aquele que pensou a língua como sistema em constante mutação, considerando a historicidade radical da linguagem e a construção de valores daí decorrentes²⁰¹. Intitulada “,System‘ kommt nicht von ,Struktur“ (“Sistema” não vem de “estrutura”), a primeira subseção do segundo capítulo da tese de Lösener (2006, p. 69-77) não deixa dúvidas quanto à sua leitura de Saussure. Para o autor, se nos manuais e dicionários da área não há diferença clara entre estrutura e sistema, então faz-se necessário confrontar a concepção de base da escola estruturalista e o pensamento saussuriano (LÖSENER, 2006, p. 70).

Segundo Lösener (2006, p. 15), com a sua noção de sistema, Saussure deixou para trás a antiga concepção da língua como repertório de signos, como uma simples nomenclatura. Esse princípio clássico convencionalista, ainda que muitas vezes tenha sido atribuído a Saussure, em nada tem a ver com o seu pensamento. Para o convencionalismo, o significado das palavras ocorre por um acordo e fixa-se em uma convenção. Já em Saussure, “[o] princípio da arbitrariedade radical exclui da teoria linguística o acesso à língua fora de qualquer historicidade”²⁰² (LÖSENER, 2006, p. 73), de modo que o sistema produz valores e motiva suas próprias unidades, e a historicidade manifesta-se como produto da interação. O autor destaca que, no entanto, na expressão “leitura sistêmica”, “sistêmico” refere-se não à língua, mas ao discurso escrito ou falado, ao texto concreto, uma vez que “o sistema de valores do respectivo texto forma o objeto da leitura sistêmica”²⁰³ (LÖSENER, 2006, p. 15).

À vista disso, Lösener (2006, p. 15) destaca a importância da reflexão benvenistiana, que possibilita a distinção fundamental entre um nível de leitura semiótico e um nível de leitura semântico. A subseção “Das Semiotische und das Semantische” (O semiótico e o semântico) dedica-se, assim, à diferenciação

²⁰¹ Sobre a não condescendência com a redução do pensamento de Saussure ao estruturalismo, ver, entre outros: MESCHONNIC, 1982, 2007; DESSONS, 2005; NORMAND, 2009; JÄGER, 2010; NEUMANN & ANJOS, 2018; LÖSENER, 2006 e 2021.

²⁰² “Das Prinzip der radikalen Arbitrarität schließt den Zugang zur Sprache außerhalb jeder Geschichtlichkeit aus der Sprachtheorie aus“.

²⁰³ “Das Objekt des systemischen Lesens bildet das Wert-System des jeweiligen Textes”.

benvenistiana entre esses dois domínios, que requerem aparelhos metodológicos diferentes, e em sua argumentação a respeito das relações significantes terem de ser descobertas no interior das obras. Tal observação será importante para a leitura sistêmica, uma vez que coloca o foco no discurso e na necessidade de não buscar o sentido somente nos signos, trazendo consequência para o ato de leitura em si:

Isto muda quando já não se trata de reconhecer sequências de signos, mas de compreender um significado desconhecido do texto. Porque, com o texto, já não estamos ao nível do signo, mas ao nível do discurso e, portanto, no domínio do semântico²⁰⁴ (LÖSENER, 2006, p. 85).

Com isso, na subseção “System und Rhythmus” (Sistema e ritmo), Lösener chega ao trabalho de Meschonnic e pontua que, para a leitura sistêmica, ao lado dos conceitos de “sistema” e de “valor”, sobretudo a concepção de ritmo é de central importância, tal como Meschonnic desenvolveu com base em Benveniste – uma vez que a leitura sistêmica objetiva a uma escuta do movimento da fala no escrito:

Pois com Meschonnic, que pensa a linguagem a partir do sujeito, do discurso e do ritmo, começa uma semântica para além do princípio do signo, uma semântica em que a substância do sentido da lógica do signo (“conteúdo”, “referência”, etc.) é substituída pelo *fazer* sentido através do ritmo da respectiva enunciação escrita ou falada²⁰⁵ (LÖSENER, 2006, p. 15, grifo do autor).

As oposições, relações, transvalorações, referências seriais constituem o sistema de valor. Por essa perspectiva, “o ritmo gera o sistema de texto”

²⁰⁴ “Das ändert sich, wenn es nicht mehr um das Wiedererkennen von Zeichenfolgen, sondern um das Verstehen eines unbekannten Textsinns geht. Denn mit dem Text befinden wir uns nicht mehr auf der Ebene des Zeichens, sondern auf der Ebene der Rede, und damit im Bereich des Semantischen”.

²⁰⁵ “Denn bei Meschonnic, der die Sprache vom Subjekt, von der Rede und vom Rhythmus her denkt, beginnt eine Semantik jenseits des Zeichenprinzips, eine Semantik, bei der an die Stelle der Sinns substanz der Zeichenlogik („Inhalt“, „Referenz“ etc.) das *Sinnmachen* durch den Rhythmus der jeweiligen geschriebenen oder gesprochenen Äußerung tritt”.

(LÖSENER, 2006, p. 16) e precisa ser ouvido. Lösener observa, com isso, que Meschonnic lê o texto fundamentalmente como um sistema que é formado de valores que, por sua vez, transformam-se em significantes através das relações textuais. Meschonnic enfatiza, assim, uma significância em constante processo de ser feita e desfeita, como fluxo constante de subjetivação. Essa significância, diz o autor no ensaio *Le signe et le poème*, não é derivada de uma oposição entre significante e significado, no âmbito da língua; ela é sim uma “significação produzida pelo significante”²⁰⁶ (MESCHONNIC, 1975, p. 512). O autor afirma que “não é o significante linguístico que é um sujeito [...]”, mas, sim, o “sujeito da escritura que é um complexo de significantes, linguísticos e não linguísticos”²⁰⁷ (MESCHONNIC, 1975, p. 515).

Em *Critique du rythme*, Meschonnic chama a linguagem poética de um “exercício da ‘liberdade’ na exploração da relação individual-coletiva”²⁰⁸ (1982, p. 342). Ao invés de buscar combinações formais, o autor limita-se a comentar o modo como o poema é essa atividade, referindo-se, assim, à significância, a qual chama de “especificidade dos significantes poéticos”²⁰⁹ (1982, p. 342). Meschonnic especifica:

O significante, relembro, é entendido na poética não como na linguística em oposição a um significado, nem como na psicanálise segundo um plano simbólico que pode ser extralinguístico, mas como a organização linguística e translinguística de um sujeito na e pela linguagem, caracterizada pela inseparabilidade de uma mensagem e de sua estrutura, de um valor e de uma significação. Onde translinguístico significa: que ultrapassa a linguística da frase e do enunciado através de uma prática e de uma teoria da enunciação²¹⁰ (MESCHONNIC, 1982, p. 342).

²⁰⁶ “[...] signification produite par le signifiant”.

²⁰⁷ “Ce n'est pas le signifiant linguistique qui est un sujet [...]. C'est le sujet de l'écriture qui est un complexe de signifiants, linguistiques et non linguistiques”.

²⁰⁸ “[...] cet exercice de la « liberté » dans l'exploration du rapport individuel-collectif qu'est le langage poétique”.

²⁰⁹ “[...] une signifiante, c'est-à-dire la spécificité des signifiants poétiques”.

²¹⁰ “Signifiant, je le rappelle, entendu en poétique non pas comme en linguistique par opposition à un signifié, ni comme en psychanalyse selon un plan symbolique pouvant être extralinguistique, mais comme l'organisation linguistique et translinguistique d'un sujet dans et par le langage, caractérisée par l'inséparabilité d'un message et de sa structure, d'une valeur et d'une signification. Où translinguistique signifie : qui déborde la linguistique de la phrase et de l'énoncé par une pratique et une théorie de l'énonciation”.

Se o sistema poético cria os seus próprios valores, esses espalham-se pelo texto através de significantes em suas próprias redes de associações. Esses significantes são, assim, particulares; deles emerge o que Meschonnic (1975, p. 515) chama de sujeito da escritura. Como pontua Lösener, Meschonnic compreende o termo “significante” literalmente, ou seja, como um criador de sentido: “para Meschonnic, os significantes são componentes fazedores de sentido, não detentores”²¹¹ (LÖSENER, 2006, p. 97). Pelas palavras de Meschonnic, “[o] sentido já não é o significado. Não há mais o significado. Existem apenas significantes, participípios presentes do verbo significar”²¹² (MESCHONNIC, 1982, p. 70). Assim, os significantes estão ali em sua tarefa contínua e recíproca de produzir significação ao que os entorna. Lösener observa que esses significantes valem e performam desse modo específico somente no interior do sistema no qual aparecem e do qual emergem (2006, p. 100). Nessa perspectiva, a leitura sistêmica ocorre no aproximar-se da performatividade semântica de um texto:

Para descobrir a performatividade semântica de um texto, temos de nos interrogar sobre as reavaliações que são realizadas por um sistema de texto. Por reavaliações entendo, antes de mais, a transformação de valores do sistema linguístico em valores de um sistema textual concreto²¹³ (LÖSENER, 2006, p. 106).

É importante ter em vista um termo-chave que Lösener utiliza ao definir performatividade: *Umwertungen*. Contida em si está a palavra *Wert*, valor. Daí a escolha de tradução por *reavaliações*²¹⁴. Derivado do verbo *umwerten*, temos

²¹¹ “Signifikanten sind für Meschonnic also sinnmachende, nicht sinnenthaltende Komponenten”.

²¹² “Le sens n’est plus le signifié. Il n’y a plus de signifié. Il n’y a que des signifiants, participes présents du verbe signifier”.

²¹³ “Um die semantische Performativität eines Textes zu entdecken, müssen wir nach den Umwertungen fragen, die durch ein Textsystem vollzogen werden. Unter Umwertungen verstehe ich zunächst die Transformation von Werten des Einzelsprachsystems in Werte eines konkreten Textsystems”.

²¹⁴ O termo é o mesmo, por exemplo, utilizado por Friedrich Nietzsche em *Umwertung aller Werte*, a reavaliação ou transvaloração de todos os valores.

em *Umwertung* a ideia de avaliar algo diferentemente de modo que surja daí um novo valor. *Reavaliação* está a serviço da transformação de valores, pois.

Tais processos são vistos frequentemente na linguagem cotidiana, em *slogans* publicitários, por exemplo, que vivem de mensagens curtas, de forte impacto e que sejam memoráveis, associando algum produto ou marca a alguma construção específica. Lösener (2006, p. 106) ilustra tal ponto com um *slogan* de propaganda bancária: “Wir geben Ihrer Zukunft ein Zuhause” (Nós damos um lar ao seu futuro). *Zukunft* (futuro) e *Zuhause* (lar) reforçam-se mutuamente pelo eco fonemático de /zu/, de modo que cada um desses substantivos aproveita-se de características do outro, fazendo alusão à preposição “zu”, que indica uma direção, mas também um local de estadia: o futuro torna-se proteção e segurança, o lar torna-se um projeto de futuro.

Lösener observa, no entanto, que, via de regra, muito mais complexos são os processos de reavaliações poéticas, pela quantidade e qualidade das associações seriais possíveis e que resultam efetivamente sobre o todo do poema, de modo que “[n]esta performatividade reside aquilo a que se poderia chamar a especificidade poética do poema”²¹⁵ (LÖSENER, 2006, p. 107).

Lösener defende, assim, que processos linguísticos são quase sempre processos de transformação: “Quem fala atribui, pondera, intervém, avalia, etc”²¹⁶ (2006, p. 107). A performatividade linguística é descoberta na observação de processos de transformação, não de comunicação. Não é em um modelo centrado no pensamento do signo – na relação emissor-destinatário-código-mensagem – que se encontra a performatividade.

É necessária, por isso, uma escuta atenta à respiração do texto, ao seu movimento e forma particular de significar, ao ritmo que resulta da articulação entre pequenas e grandes unidades de sentido do discurso: “O texto constitui a base material do ato de leitura, pelo qual o trabalho real de leitura consiste na

²¹⁵ “In dieser Performativität liegt das, was man die poetische Spezifik des Gedichts nennen könnte”.

²¹⁶ “Wer spricht, ordnet zu, gewichtet, greift ein, wertet etc.”.

percepção do texto como discurso escrito. Pois a leitura realiza-se como uma escuta do discurso na língua escrita”²¹⁷ (LÖSENER, 2006, p. 108).

Desse modo, Lösener põe em confronto *Sinngehalt* (conteúdo de sentido) e *Sinnaktivität* (atividade de sentido), uma vez que a leitura sistêmica “não visa a um conteúdo de sentido que possa ser destacado do texto, mas à atividade de sentido que nele se efetiva ou, mais precisamente, à respectiva *performatividade semântica* do texto”²¹⁸ (2006, p. 109, grifo do autor). Tendo em vista este objetivo da leitura sistêmica, o autor conclui que:

Quem for capaz de ler o sistema de valores de um texto será capaz de reconhecer quais as percepções, avaliações e atitudes que ele cria através do modo de seu dizer. O princípio da leitura sistêmica repousa neste postulado simples e fundamental, que estabelece uma ligação entre o como do dizer, ou seja, o sistema do texto, e o quê do fazer, ou seja, a performatividade semântica²¹⁹ (LÖSENER, 2006, p. 109).

O princípio da leitura sistêmica relaciona-se, pois, com a tripla articulação citada por Humboldt, em mais de uma obra, e que considera como constituinte da natureza humana “a ligação inseparável do pensamento, dos órgãos vocais e da escuta à linguagem”²²⁰ (HUMBOLDT *apud* TRABANT, 1998, p. 87). É necessária, assim, uma atenção ao que Jürgen Trabant denominou “articulação da escuta”, na esteira do trabalho de Wilhelm von Humboldt, pois, como descreve Lösener (2006, p. 17), “[a] não-palavra entre palavra e palavra ilude a

²¹⁷ “Der Text bildet die materielle Basis des Leseaktes, wobei die eigentliche Leseleistung im Wahrnehmen des Textes als geschriebener Rede liegt. Denn das Lesen vollzieht sich als ein Hören auf die Rede in der geschriebenen Sprache”.

²¹⁸ “Das systemische Lesen zielt somit nicht auf einen vom Text ablösbaren Sinngehalt ab, sondern auf die in ihm wirksame Sinnaktivität oder, genauer gesagt, auf die jeweilige semantische Performativität des Textes”.

²¹⁹ “Wer das Wert-System eines Textes zu lesen vermag, wird erkennen können, welche Wahrnehmungen, Wertungen und Haltungen es durch die Art und Weise seines Sagens schafft. Das Prinzip des systemischen Lesens beruht auf diesem ebenso einfachen wie grundlegenden Postulat, welches einen Zusammenhang zwischen dem Wie des Sagens, also dem Textsystem, und dem Was des Machens, also der semantischen Performativität, herstellt”.

²²⁰ “Die unzertrennliche Verbindung des Gedanken, der Stimmwerkzeuge und des Gehörs zur Sprache”.

percepção visual, permanece invisível, mas não é inaudível; torna-se audível através de uma leitura que escuta o movimento da fala na escrita”²²¹.

Algumas observações sobre a leitura sistêmica são, ainda, dignas de serem aqui elencadas: a leitura sistêmica não é uma leitura imanentista, ela leva em conta a experiência de sentido situativa e o sistema de sentido textual; ela parte do reconhecimento de que a historicidade do texto não se esgota nas condições de produção de seu surgimento e de que, “de fato, a leitura só pode acontecer onde ambas as historicidades entram em relação uma com a outra, a textual e a situativa”²²² (LÖSENER, 2006, p. 118). A leitura sistêmica trabalha, assim, com a perspectiva de uma dupla historicidade: a do leitor, situativa, e a do próprio texto: “A plausibilidade de qualquer leitura, incluindo da leitura sistêmica, depende, portanto, da medida em que se abre à outra historicidade”²²³ (LÖSENER, 2006, p. 117). Uma leitura sistêmica é, pois, “uma etapa histórica em um processo de leitura sem fim”²²⁴ (LÖSENER, 2006, p. 119); porém, essa leitura não é um monólogo, como o querem teorias que centram toda construção de sentido no leitor, mas sim uma escuta à constituição do texto.

É importante ressaltar que Lösener diferencia sistema de sentido e experiência de sentido: “O sistema de sentido constitui-se através da organização semântica dos significantes no texto, enquanto a experiência de sentido emerge da interação entre texto e receptor”²²⁵ (LÖSENER, 2006, p. 120). De acordo com o autor, essa demarcação é fundamental para que não se incorra novamente no dualismo que ora pende o ato de leitura para o lado da extração,

²²¹ “Das Nichtwort zwischen Wort und Wort entzieht sich der visuellen Wahrnehmung, es bleibt unsichtbar, aber ist nicht unhörbar; es wird hörbar durch ein Lesen, das auf die Bewegung des Sprechens im Geschriebenen hört”.

²²² “Tatsächlich kann sich das Lesen ja nur dort ereignen, wo beide Geschichtlichkeiten, die textuelle und die situative, in eine Beziehung zueinander treten”.

²²³ “Die Plausibilität jeder Lektüre, auch der systemischen Lektüre, hängt deshalb davon ab, inwiefern sie sich der anderen Geschichtlichkeit öffnet”.

²²⁴ “eine geschichtliche Etappe in einem unabschließbaren Leseprozess”.

²²⁵ “Das Sinnsystem des Textes konstituiert sich durch die semantische Organisation der Signifikanten im Text, während die Sinnerfahrung aus der Interaktion zwischen Text und Rezipient hervorgeht”.

ora para o da atribuição de sentido, que leva inevitavelmente “às aporias características da crise da interpretação”²²⁶ (LÖSENER, 2006, p. 117).

Por fim, mas não menos importante, a leitura sistêmica não tem a presunção de esgotar um texto, ela não investe na projeção de uma resposta já de antemão conhecida; isso é tarefa de leituras que permanecem ao lado da segurança. A leitura sistêmica é poética, está a favor da alteridade do sentido e, por isso, ao lado da incompletude (LÖSENER, 2006, p. 121-123). Ela busca a intersubjetividade da leitura. É no limiar entre sistema de sentido e experiência de sentido que Lösener tece sua proposta de leitura de “rastros interligados”, que serão abordados na subseção a seguir.

3.2.2 Rastros interligados

A presente subseção busca adentrar a proposta de leitura sistêmica, a partir da consideração de *vernetzte Spuren*, “rastros interligados”. Para isso, no entanto, são retomadas algumas breves considerações a respeito da noção de sistema, de arbitrariedade e de historicidade, com o objetivo de dar a ver consequências práticas para o trabalho textual que leve em conta associações e relações. Nesse sentido, busco apoio em Lösener (2006, 2021), Normand (2009) e Neumann (2023). Após isso, foco o trabalho nas considerações de Lösener diretamente concernentes aos “rastros interligados”.

Inicialmente, é preciso considerar atentamente a advertência de Lösener (2006, p. 65) acerca de seus usos para o termo “sistêmico”, em sua conceitualização de leitura sistêmica: “sistêmico” é relativo a “sistema”, não a “sistemático” ou a “estrutural”. O autor observa que Saussure não tratou de paradigmas pré-estabelecidos, mas de associações que oferecem uma

²²⁶ “(...) jene für die Krise der Interpretation so charakteristischen Aporien”.

concepção de formação de séries muito mais abrangente que a dos futuros estruturalistas (2006, p. 132).

Para discutir esse quadro mais abrangente, Lösener busca na teorização saussuriana a possibilidade de uma historicização radical da língua, a partir da relação entre arbitrariedade, sistema e valor. O autor declara, no entanto, que suas observações tomam como referência Henri Meschonnic, que insistiu em mostrar a relevância da historicidade em Saussure. Tal argumento é corroborado por Émile Benveniste que, em 1968, já observara que no pensamento saussuriano “não é a história que dá vida à linguagem, mas sobretudo o inverso. É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” (BENVENISTE, 2006 [1976], p. 33).

De acordo com Lösener (2021, p. 8), “A arbitrariedade exclui assim da teoria linguística qualquer acesso especulativo a um estado anterior à língua e fora da historicidade”. Levando em conta que, em Saussure, o sistema e o arbitrário são inseparáveis, “Radicalmente arbitrário significa, portanto, radicalmente histórico” (2021, p. 8). O autor observa que, no trabalho de Saussure,

O sistema não pode ser separado da respectiva língua; ele é cada vez único (no sentido de Humboldt), ou seja, histórico, enquanto a estrutura pode ser separada da língua individual e da história, como a estrutura da poesia, em Jakobson, ou a estrutura profunda, em Chomsky (LÖSENER, 2021, p. 10).

Tal ponto de vista é compartilhado por Claudine Normand, para quem essa posição semiológica de Saussure entrelaça social, arbitrário e valor, uma vez que “O caráter histórico e social da língua (...) é absolutamente ligado ao caráter arbitrário do signo” (NORMAND, 2009, p. 71). No pensamento saussuriano, como consequência do estudo da língua a partir do sistema de valores, há não mais uma concepção tradicional de signo, mas sim a sua tomada como equivalente a *relações, valores e diferenças*, com a finalidade de descrever o seu funcionamento (NORMAND, 2009, p. 74). Como pontua Neumann (2023, p. 479), decorre do legado do sistema saussuriano o pensamento da antiorigem, uma vez que a noção de sistema sustenta a

constelação de conceitos como arbitrariedade, valor e funcionamento, propondo não mais a busca de supostas origens da linguagem.

Normand (2009, p. 79) argumenta que a relação significante/significado não é suficiente para dar conta da construção de sentido, sendo necessário observar todo um conjunto de associações, “um sistema latente”, pelas palavras de Saussure. Por essa perspectiva linguística, léxico e gramática não são mais vistos de modo separado, uma vez que é somente em relação que as formas existem e, portanto, podem ser observadas. Normand (2009, p. 79) observa que “valor” se torna a maneira linguística de retrabalhar a noção de “arbitrário” da filosofia, tradicionalmente visto como “equivalente a *convencional*”, instituído (2009, p. 100). Para Saussure, assim, o que significa é uma relação de formas, não uma forma em si e por si própria. Partir do sistema significa, então, não mais isolar unidades, mas sim trabalhar de modo relacional. É o que Lösener faz, por exemplo, em seu terceiro capítulo, com uma proposta de leitura sistêmica para um conto de Franz Kafka, baseado sobretudo em um conjunto de séries que estabelecem relações e formam sistema.

*

Inspirado no terceiro capítulo de *Zwischen Wort und Wort, Interpretation und Textanalyse*, intitulado “Textsystem und Perspektivität – zu Franz Kafkas Erzählung *Ein Landarzt*”²²⁷, elenco aqui algumas considerações acerca do que Hans Lösener (2006, p. 125-192) chamou de *vernetzte Spuren*, que chamaremos aqui de “rastros interligados”. Após a exposição do conto de Kafka na íntegra, Lösener mostra o que por si não é uma leitura sistêmica. Para tanto, traz considerações críticas a respeito de uma análise operada por Hans Hiebel, em 1984, a respeito de *Um médico rural*. Após quinze páginas de análise crítica da leitura de Hiebel, Lösener resume:

²²⁷ O capítulo pode ser traduzido como “Sistema de texto e perspectividade – sobre o conto *Um médico rural*, de Franz Kafka”.

Hiebel de fato imputa ao texto de Kafka a performatividade de sua própria interpretação, a “substituição contínua de um significante por outro”. Ao mesmo tempo, o texto literário é declarado como o local da repetição neurótica de um trauma primordial, um ato obsessivo que, devido à indizibilidade do trauma, é uma série de deslocamento após deslocamento e repressão após repressão. Sua interpretação, portanto, termina no elogio de um enorme fracasso patológico. Nela, o distanciamento de uma “narrativa histórico-irreversível e explicativa-causal” ocorre em favor de uma “fantasia estrutural” (ibid., 130). Kafka é pós-modernizado, sua escrita é declarada como o ponto final da narrativa, o ponto a partir do qual só pode haver uma reimaginação das estruturas universais²²⁸ (LÖSENER, 2006, p. 145).

Desse modo, a apreciação de Lösener para a análise feita por Hiebel para o texto de Kafka parte de uma crítica frontal a modelos de leitura como decifração de sentido, que o autor chama de *dechiffrierendes Lesen*. Nessa perspectiva, a leitura tem o papel de decompor os significantes do texto de acordo com um determinado padrão estrutural, de modo que o texto, por fim, é remetido a uma estrutura superordenada ou a um padrão pré-determinado. Trata-se, aqui, do princípio da substituição, da leitura hermenêutica. A leitura estrutural é, pois, uma das variantes de leitura decifradora, na qual a compreensão se dá quando se identificam padrões no texto que são percebidos por sua generalidade. O autor observa que:

Por muito útil que a leitura estrutural seja, sem dúvida, para a orientação num plano de viagem ou num artigo de enciclopédia, torna-se problemática quando serve para a *decifração* do sentido, pois ameaça repetidamente ignorar as especificidades do sistema do texto em favor da generalidade da estrutura²²⁹ (LÖSENER, 2006, p. 131, grifo do autor).

²²⁸ Hiebel unterstellt Kafkas Text in der Tat die Performativität seiner eigenen Interpretation, den „fortwährenden Ersatz eines Signifikanten durch einen anderen.“ Zugleich wird der literarische Text zum Ort der neurotischen Wiederholung eines Ur-Traumas erklärt, zu einer Zwangshandlung, die aufgrund der Unsagbarkeit des Traumas Verschiebung an Verschiebung und Verdrängung an Verdrängung reiht. Seine Interpretation endet daher in der Eloge einer gewaltigen pathologischen Fehlleistung. In ihr ereignet sich die Ablösung von einem „historisch-irreversiblen und erklärend-kausalen Erzählen“ zugunsten einer „strukturellen Phantasie“ (ebd., 130). Kafka wird postmodernisiert, sein Schreiben zum Endpunkt des Erzählens erklärt, zu dem Punkt, von dem an es nur noch ein Nachphantasieren universeller Strukturen geben kann.

²²⁹ “So sinnvoll das strukturelle Lesen etwa bei der Orientierung in einem Fahrplan oder einem Lexikonartikel zweifellos ist, so problematisch wird es dort, wo es der Entschlüsselung des Sinns

Tal postura generalizante será, pois, refutada pela leitura sistêmica, que, ainda assim, buscará meios de não recair na crise da leitura, na impossibilidade de toda e qualquer leitura. Em vista disso, Lösener relembra que “paradigmático” não significa “associativo”. Ou seja, retoma sua filiação a Saussure e mais uma vez o distancia do método estruturalista:

Mas, ao contrário dos seus sucessores estruturalistas, Saussure não falou de “paradigmático”, mas de “associativo”, abrindo assim uma concepção mais abrangente da formação de séries que não está vinculada a paradigmas predeterminados²³⁰ (LÖSENER, 2006, p. 132).

Em contrapartida, Lösener buscará na atividade de linguagem o modo para sua leitura sistêmica. Ao buscar rastros interligados associativos em um texto, o autor busca uma série de elementos que formam aquele sistema. Em sua proposta, o autor opera uma aproximação à maneira de *fazer sentido* do texto (*Sinnmachen* des Textes), não de uma decifração ou de uma atribuição de sentido, buscando, com isso, justamente a performatividade semântica resultante da interação entre os significantes no sistema de texto. De acordo com Lösener (2006, p. 146, grifos meus), trata-se de:

(...) uma perspectividade que não pode ser limitada à mera perspectiva narrativa, mas que permeia sim todo o *ritmo* da narrativa e é *eficaz* em cada frase, em cada proposição, em cada palavra e em cada ponto e vírgula. (...) uma leitura que está preparada para seguir *rastros* e interligar *indícios* uns com os outros, desvendar *ligações internas em série* e *associativas* e para interrogar sobre a sua *performatividade* no sistema de texto.²³¹

dient, da es immer wieder die Spezifik des Textsystems zugunsten der Allgemeinheit der Struktur auszublenzen droht”.

²³⁰ “Doch Saussure hat nicht, wie seine strukturalistischen Nachfolger, von ‚paradigmatisch‘, sondern von ‚assoziativ‘ gesprochen und damit eine umfassendere, nicht an vorgegebene Paradigmen gekoppelte Konzeption der Serienbildung eröffnet”.

²³¹ “eine Perspektivität, die nicht auf die bloße Erzählperspektive eingegrenzt werden kann, sondern den ganzen Rhythmus der Erzählung durchdringt und in jedem Satz, in jeder Proposition, in jedem Wort und in jedem Semikolon wirksam ist. (...) ein Lesen, das bereit ist, Spuren zu verfolgen und Indizien miteinander zu vernetzen, interne serielle und assoziative Zusammenhänge aufzudecken und nach ihrer Performativität im Textsystem zu fragen”.

Ao observar os grifos de Lösener, em *itálico*, percebemos uma ênfase em elementos alusivos ao que podemos chamar de *eficácia do texto*, ou seja, em sua capacidade de *produzir efeitos*, na consideração de processos poéticos que agem quando lemos ou ouvimos. Frase, proposição, palavra, ponto e vírgula – nos mais diversos âmbitos textuais, trata-se, pois, da importante relação do ritmo com a *produção de efeitos*. Destarte, Lösener salienta que a distinção entre *modo de ação (Wirkungsweise)* e *efeito (Wirkung)* é fundamental para a leitura sistêmica, uma vez que, “se na leitura sistêmica trata-se da descoberta do fazer no dizer, ou seja, da dimensão performativa do texto, então trata-se também da dimensão da performatividade que é formada pelo modo de ação textual”²³² (2006, p. 106). A esse modo de ação, Lösener chamará de performatividade semântica. Nessa perspectiva, compreende-se que a *performatividade semântica* está diretamente ligada ao *modo de produzir efeitos* que o texto promove a partir de seus rastros, indícios, ligações internas em série, ligações associativas.

Dessa maneira, assim como a funcionalidade do sistema de valores resulta das relações dos valores entre si (LÖSENER, 2006, p. 133), a performatividade resulta das relações sistêmicas que deixam seus rastros e produzem seus efeitos: “Esta perspectividade *inscrita* no sistema textual encontra-se tão abertamente perante o leitor como a carta roubada no conto homônimo de Edgar Allan Poe: evidente e indetectável ao mesmo tempo”²³³ (LÖSENER, 2006, p. 146, grifo meu). Notemos que o termo utilizado por Lösener remete diretamente às teorizações de Benveniste acerca da subjetividade da linguagem: *eingeschriebene Perspektivität* (perspectividade *inscrita*). Percebida dessa forma, o que é a performatividade senão resultado de rastros de inscrição subjetiva? A partir de Benveniste (2006 [1976], p. 230-231), tratamos o “agenciamento de palavras” na frase como um acontecimento cada vez diferente, como um “evento evanescente”. Há, pois, uma dimensão performativa

²³² “wenn es beim systemischen Lesen um die Entdeckung des Machens im Sagen geht, also um die performative Dimension des Textes, dann um diejenige Dimension der Performativität, die von der textuellen Wirkungsweise gebildet wird”.

²³³ “Diese in das Textsystem eingeschriebene Perspektivität liegt so offen vor dem Leser wie der entwendete Brief in Edgar Allan Poes gleichnamiger Erzählung: unübersehbar und unauffindbar zugleich”.

na fala, uma vez que a linguagem é ação subjetiva. Com Lösener, falamos, assim, de inscrição subjetiva que forma sistema.

Tendo em vista a noção de performatividade como a de inscrição subjetiva que produz a poética de um texto, Lösener investe na experiência de descoberta da e na leitura, onde há a possibilidade da intersubjetividade, insistindo que “[a] leitura em geral, e a leitura de textos poéticos de forma especial, permanece uma aventura mesmo quando acreditamos que já sabemos ler”²³⁴ (LÖSENER, 2006, p. 146). Importa, aqui, entregar-se ao que a leitura descobre, ao “movimento do desconhecido no sentido”, para usar uma expressão de Meschonnic (2017, p. 296). Somente quando nos permitimos ouvir o que se passa no texto é que conseguimos ler a perspectividade do ato de narração, sem termos de recorrer à salvação pelas metáforas e à existência de subtextos nos quais projetamos uma estrutura pré-dada, seja da ordem que for (LÖSENER, 2006, p. 143).

Como observa criticamente Lösener, as metáforas ou os subtextos (psicanalíticos, por exemplo) repousariam no princípio de substituição, da interpretação exegética, ou seja, na qual “o sentido literal do texto, o *sensus litteralis*, é transferido para o sentido espiritual da exegese, o *sensus spiritualis*”²³⁵ (LÖSENER, 2006, p. 9-10, grifos do autor). Nessa perspectiva, na análise textual, funcionariam, assim, como uma fuga ao ritmo e, portanto, uma recusa à historicidade do texto.

Relações sistêmicas, em contrapartida, não são meras figuras estilísticas, mas figuras textuais. Figuras textuais valem naquele texto de modo particular, significam naquele sistema, pois, como argumenta Lösener, “elas surgem das referências textuais dos significantes uns aos outros e não realizam uma constelação confinada ao nível da frase”²³⁶ (2006, 153). É preciso observar, assim, a constituição do valor na “não-palavra”²³⁷, a emergência da significação

²³⁴ “Das Lesen überhaupt, und das Lesen poetischer Texte in besonderem Maße bleibt auch dann ein Abenteuer, wenn wir glauben, schon lesen zu können”.

²³⁵ “Der wörtliche Sinn des Textes, *der sensus litteralis*, wird in den geistigen Sinn der Auslegung, *den sensus spiritualis*, überführt”. Como discutido em 3.2.

²³⁶ “keine Stilfiguren, sondern Textfiguren, denn sie entstehen aus den textuellen Bezügen der Signifikanten zueinander und realisieren keine auf die Satzebene eingrenzbar Konstellation”.

²³⁷ “das Nichtwort”, um dos termos que Lösener (2006, p. 9) utiliza ao tratar do que ocorre entre as palavras – inspirado pelo poema “Lyrik” de Hilde Domin.

que perpassa as unidades no discurso, uma vez que os significantes se espraíam pelo texto, gerando associações, construções e significações particulares. Esses elementos não dados previamente, mas construídos de modo singular no e pelo texto-sistema, permitem que o texto faça o que ele faz, ou seja, resultam em sua performatividade, sua maneira própria de fazer sentido, em suma, na atividade semântica do texto (LÖSENER, 2006, p. 176), que ocorre no que, aqui, chamo de entrelugar. Trata-se, assim, de ler e escutar o texto como um sistema poético.

3.3 Considerações intermediárias

No presente capítulo, ponderei a respeito de uma concepção de leitura que se compreende enquanto antropológica e histórica, levando em conta a atividade de linguagem no processo de leitura e análise textual, privilegiando a rede de rastros interligados que sustentam o texto, o particularizam e compõem um sistema poético.

Em um primeiro momento, tracei considerações a respeito de termos caros ao pensamento saussuriano, sobretudo os de sistema, de valor e de historicidade, com o objetivo de chegar à noção de atividade de linguagem. Visto que essa discussão teórica é filiada a Henri Meschonnic e traz consigo, por conseguinte, elementos de Wilhelm von Humboldt, de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste, procedi a uma contextualização desse pensamento de base.

Em um segundo momento, procedi a observações teóricas a respeito do que Hans Lösener chama de *systemisches Lesen*, a leitura sistêmica, assim como de seus antecedentes conceituais. Posteriormente, discuti acerca do que Lösener entende por *vernetzte Spuren*, rastros interligados, e sua relação com a performatividade textual. Por fim, ao longo deste capítulo, enfatizei que Lösener procura na atividade de linguagem o caminho para sua concepção de leitura, levando em conta o aqui-e-agora da enunciação e a intersubjetividade.

Segundo a sugestão aberta por Lösener (2016), enquanto buscamos rastros interligados associativos em um texto, procuramos uma série de componentes que compõem o seu sistema poético, destacando elementos que remetem à eficácia do texto, ou seja, à estreita relação entre o ritmo particular daquele texto e sua criação de efeitos de sentido. Sob essa ótica, entende-se que a performatividade semântica está diretamente relacionada aos valores significantes gerados pelos seus rastros e associações. Tendo como base a discussão acima exposta, e não um modelo ou cartilha a seguir, proponho-me, no capítulo a seguir, a um ensaio de leitura sistêmica de dois textos poéticos distintos, o conto “Padre Julio e o outro e os outros”, de Aldyr Garcia Schlee, e o poema “Kaspar Hauser Lied”, de Georg Trakl – observados nos entrelugares que lhes constitui enquanto fazer poético.

4 – DE VALOR E ENTRELUGAR: ANÁLISES SISTÊMICAS

*Das Geschehene ist nur zum Theil in der Sinnenwelt sichtbar, das Uebrige muss hinzu empfunden, geschlossen, errathen werden*²³⁸

(HUMBOLDT, 1905 [1820], p. 35)

4.1 Considerações iniciais

Com o presente capítulo, amparado na proposta de uma antropologia histórica da linguagem, assim como concebida por Henri Meschonnic (1982), e inspirado pela abordagem de leitura sistêmica desenvolvida por Hans Lösener (2006), componho a parte empírica deste trabalho. Trata-se, aqui, da observação e escuta, ou melhor, da leitura ouvinte de poemas. Observo que *hörendes Lesen*, leitura ouvinte, é um conceito importante que Lösener deriva da poética do ritmo meschonnicuana: “Com efeito, na leitura sistêmica trata-se de uma leitura ouvinte, uma leitura que escuta a articulação significativa do discurso escrito, ou seja, a articulação do respectivo sistema de texto”²³⁹ (2006, p. 12-13). Trata-se, pois, da escuta do ritmo do texto, da leitura da oralidade inscrita no texto.

Para isso, proponho-me à análise de textos literários de diferentes gêneros, épocas e contextos culturais, não fazendo uso da corrente distinção

²³⁸ Tradução minha: “O que aconteceu é apenas em parte visível no mundo sensível; o resto tem de ser sentido, inferido, adivinhado”. Doravante, ao longo do capítulo, são minhas as traduções de Lösener (2006), Meschonnic (1982), Krause (2015) e de Lukács (1916).

²³⁹ “Beim systemischen Lesen geht es in der Tat um ein hörendes Lesen, ein Lesen, das auf die sinnmachende Gliederung der geschriebenen Rede, d. h. auf die Artikulation des jeweiligen Textsystems, hört”.

entre prosa e poesia²⁴⁰ e evitando o historicismo, a redução do sentido às suas condições de produção. Essa escolha de corpus literário inspira-se nas análises de Hans Lösener (2006) e, por conseguinte, nas considerações de Henri Meschonnic (1982), que toma por poema todo texto que constrói o seu próprio sistema poético e, com isso, a sua própria história. A consideração de Meschonnic assenta-se em sua crítica ao dualismo, uma vez que “O antigo esquema do signo, que é a teoria tradicional do ritmo, rege a oposição racionalista, reforçada pelo positivismo, da prosa à poesia”²⁴¹ (1982, p. 392). Busco, com isso, escapar à abordagem literária historicista e às projeções teóricas sobre a literatura, de modo a investir em uma proposta analítica que parta da materialidade textual e que a deixe respirar junto ao leitor, observando possíveis temas e séries que se destacam em sua composição e constroem um sistema significativo.

Nesse sentido, escolhi autores que poderiam ser chamados de escritores de entre-lugar, uma vez que Aldyr Garcia Schlee situa-se tanto na literatura uruguaia quanto na brasileira, apresentando um interessante caso de autotradução, enquanto Georg Trakl é um autor que também desafia fronteiras nacionais, visto ser austríaco e figurar como expoente na literatura de expressão em língua alemã. Para tanto, escolhi poemas de caráter elíptico, que, a despeito de sua aparente simplicidade de linguagem, tecem arrojadas redes significativas e terminam por representar ao leitor um risco a correr, uma súplica à coconstrução. Trata-se, aqui, da análise do conto “Padre Julio e o outro e os outros”, de Aldyr Garcia Schlee, e do poema “Kasper Hauser Lied”, de Georg Trakl. Cada um à sua maneira, os textos constroem os seus mistérios em entrelugares, na performance de seus próprios valores, no que emerge de suas redes de associações, em sua tarefa de fé.

²⁴⁰ Como observa Neumann (2016, p. 67), sem fazer distinção de gênero, Meschonnic considera poema textos literários em geral. Poesia é, pois, criação. No poema, deparamo-nos com o “sujeito no instante do risco” (MESCHONNIC, 2017, p. 73).

²⁴¹ “Le vieux schéma du signe, qui fait la théorie traditionnelle du rythme, régit l'opposition rationaliste, renforcée par le positivisme, de la prose à la poésie”.

4.2 De outro conto angustiante

Na presente subseção, apresento um conto de autoria de Aldyr Garcia Schlee e busco analisá-lo a partir de subsídios inspirados na poética do ritmo, sobretudo no que Lösener chama de *rastros interligados*. A leitura a seguir busca evidenciar como o conto pode ser lido com base na observação e escuta atenta de um conjunto de relações internas que constroem o seu sistema poético, especialmente a partir de uma série de negações e de paralelismos que compõem sua dramaticidade, seu entrelugar de desconforto.

4.2.1 Rastros interligados em “Padre Julio e o outro e os outros”

Publicado originalmente em espanhol, no ano de 1991, o livro de contos *El día en que el Papa fue a Melo* ganhou sua versão para o português somente em 1999, traduzida por Aldyr Garcia Schlee, seu próprio autor, cujo entrelugar cultural, idiomático e criativo lhe faz figurar em dois sistemas literários nacionais, o uruguaio e o brasileiro. Presente em *O dia em que o Papa foi a Melo*, “Padre Julio e o outro e os outros”²⁴² inicia a série de contos que giram em torno da mobilização popular, na cidade uruguaia de Melo, para a visita de João Paulo II, Papa da Igreja Católica Apostólica Romana entre o fim dos anos 70 até meados da primeira década dos anos 2000²⁴³.

²⁴² Na obra em questão, Schlee enumera os seus contos. Este é o Conto I, que, em nota de rodapé, é também chamado de “Padre Julio e o outro e os outros”.

²⁴³ Trata-se de um acontecimento marcante na história uruguaia, que, inclusive, foi levado ao cinema em 2007 por César Charlone e Enrique Fernández, em seu filme chamado “El baño del Papa”. No Brasil, o filme é conhecido como “O Banheiro do Papa”.

Na fotografia aqui projetada, pode-se ver a multidão que se mobilizou para a visita do Papa João Paulo II à cidade uruguaia de Melo, no dia 8 de maio de 1988:



Figura 1: retrato da visita do Papa João Paulo II a Melo

Apresento, a seguir, o *Cuento I* de *El día en que el Papa fue a Melo*. Os números entre colchetes indicam a página em que o texto precedente se encontra na edição de 1991, publicada pela editora Banda Oriental, de Montevideú.

Cuento I

Este cuento podría llamarse EL PADRE JULIO Y EL OTRO O Y LOS OTROS.

El día en que el Papa fue a Melo el padre Julio no fue a verlo. Eran las ocho menos diez de la mañana cuando decidió que no iría, aunque quedaría como si fuese. Se había despertado temprano, se había afeitado, se había bañado y se abotonaba la camisa, antes del café, cuando resolvió: no voy. Y no fue, pese a que tomó el café con los otros padres,

oyéndolos entusiasmados con la visita, alborotados como seminaristas, uniformados con aquellas camisas casi transparentes con camisillas de gimnasia por debajo.

El no tenía camisilla por debajo. Al abotonarse la camisa se vio en el espejo y se dijo: no voy. En el espejo se vio abotonándose la camisa sin camisilla de gimnasia por debajo y se sintió con coraje para no ir: no voy.

La suerte fue que los otros padres no notaran nada, no percibieran que él estaba distinto, más callado que nunca, sonriendo medio de lado, sin camisilla por debajo. Se atropellaban con prisa y cada uno tenía una tarea que cumplir. El padre Julio no: el padre Julio no tenía más que hacer porque ya había cumplido su misión el día anterior, en los preparativos de la venida del Papa, mientras no llegaban los asesores directos del portavoz Joaquín Navarro.

A las ocho y media, el padre Julio salió a la calle. Hacía tres días que estaba de vuelta en Melo. Era grande el movimiento de gente: paisanos a caballo, el tránsito desviado. Había tenido que atender sin cesar a los periodistas, tratar de resolver problemas de embotellamiento y localización de los ómnibus de excursiones. La iglesia estaba adornada, [p. 15] en las calles se agitaban banderitas amarillas y blancas, se extendían de columna en columna las fajas de bienvenida. El trataba de ocuparse de todo, de todos los modos, a las vueltas con la gente de la intendencia, con los obispos brasileños o tan sólo con los asientos históricos de los libros parroquiales. Las personas se acomodaban por donde el Papa iba a pasar, pero la mayoría, en grupos de termo y mate en las manos, con saco, poncho o campera, iba para la explanada de la Concordia. El estaba de vuelta en Melo por primera vez desde que fuera ordenado. Y había un helicóptero militar en el aire.

Era la primera vez que venía a Melo después de ordenarse. A las vueltas con la historia de la parroquia y de sus iglesias, bien que podía sentirse heredero y seguidor de los fundadores, don Benito Ducós Lahitte y don Pedro Antonio Ortuño, que usaron como capilla un rancho prestado, frente a donde se hizo la iglesia vieja –la iglesia vieja de don Juan José Arboleya y de don José de la Nobal– construida en 1809 y en cuyos libros quedaron asentados los nombres de toda aquella gente que se fue sumando y sumando en Melo y después se fue dividiendo y dividiendo entre las dos plazas, entre los Muñoz y los Coronel, y que ya en 1845 diera el nombre de Artigas a una calle. Sabía con certeza que la villa era de 1795 y que nació bajo la invocación de Dios –“principio, medio y fin de todas las cosas”, aunque con la sugerencia de que se llamase Melo en homenaje a Cipriano Melo, portugués al servicio de España, el primero que anduvo por allí; y bajo la resolución de que se escogiese después el santo protector del lugar, “que serviría de abogado y patrón de sus moradores”.

Bueno: antes de verse en el espejo, sin camisilla por debajo, el padre Julio había pensado mucho en aquella tierra arachana que era tan suya, pensado mucho en aquella gente que se atiborraba de alegrías y cantares, pensado mucho en lo que se decía del poético saludo que don Roberto Cáceres haría al Papa –¿quiénes somos para tener con nosotros el vicario de Cristo?– y se había preguntado si todo era efectivamente así, y así tenía que ser. Había recordado sus tiempos de gurizón con ganas de poeta, el poema que vio estampado un día en “El Deber Cívico” y el orgullo con que guardó el recorte del diario donde Cacho Monegal y Juana de Ibarbourou habían publicado sus primeros versos. [p. 16]

No fue a ver al Papa: no salió a la calle como los otros; no siguió con todos rumbo a la explanada. Anduvo ocho o diez cuadradas en dirección al arroyo Conventos. Descendió hacia el Parque Zorrilla, buscando rever las fachadas, las esquinas, los muros y los baldíos en cuya presencia jubilosamente se reconstruía y en cuya ausencia penosamente se desencontraba.

Hace mucho frío; el cielo cerrado, la neblina baja, el sol cubierto. El Teatro de Verano, en el Parque Zorrilla de San Martín, está desolado, completamente desierto: no hay nadie siquiera para impedir la entrada. Es un lugar sombrío, cercado de enormes eucaliptos y además tomado por la cerrazón. La gran superficie circular está asfaltada, el escenario vacío, y los ocho peldaños en círculo, pintados de amarillo y blanco, cierran el anillo. Hay un aroma de lluvia, un aroma de tierra y pasto mojados.

Cuando fue a afeitarse, aquel día, el padre Julio era el alumno de don Ramón Angel y de don José Apolinario en el Instituto Departamental, era el frecuentador del Teatro España y asistía tímidamente a los bailes del Club Unión con el grupo de colegas que tenía la idea de fundar un Cine Club. Afeitándose, en la mañana de aquel día, el padre Julio se encontró nuevamente con todas las Historias y Geografías que nunca había podido olvidar y que hacía de cuenta que no le atormentaban, con la memoria de los amigos y conocidos de otros tiempos y la ilusión de las palabras que no fueron dichas y de las cosas que no fueron hechas.

El gran anfiteatro al aire libre está desierto. El padre Julio camina lentamente por el escenario y siente cada vez más el frío de la mañana, en el suelo ceniciento y en los peldaños que acumulan en su torno las sombras de la noche. Su respiración humea en el aire húmedo. Un hornero, con elegantes aleteos y la cola bien marrón, se aproxima, se detiene, y permanece atento. Más adelante dos terutereros se encogen, parados, las cabezas metidas en el cuerpo. Y ya en los peldaños circulares algunos gorrones —o chingolos— revolotean. El aroma es de tambo, de flores del campo, de sonrisas infantiles.

Cuando fue a darse un baño, la mañana de aquel día, el Padre Julio era el novio de Mirela —que una vez apareció en una casa de la calle Florencio Sánchez, rumbo a la estación del tren, los codos apoyados en la ventana, las manos amparando su inolvidable rostro de niña y un gran [p. 17] lazo de cinta en el cabello. El Padre Julio era el novio de Mirela, a cuyo lado se sentó en el cine y cuya mano le tomó mientras en la pantalla se desarrollaba una comedia de Olinda Bozán. El Padre Julio era el novio de Mirela, que crecería sin mirar a otro y que lo esperaría en el portal con el vestido recién planchado y un aroma de jabón de tocador en el cuerpo distante. El Padre Julio era aún el novio de Mirela —el único novio de Mirela— su única novia, cuyas manos estarían frías y transpiradas cuando tomasen las suyas, después de la despedida, para decirle que no se fuese, para rogarle, que no podía ser, que todo aquello era mentira y que él no se iría, que se quedaría allí y que ella estaría en la ventana o lo esperaría en el portal, y que irían al cine y estarían siempre con las manos entrelazadas.

Allá, encima del último peldaño, el Padre Julio mira en derredor y ve el teatro griego de Siracusa donde pensó, un día, que los leones venían y venían y destripaban a los cristianos como en Roma y en el cine. Percibe que no está solo en aquel vacío total, sin leones ni cristianos, sin coro ni personajes, en compañía de tantos mínimos seres que ignoran la visita del Papa —los teruterus aún sin alzar el vuelo, encorvados de frío— y se ve rodeado por lo que fue: el gurí de Tupambaé, el mandadero de los curas, el monaguillo de misa, el estudiante del Instituto, el novio de Mirela...

El no es de Melo sino de los altos de Tupambaé. Vino a Melo con la madre, que trabajaba de sirvienta en la casa parroquial. Vivió en Melo desde los seis años y allí estudió por cuenta de los curas e hizo amigos y conoció a Mirela; y de allí tuvo que irse para continuar sus estudios en el seminario. Fue criado en la liturgia de la palabra y en la liturgia de la eucaristía, tocaba la campanilla en la misa y esperaba ardientemente el quinto sacramento sin percibir que, un día, sólo le restaría el séptimo.

Más allá del último escalón no se pueden ver, por la alta cerca de transparentes, tres niños y un perro, del lado de afuera, en la costa del arroyo. Están hundidos hasta las

pantorrillas en el barro y tratan de correr en los charcos. Uno de ellos tiene una banderita amarilla y blanca, la levanta y grita:

—Juan Pablo Segundo! ¡...que ama a todo el mundo!

Los otros dos ahuyentan al perro y repiten: [p. 18]

—Juan Pablo Segundo! ¡...que ama a todo el mundo!

El Papa, el vicario de Cristo, el sucesor de San Pedro, el Sumo Pastor, el infalible representante de Jesús en la Tierra. El Papa estaba llegando con su sotana blanca y con el anillo del pescador. Padre, Príncipe y Rey, sin su rica tiara de tres coronas de flores de oro recamadas de piedras preciosas bajo la cruz y un pequeño globo azul. Sin silla gestatoria ni palafreneros. El Papa venía en avión, llegaba tan pronto se disipara la neblina y, entonces, pasaba al Papamóvil...

Hubiera sido fácil, al volver a Melo, avisar: vean, el padre Julio, Julito, el que ayudaba en la misa, el que gustaba del cine e iba a los bailes con nosotros, Julito (que nunca contó a nadie que amaba a Mirela), el Julito está de regreso, ahora sí es sacerdote, estudió en el extranjero, volvió importante, dicen que vino con el Papa, quedará aquí sólo tres días para preparar la visita de Su Santidad.

“Llega el Amigo” —decía “Tribuna Popular”, de Río Branco, refiriéndose al Papa.

Pero el Padre Julio no avisó a nadie. Llegó, hizo lo que tenía que hacer, se ocupó de todo lo que pudo para no tener una hora, un minuto siquiera de descanso, para no tener al menos un instante libre que le permitiese salir y andar por las calles, tomar el rumbo de la estación por la calle Florencio Sánchez y sentir aquella ternura, el temblor de la mano de Mirela en su mano.

Un día, en Zaragoza, entre peregrinos, el Padre Julio pudo ver a la Virgen del Pilar, patrona de España y santa protectora de Melo. El nunca había visto al Papa (ni en el invierno de 1980 en Porto Alegre, ni al año siguiente, cuando estuvo en Roma, después del atentado de Alí Agcá). Pero el Padre Julio había visto en Zaragoza a la Virgen del Pilar, protectora de Melo. Y había sentido en la mano el temblor de Mirela, y había visto en la cabeza de la Santa el lazo del cabello de Mirela, y la Santa lo miraba desde la ventana de la calle Florencio Sánchez, en dirección a la estación del ferrocarril.

Aquella mañana, cuando fue a vestirse, frente al espejo manchado de humedad, el padre Julio era el otro, era el que lo veía sin la camisilla de gimnasia, ordenando cuidadosamente cada botón en su ojal, sin quitarle los ojos de los ojos. Era el otro, el que había escrito poemas, el [p. 20] que iba a los bailes y ayudaba en la misa, el que veía las películas de Olinda Bozán y estudiaba en el Instituto, el que tenía recuerdos de todo y había resuelto: no voy.

Mirela era la mujer solitaria que él podría encontrar, allí nomás, en la Fuente de los Sapos —la fuente encantada, a la vera del arroyo—; era la mujer que lo había esperado toda la vida como en las falsas historias en las que nadie más podía creer, mucho menos un cura lleno de dudas sobre los elementos extraordinarios de la mística religiosa; Mirela era la mujer con un niño en el regazo que, al lado de su marido, sería bendecida por el Papa y vista por el mundo, allí, en la explanada de la Concordia. Mirela era la niña de cinta en el cabello que acompañaría a un gurí vestido de gaucho ofreciendo flores al Papa cuando todo comenzase.

El otro, una vez, en el seminario, le había dejado el temblor en la mano al descubrir que misa también es despedida; el otro le había transmitido las graves palabras de Hans Küng y Gustavo Gutiérrez; el otro le había hecho reconocer su miedo a la apostasía, a la herejía, al cisma y a la excomunión. El veía al otro en la propia sombra en ocasión del ofertorio, de la consagración, de la comunión y de la despedida. En la celebración de la eucaristía el cuerpo de Cristo resucitado se hace presente en el altar como una víctima que

es ofrecida otra vez por la Iglesia a Dios Padre, como expiación de nuestros pecados; y el otro dudaba de la mística divina, en la contemplación, incorporación y experimentación del misterio de Dios. La vida sacramental, la gracia santificante, los dones del Espíritu Santo; y el otro se reía de las visiones y los éxtasis, de las revelaciones y los estigmas. El rito sacramental, para la unión sobrenatural con Dios y para intensificar cada vez más el amor a la iglesia, a Cristo, al Padre; y el otro allí, desde el santo sacramento de la ordenación, el otro reflejándose en la pátina y en el cáliz, bajo las especies del pan y del vino, en la representación sacramental de la memoria de la pasión, resurrección y ascensión de Cristo. El otro sin quitar los ojos de sus ojos, diciendo: no voy.

El padre Julio no tiene prisa. Desciende lentamente los peldaños blancos y amarillos, cruza el escenario mal iluminado por el sol oblicuo y sale sin apuro del Teatro. La cerrazón disminuye y, con seguridad, habrá condiciones óptimas para el avión del Papa. Todo fue perfectamente [p. 20] organizado. Allí estarán el presidente Sanguinetti, su mujer, y todas las autoridades acreditadas, los obispos uruguayos, los prelados brasileños y todos los curas que, al final, serán saludados personalmente por el Papa. Allí estarán todos los excursionistas de fuera y toda la gente de Melo. Los ex-condiscípulos, los compañeros de baile, los amigos de Julito estarán allá, con sus ponchos, sus sacos, sus camperas, sus termos de agua hirviendo, muchos de botas y bombachas. Mirela estará allá.

[p. 21]

Para fins de compreensão e análise, apresento, a seguir, a autotradução de Schlee intitulada *Conto I* de *O dia em que o Papa foi a Melo*. Os números entre colchetes indicam a página em que o texto precedente se encontra na edição de 2013, publicada pela editora ardotempo, de Porto Alegre.

CONTO I

* Este conto poderá se chamar
PADRE JULIO E O OUTRO E OS OUTROS.

No dia em que o Papa foi a Melo, padre Julio não foi ver o Papa. Eram dez para as oito da manhã quando decidiu que não ia; e tratou de se ficar como quem vai. Tinha acordado cedo, se barbeado, se banhado; e abotoava a camisa, antes do café, quando resolveu: *não vou*. E não foi, embora tomasse o café com os outros padres, ouvindo-os entusiasmados com a visita, alvoroçados como jovens seminaristas, uniformizados naquelas camisas quase transparentes com camisetas de física por baixo.

Ele estava sem camiseta por baixo. Ao abotoar a camisa, viu-se no espelho e disse: *não, não vou*. No espelho, viu-se abotoando a camisa sem camiseta de física por baixo e se sentiu com coragem para não ir: *não vou*, disse.

Sorte foi que os outros padres não notaram nada; não perceberam que ele estava diferente, mais calado do que nunca, sorrindo meio de lado, sem camiseta por baixo. Eles se atropelavam com pressa, e cada um tinha uma tarefa a desempenhar. Padre Julio não: padre Julio não tinha mais o que fazer, porque já cumprira sua missão até a véspera, nos preparativos da vinda do Papa, enquanto não chegavam os assessores diretos do porta-voz Joaquim Navarro.

Às oito e meia padre Julio saiu para a rua. Fazia três dias que estava de volta a Melo. Era grande o movimento de gente, gaúchos a cavalo, o trânsito sendo desviado. Atendera sem parar os jornalistas, tratara de resolver problemas [p. 15] sobre deslocamento e localização dos ônibus de excursão. A igreja estava enfeitada, agitavam-se nas calçadas umas bandeirinhas amarelo-e-brancas, abriam-se de poste em poste as faixas de boas-vindas. Tratara de ocupar-se de tudo, de todos os modos, às voltas com gentes da intendência, com bispos brasileiros, ou apenas com os assentamentos históricos dos velhos e grossos livros paroquiais. Ele estava de volta a Melo pela primeira vez depois de ordenado. As pessoas acomodavam-se por onde o Papa ia passar; mas a maioria, em grupos, termos de mate nas mãos, com casaco, poncho ou campeira, ia para a esplanada de *La Concordia*. E havia um helicóptero militar no ar.

Era a primeira vez que vinha a Melo depois de ordenado. Às voltas com a história da paróquia e de suas igrejas, bem que poderia se sentir herdeiro e seguidor dos fundadores *don* Benito Ducós Lahitte e *don* Pedro Antonio Ortuño, que usaram como capela um rancho emprestado, defronte donde se fez a igreja velha – a igreja velha de *don* Juan José Arboleya e de *don* José de la Nobal – construída em 1809, e em cujos livros ficaram assentados os nomes de toda a gente que foi se somando e se somando em Melo e depois foi se dividindo e se dividindo entre as duas praças, entre os Muñoz e os Coronel, e que já em 1845 dera o nome de Artigas a uma rua. Sabia com certeza que a vila é de 1795 e que nasceu sob a invocação de Deus – “*princípio e fim de todas as coisas*” – embora sob a sugestão de que se chamasse Melo, em homenagem a Cipriano de Melo, português a serviço da Espanha, que primeiro andara por ali: e [p. 16] sob a ressalva de que se escolhesse depois o santo protetor do lugar – “*que serviria de advogado e patrão de seus moradores*”.

Bem: antes de se ver no espelho, sem camiseta por baixo, padre Julio pensara muito naquela terra arachana que era tão sua, pensara muito naquela gente toda que se enchia de alegrias e cantares, pensara muito no que se dizia da poética saudação que *don* Roberto Cáceres faria ao Papa – quem somos nós para termos conosco o vigário de Cristo? – e se perguntara se era assim mesmo que era e tinha que ser tudo. Recordara-se de seu tempo de gurizote metido a poeta, do seu poema que viu estampado um dia em “*El Deber Cívico*”, e do orgulho com que guardou o recorte do jornal onde Cacho Monegal e Juana de Ibarbourou, a Juana de América, haviam publicado seus primeiros versos.

Ele não foi ver o Papa: não ficou na rua com os outros; não seguiu com todos para a esplanada. Ele andou oito ou dez quadras no rumo do arroio Conventos. Desceu na direção do *Parque Zorrilla*, buscando rever as fachadas, as esquinas, os muros e os baldios em cuja presença jubilosamente se reconstruía e em cuja ausência penosamente se desencontrava.

Faz muito frio – o céu cerrado, a neblina baixa, o sol encoberto. O *Teatro de Verano*, no *Parque Zorrilla de San Martín* está desolado, completamente deserto: ninguém, ao menos para impedir a entrada. É um lugar sombrio, cercado de enormes eucaliptos e ainda tomado pela cerração – a grande arena circular está asfaltada; o palco, vazio; e

os oito [p. 17] degraus em volta, pintados de amarelo e branco, fecham o anel. Há um cheiro de chuva, um cheiro de terra e pasto molhados.

Quando foi fazer a barba, naquele dia, padre Julio era o aluno de *don Ramón Ángel* e de *don José Apolinário* no *Instituto Departamental*, era o frequentador do *Teatro España* e assistia timidamente aos bailes do *Club Unión* com o grupo de colegas que tinha a idéia de fundar um *Cine Club*. Fazendo a barba, na manhã daquele dia, Padre Julio viu-se às voltas com todas as histórias e geografias que nunca pudera esquecer e que fazia de conta que não o atormentavam, na memória dos amigos e conhecidos de outro tempo e na ilusão das palavras que não foram ditas e das coisas que não foram feitas.

O grande anfiteatro ao ar livre está deserto. Padre Julio atravessa bem devagar a arena e sente cada vez mais o frio da manhã, no chão cinzento e nos degraus que acumulam em torno as sombras da noite. Sua respiração fumaceia no ar úmido. Uma forneira, com passadas elegantes e a cauda bem marrom, aproxima-se, para, e permanece atenta. Logo adiante, dois quero-queros se encolhem, parados, as cabeças enfiadas no corpo. E já nos degraus em volta, alguns pardais – ou tico-ticos – se espanejam. O cheiro é de tambos de leite, de flores do campo, de sorrisos infantis.

Quando foi tomar banho, naquele dia de manhã, padre Julio era o namorado de Mirela – que uma vez apareceu numa casa da *calle* Florencio Sánchez, no rumo da estação do trem, de cotovelos fincados na janela, as mãos [p. 18] amparando o rostinho de menina e um grande laço de fita no cabelo. Padre Julio era o namorado de Mirela, a cujo lado sentou no cinema e em cuja mão pegou, enquanto na tela passava uma comédia de Olinda Bozán. Padre Julio era o namorado de Mirela – que cresceria sem olhar para outro e que o esperaria no portão com o vestido recém-passado e um cheiro de sabonete no corpo distante. Padre Julio era ainda o namorado de Mirela – o único namorado de Mirela – sua única namorada, cujas mãos estariam frias e suadas quando tomassem as dele, depois da despedida, para dizer que não fosse, para pedir, que não podia ser, que tudo aquilo era mentira e que ele não iria embora e que ficaria ali, e que ela estaria à janela ou o esperaria no portão, e que iriam ao cinema e estariam sempre sempre de mãos dadas.

Lá de cima do último degrau, padre Julio olha em volta e vê o teatro grego de Siracusa, onde achou, um dia, que os leões vinham e destripavam os cristãos como em Roma e no cinema. Percebe que não está só, naquele vazio todo, sem leões e sem cristãos, sem coro e sem personagens, na companhia de tantos mínimos seres que ignoravam a visita do Papa – os quero-queros ainda sem alçar voo, encarangados de frio – e se vê rodeado pelo que foi: o guri de Tupambaé, o mandalete dos padres, o coroinha da missa, o estudante do Instituto, o namorado de Mirela...

Ele não é de Melo, mas dos altos de Tupambaé. Veio para Melo com a mãe, que trabalhava de serventa na casa paroquial. Viveu em Melo desde os seis anos e ali estudou por conta dos padres e fez amigos e conheceu Mirela, e teve [p. 19] que ir embora para continuar seus estudos no seminário. Foi criado na liturgia da palavra e na liturgia da eucaristia, tocava a campainha na missa e esperava ardentemente o quinto sacramento sem perceber que, um dia, só lhe restaria o sétimo.

Lá do último degrau não dá para ver, por causa da cerca de transparentes, três guris e um cachorro aqui fora. Estão atolados até as canelas no barro e tentam correr nos alagados. Um deles tem uma bandeirola amarelo-e-branca; ergue-a e grita:

– ¡Juan Pablo, segundo! ¡Que ama a todo el mundo!

Os outros dois espantam o cachorro e repetem:

– ¡Juan Pablo, segundo! ¡Que ama a todo el mundo!

O Papa, o vigário de Cristo, o sucessor de São Pedro, o Sumo Pastor, o infalível representante de Jesus na Terra. O Papa estava chegando com sua sotaina branca e com o anel do pescador. Pai, Príncipe e Rei, sem sua rica tiara de três coroas de flores de

ouro recamadas de pedras preciosas sob a cruz e um pequeno globo azul. Sem a cadeira gestatória e sem palafreiros. O Papa vinha de avião, chegava assim que se dissipasse a neblina, e então passava no Papamóvel...

Teria sido fácil, ao voltar a Melo, mandar avisar: olha, o padre Julio, o Julito, que ajudava na missa, que gostava de cinema e ia aos bailes com a gente, o Julito (que nunca contou para ninguém que amava Mirela), o Julito está de volta, agora é padre mesmo, estudou no estrangeiro, voltou importante, dizem que veio com o Papa, vai ficar só [p. 20] três dias aqui para preparar a visita de Sua Santidade.

“*Llega el amigo*” – dizia a “*Tribuna Popular*”, de Río Branco, a respeito do Papa.

Mas Padre Julio não avisou ninguém. Chegou, fez o que tinha que fazer, ocupou-se de tudo que pôde para não ter uma hora, um minuto sequer de descanso; para não ter ao menos um instante livre que lhe permitisse sair e andar pelas ruas, tomar o rumo da estação pela calle Florêncio Sánchez e sentir aquela tremura, o frêmito da mão de Mirela na sua mão.

Um dia, em Zaragoza, entre peregrinos, padre Julio pôde ver a *Virgen del Pilar*, patrona da Espanha e santa protetora de Melo. Ele nunca tinha visto o Papa (nem no inverno de 1980, em Porto Alegre; nem no ano seguinte, quando esteve em Roma, depois do atentado de Ali Agcá). Mas padre Julio vira, em Zaragoza, a *Virgen del Pilar*, protetora de Melo. E sentira na mão o frêmito da mão de Mirela e vira na cabeça da Santa a fita do cabelo de Mirela, e a Santa o olhava da janela, de cotovelos fincados na janela da *calle* Florencio Sánchez no rumo da estação de trem.

Naquela manhã, quando foi se vestir, diante do espelho manchado de umidade, padre Julio era o outro, era o que o via sem a camiseta de física, arranjando vagarosamente cada botão em sua casa, sem lhe tirar os olhos dos olhos. Era o outro, o que escrevera poemas, o que ia aos bailes e ajudava na missa, que via os filmes de Olinda Bozán e estudava no Instituto, o outro – que tinha lembranças para tudo e resolvera: *no voy*. [p. 21]

Mirela era a mulher solitária que ele poderia encontrar logo ali na *Fuente de los Sapos* – a fonte dos encantos, à beira do arroio; era a mulher que o esperara toda a vida como nas histórias de mentira em que ninguém mais poderia acreditar, nem mesmo um padre cheio de dúvidas sobre os elementos extraordinários da mística religiosa; Mirela era a mulher de filho no colo que, ao lado do marido, seria abençoada pelo Papa e vista pelo mundo, dali a pouco, lá na esplanada de *La Concordia*. Mirela era a menina de fita no cabelo que acompanharia um guri vestido de gaúcho, oferecendo flores ao Papa quando tudo começasse.

O outro, uma vez, no seminário, passou-lhe a tremura na mão na descoberta de que missa também é despedida: o outro lhe assoprara as graves palavras de Hans Küng e Gustavo Gutiérrez; cobrara-lhe o medo da apostasia, da heresia, do cisma e da excomunhão. Ele via o outro na própria sombra por ocasião do ofertório, da consagração, da comunhão e da despedida. Na celebração da eucaristia, o corpo de Cristo ressuscitado presente no altar como uma vítima que é oferecida outra vez pela Igreja a Deus-Pai, como expiação por nossos pecados; e o outro a duvidar da mística divina, na contemplação, incorporação e experimentação do mistério de Deus. A vida sacramental, a graça santificante, os dons do Espírito Santo; e o outro a rir-se das visões e êxtases, das revelações e estigmatizações. O rito sacramental para a união sobrenatural com Deus e para intensificar cada vez mais o amor à Igreja, a Cristo, ao Pai; e o outro ali, desde o santo sacramento da ordenação, o [p. 22] outro na pátina e no cálice, sob as espécies do pão e do vinho, na representação sacramental da memória da paixão, da ressurreição e da ascensão de Cristo. O outro sem lhe tirar os olhos dos olhos, dizendo: *no voy*.

Padre Julio não tem pressa. Desce devagar os degraus brancos e amarelos; atravessa a arena mal-iluminada pelo sol oblíquo; e sai a passo do Teatro. A cerração vai diminuindo e, com certeza, haverá condições de pouso para o avião do Papa.

Tudo foi perfeitamente organizado. Lá estarão o presidente Sanguinetti e sua mulher, bem como todas as autoridades credenciadas, os bispos uruguaiois, os prelados brasileiros e todos os padres que, no final, serão cumprimentados pessoalmente pelo Papa. Lá estarão todos os caravaneiros de fora e toda a gente de Melo. Os ex-colegas de escola, os companheiros de baile, os amigos de Julito estarão lá, com seus ponchos, seus casacos, suas campeiras, seus termos de água quente, muitos de botas e bombachas.

Mirela estará lá.



[p. 23]

Após este intenso confronto com o texto de Aldyr Garcia Schlee, em sua primeira edição em espanhol e também em sua tradução para o português²⁴⁴, passo a considerações pontuais acerca das relações que ali se estabelecem e que nos convocam à leitura de seus entrelugares. De maneira geral, pode-se dizer que o texto se organiza em um espelhamento hierárquico de equilíbrio e desequilíbrio, reforçado pela construção de paralelismos e de negações: o Papa desce a Melo, o padre não vai ver o Papa. Desse modo, um paralelo imediato encontra-se já no próprio protagonista do conto, cujo cargo e nome ecoam nos do líder máximo da Igreja Católica. Em momentos-chave do conto, padre e Papa reiteradamente se contaminam, aproximam e repelem, estabelecendo um paralelismo de ordem hierárquica: o eco fonemático de /p/ em sílaba de ataque – **padre**, **Papa** – aproxima-os horizontalmente pelo som, mas os mantém verticalizados semanticamente. Nesse sentido, no par **Julio** e **Juan**, temos também o eco de /x/ em sílaba de ataque, reforçado ainda por **Pablo**, que retoma a lembrança de **Papa**. Desse modo, o nome Julio não deixa de ecoar em Juan

²⁴⁴ Aqui, se cotejos são feitos entre as duas versões, estes têm como propósito a melhor compreensão da construção de linguagem do poema. Não é, pois, objetivo deste trabalho verificar e operar no nível da intencionalidade de escolhas tradutórias. Nesse sentido, encontram-se já observações em Siqueira (2010) a respeito de índices de escolhas na tradução deste conto.

Pablo, o nome do Papa, abrindo caminho para uma relação especular que será revisitada no decorrer da trama.

Ao longo de todo o conto, pode-se perceber que a construção textual é devedora de partículas negativas interligadas que estabelecem entre si relações de sentido. O impactante período inicial do conto abre o que podemos chamar de série das negações: “No dia em que o Papa foi a Melo, padre Julio não foi ver o Papa” (SCHLEE, 2013, p. 15). Difícilmente se poderia imaginar algo mais inesperado que essa negativa, uma vez tratar-se de um acontecimento de grandes proporções para a vida da comunidade local, em especial a um ordenado da igreja, para quem ir ao encontro do Papa seria um ato de bênção.

Os primeiros três parágrafos do conto trazem consigo dezoito negações, construindo e enfatizando a surpreendente decisão do personagem padre de não comparecer à visita do Papa à sua pequena cidade. Somado à série de negações, há um destacado elemento de tensão nos primeiros parágrafos, anunciado pela ênfase na vestimenta comumente usada pelos outros padres, “uniformizados naquelas camisas quase transparentes com camisetas de física por baixo” (SCHLEE, 2013, p. 15), e pela explícita contraposição de padre Julio, já no segundo parágrafo: “Ele estava *sem camiseta por baixo*. [...] No espelho, viu-se abotoando a camisa *sem camiseta de física por baixo* e se sentiu com coragem para não ir [...]” (SCHLEE, 2013, p. 15, grifos meus).

Neste período inicial do conto, há quatro ocorrências do termo “camisa”, nos dois parágrafos de abertura, além de quatro ocorrências de “camiseta”, nos três primeiros parágrafos. Destas reiterações, por três vezes “camiseta” é utilizada em contexto de negação, todas quando associadas ao padre Julio, corroborando para a construção dessa série sistêmica, reforçando-a de modo opositivo, apresentando um protagonista em ânsias de desnudar-se, de libertar-se de uma camiseta interior. O seu próprio reflexo invertido mostra-se como figura-chave desencadeadora de tal decisão (parágrafo dois): “Ao abotoar a camisa, viu-se no espelho e disse: *não, não vou*” (SCHLEE, 2013, p. 15, grifos do autor).

A imagem no espelho é mencionada novamente adiante (parágrafo seis), outra vez em proximidade com uma negação de sua camiseta – “antes de se ver

no espelho, sem camiseta por baixo” (SCHLEE, 2013, p. 17) – e desencadeando um conjunto de reflexões sobre a vida pregressa do personagem, em tempos nos quais se arriscava como poeta. Além disso, o significante “espelho” prepara a retomada da série das negações, fortemente presente no parágrafo seguinte (sete): “Ele *não* foi ver o Papa: *não* ficou na rua com os outros; *não* seguiu com todos para a esplanada” (SCHLEE, 2013, p. 17, grifos meus). A cena do confronto com o espelho agudiza-se adiante, no parágrafo nove, culminando em um desdobramento da personagem:

Quando foi fazer a barba, naquele dia, padre Julio era o aluno de *don* Ramón Ángel e de *don* José Apolinário no *Instituto Departamental*, era o frequentador do *Teatro España* e assistia timidamente aos bailes do *Club Unión* com o grupo de colegas que tinha a idéia de fundar um *Cine Club*. Fazendo a barba, na manhã daquele dia, Padre Julio viu-se às voltas com todas as histórias e geografias que nunca pudera esquecer e que fazia de conta que não o atormentavam, na memória dos amigos e conhecidos de outro tempo e na ilusão das palavras que não foram ditas e das coisas que não foram feitas (SCHLEE, 2013, p. 18, grifos do autor).

Percebe-se que “naquele dia” e “na manhã daquele dia” não se referem ao mesmo instante; terminam provocando, porém, uma fusão de tempos: o de Julio ainda jovem estudante e o de Julio ordenado. A lembrança traz consigo desconforto, ilusão e falta: interpõe-se o que não foi dito nem feito. Essa fusão temporal, sutilmente principiada pelas retomadas da cena do espelho, é aqui explicitamente tematizada a partir da introdução de “Quando”. O mesmo conector temporal abrirá o parágrafo onze, que trará pela primeira vez o nome Mirela, causa e consequência do desdobramento, apresentando aparentemente um tipo de relação mais horizontalizada, em uma nova quebra hierárquica: “Quando foi tomar banho, naquele dia de manhã, padre Julio era o namorado de Mirela” (SCHLEE, 2013, p. 18). Ao longo do parágrafo, o significante “namorado” repetir-se-á outras quatro vezes, junto ao nome de Mirela, sendo precedido ainda por “sua única namorada”. “Namorado de Mirela” torna-se, com isso, o centro organizacional e associativo da cena:

Quando foi tomar banho, naquele dia de **manhã**, padre Julio era o **namorado** de **Mirela** – que **uma** vez apareceu numa casa da **calle** Florencio Sánchez, no rumo da estação do **trem**, de cotovelos fincados na janela, as **mãos** amparando o rostinho de **menina** e **um** grande laço de fita no cabelo. Padre Julio era o **namorado** de **Mirela**, a cujo lado sentou no cinema e **em** cuja **mão** pegou, enquanto na tela passava **uma** comédia de Olinda Bozán. Padre Julio era o **namorado** de **Mirela** – que crescería **sem** olhar para outro e que o esperaria no portão **com** o vestido recém-passado e **um** cheiro de sabonete no corpo distante. Padre Julio era ainda o **namorado** de **Mirela** – o único **namorado** de **Mirela** – sua única namorada, cujas **mãos** estariam frias e suadas quando **tomassem** as dele, depois da despedida, para dizer que não fosse, para pedir, que não podia ser, que tudo aquilo era **mentira** e que ele não iria **embora** e que estaria ali, e que ela estaria à janela ou o esperaria no portão, e que iriam ao cinema e estariam **sempre** **sempre** de **mãos** dadas (SCHLEE, 2013, p. 19, grifos meus).

Ao redor do nome de Mirela orbitam termos como “manhã”, “mão”, “menina”, “cinema”, “mentira”, “embora”, “sempre”. Embora enunciado apenas uma vez, o significante “mentira” é reforçado aqui por eco do nome de Mirela (paroxítonas iniciadas por “m” e findadas por “a”), anteriormente repetido cinco vezes nesse parágrafo. No plano sonoro faz-se, pois, a associação: a repetição da sílaba iniciada por /m/ ecoa, assim, nos dois significantes e os imbrica no eixo associativo do texto, construindo sua significação por aproximação. A escuta de seu nome indica também, por associação, um direcionamento do olhar do Padre Julio: *mirar*. Um convite ao que se vê, mas não pode ser visto, ao que se deseja, mas não pode ser desejado. Assim, as associações significam o nome de Mirela ao longo do texto, a partir de uma “espécie de vasos comunicantes, difusão das consoantes de seu nome nas palavras que se avizinham (...) um acompanhamento cheio de sentido”²⁴⁵ (MESCHONNIC, 2010, p. 111).

“Mentira” faz-se, também, centro de uma breve mas impactante retomada da série de negações: “para dizer que **não** fosse, para pedir, que **não** podia ser, que tudo aquilo era **mentira** e que ele **não** iria embora” (SCHLEE, 2013, p. 19, grifos meus). Se bem observada a distribuição gráfica do parágrafo, “mentira” parece inclusive substituir um espaço destinado a “Mirela”, no quarto final do parágrafo. “Mirela” e “mentira” incidem, assim, uma sobre a outra e assumem

²⁴⁵ Trecho retirado da análise que Meschonnic faz do nome de Ofélia, na peça “Hamlet”, de William Shakespeare (2010, p. 109-121).

características mútuas. Desse modo, no texto, o nome próprio acaba por ter sua própria significação, construída pela associação à mentira e pelo espraçamento de suas consoantes em palavras avizinhas.

Nesse ponto, o futuro do pretérito e o subjuntivo também comparecem em peso associados a seu nome, como irrupção de uma ilusão: “Padre Julio era o namorado de **Mirela** – que **cresceria** sem olhar para outro e que o **esperaria** (...)” e “**Mirela** – sua única **namorada**, cujas mãos **estariam** frias e suadas quando **tomassem** as dele” (SCHLEE, 2013, p. 19, grifos meus). É também nessa cena que, pela única vez em todo o conto, Julio e Mirela se fundem em um pronome, elipsado e em contexto hipotético: “(...) e que **iriam** ao cinema e **estariam** sempre sempre de mãos dadas” (SCHLEE, 2013, p. 19, grifos meus).

Nessa cena, chama atenção não apenas a ênfase ao nome de Mirela e a “namorado”, reforçados pelos ecos em /m/ e /n/, mas ainda uma sequência fortemente marcada pela presença de sons /d/ em ataque de sílaba, que se organizam ao redor do significante “despedida” e o consolidam:

Padre Julio era o namorado **de** Mirela – que cresceria sem olhar para outro e que o esperaria no portão com o vestido recém-passado e um cheiro de sabonete no corpo **distante**. Padre Julio era **ainda** o namorado **de** Mirela – o único namorado **de** Mirela – sua única **namorada**, cujas mãos **estariam** frias e suadas quando **tomassem** as **dele**, **depois da despedida**, para **dizer** que não fosse, para **pedir**, que não podia ser, que **tudo** aquilo era mentira e que ele não iria embora e que estaria ali, e que ela estaria à janela ou o esperaria no portão, e que **iriam** ao cinema e **estariam** sempre sempre de mãos **dadas** (SCHLEE, 2013, p. 19, grifos meus).

Condicionada pelo contexto subjuntivo no qual ocorre, em “o namorado de Mirela”, a preposição “de” termina por não estabelecer diretamente relação de posse entre os substantivos “namorado” e “Mirela”, mas sim de um laço tênue e partido, de separação, poeticamente. Trata-se de um gesto de distanciamento, cujo contraste com “sempre sempre de mãos dadas” gera tensão. Permanência emocional? Autoilusão? Aqui, do duplo uso de “sempre”, acentuado pela ausência de virgulação, parece emergir um valor incômodo entre o desejo de profunda afetividade eternizada e, concomitantemente, a fragilidade desse desejo, em uma suplicante reiteração que parece se agarrar ao que nunca

houve. Desse modo, lido pelo eixo associativo, a ênfase ao redor do significante “despedida”, aqui marcada pela oração “depois da despedida”, sugere que /d/ em ataque de sílaba adquire, nesse contexto, o valor da cisão. Esse valor, também sistematicamente sugerido pela presença de /d/ em “padre”, é explicitado adiante na constatação de que “só lhe restaria o sétimo” (SCHLEE, 2013, p. 20) sacramento, o do matrimônio, aquele juramento que lhe impinge a falta.

Nos parágrafos seguintes, desempenha um papel cada vez mais forte a contraposição entre a vida entregue à vocação religiosa e uma vida mundana, não consumada. Essa contraposição é sutilmente trabalhada, porém, em uma série de paralelismos (parágrafos doze e treze). Um primeiro paralelismo coloca no mesmo nível as etapas de ascensão na carreira religiosa e o seu relacionamento amoroso: “e se vê rodeado pelo que foi: o guri de Tupambaé, o mandalete dos padres, o coroinha da missa, o estudante do Instituto, o namorado de Mirela...” (SCHLEE, 2013, p. 19).

Um segundo paralelismo é incitado pela conjunção aditiva “e” seguida por uma série de verbos no passado. Aqui, pode-se perceber o desenvolvimento de fatos importantes na vida do personagem que, partindo da infância, o leva até Mirela. No entanto, um uso de vírgula bastante particular interrompe esse desenvolvimento: “Viveu em Melo desde os seis anos e ali estudou por conta dos padres e fez amigos e conheceu Mirela, e teve que ir embora para continuar seus estudos no seminário” (SCHLEE, 2013, p. 19-20, grifo meu). Não se trata aqui de uma simples figura de sintaxe, mas sim de uma figura criada pelo sistema-texto. Aqui, percebe-se a atividade semântica do texto: o paralelismo é cortado por uma vírgula que separa Julio e Mirela, cindindo-lhes a história. Outra vez, impõe-se sistematicamente a separação, e, como será visto, a justaposição do tema de Mirela e do tema da ordenação permanece relacionando-os sistematicamente até o fim do conto.

Além dos paralelismos, a contraposição entre a vida religiosa e mundana deixa-se expressar através de marcadores locais. Os parágrafos doze e quatorze são abertos por locuções locativas: “**Lá de cima** do último degrau, padre Julio olha em volta (...)” e “**Lá** do último degrau não dá para ver (...) três gurus e um cachorro **aqui fora**. Estão atolados até as canelas **no barro** (...)” (SCHLEE,

2013, p. 19-20, grifos meus). Do mesmo modo, opõem-se diametralmente as posições do Padre e da voz narrativa: “lá de cima”, “aqui fora”, “no barro”. Do alto de sua ordenação, o padre reflete sobre os prazeres terrenos: “(...) que gostava de cinema e ia aos bailes com a gente, o Julito (que **nunca** contou para ninguém que amava Mirela)” (SCHLEE, 2013, p. 20, grifo meu). Essas justaposições entre o Julio de outrora e o Padre Julio preparam a retomada da série das negações, que irrompe impetuosamente no texto em direção à Mirela:

Mas Padre Julio **não** avisou **ninguém**. Chegou, fez o que tinha que fazer, ocupou-se de tudo que pôde para **não** ter uma hora, um minuto **sequer** de descanso; para **não** ter ao menos um instante livre que lhe permitisse sair e andar pelas ruas, tomar o rumo da estação pela calle Florêncio Sánchez e sentir aquela tremura, o frêmito da mão de **Mirela** na sua mão (SCHLEE, 2013, p. 21, grifos meus).

A série das negações prepara, assim, a retomada da cena do espelho, da libertação da camiseta interior e do desdobramento da personagem, culminando na decisão final: “Naquela manhã, quando foi se vestir, diante do espelho manchado de umidade, padre Julio era o outro, era o que o via sem a camiseta de física (...) e resolvera: *não vou*” (SCHLEE, 2013, p. 21, grifos do autor). De todo o conto até aqui, o parágrafo seguinte é o primeiro a se iniciar com o nome de Mirela e, nele, encontram-se os significantes “mulher”, “mentira”, “mística”, “marido”, “mundo”, “menina”, que produzem relações de eco. Novamente o significante “mentira” ocorre em contexto marcado pelo nome de Mirela e pela forte presença da negação (não, nem), além de /m/ como sílaba de ataque (como na página 19):

que tudo aquilo era **mentira** e que ele **não** iria embora e que estaria ali, e que ela estaria à janela ou o esperaria no portão, e que iriam ao cinema e estariam sempre sempre de **mãos** dadas (SCHLEE, 2013, p. 19, grifos meus).

Retomado em:

era a **mulher** que o esperara toda a vida **como** nas histórias de **mentira** em que ninguém **mais** poderia acreditar, **nem mesmo**

um padre cheio de dúvidas sobre os elementos extraordinários da **mística** religiosa (SCHLEE, 2013, p. 22, grifos meus).

Interligadas as cenas, articulam-se os conflitos: “histórias de mentira” adquire um valor de dúvida tanto no que toca à plausibilidade do amor mútuo quanto no que se refere à vocação para o sacerdócio. O namoro, ainda que não consumado, permanece como uma constante em sua relação de ascensão eclesiástica, o que pode ser constatado nos parágrafos finais, quando o desdobramento da personagem ressurge marcado novamente pela negação: “O outro sem lhe tirar os olhos dos olhos, dizendo: *não vou*” (SCHLEE, 2013, p. 23, grifos do autor). O desdobramento traz em si, pois, um embate de fé, o medo da apostasia. Traz consigo o receio de uma farsa, uma vez que o “outro” que lhe atormenta é, nesse momento derradeiro, enunciado oito vezes em apenas um parágrafo.

Em contraste com o tema da ascensão, espelhando-lhe, ocorre sutilmente uma descensão: “Padre Julio não tem pressa. Desce devagar os degraus brancos e amarelos” (SCHLEE, 2013, p. 23). Esse movimento descendente de um padre pedestre descamisado contrasta diametralmente com a pomposa chegada de avião do Papa à cidade, com suas vestimentas solenes e todas as autoridades presentes. Não tomando os degraus literalmente, e levando em conta as cores da bandeira do Vaticano – já antes mencionadas no conto: “agitavam-se nas calçadas umas bandeirinhas amarelo-e-brancas” (SCHLEE, 2013, p. 16) –, pode-se supor um lento movimento do Padre Julio em direção ao abandono do sacerdócio, uma vez que esse descenso contrasta com a cena do anfiteatro (SCHLEE, 2013, p. 18-19), na qual os degraus e a ascensão eclesiástica se fundiam.

Os dois parágrafos que encerram o conto corroboraram com essa possibilidade, pois podem ser lidos como uma espécie de paralelismo (marcado pelo uso enfático do futuro do verbo estar) que, no entanto, expõe assimetria nas relações: um parágrafo de nove linhas que elenca os grandes motivos para ver o Papa, das mais altas autoridades até a reunião de antigos amigos:

Tudo foi perfeitamente organizado. Lá estarão o presidente Sanguinetti e sua mulher, bem como todas as autoridades

credenciadas, os bispos uruguaiois, os prelados brasileiros e todos os padres que, no final, serão cumprimentados pessoalmente pelo Papa. Lá estarão todos os caravaneiros de fora e toda a gente de Melo. Os ex-colegas de escola, os companheiros de baile, os amigos de Julito estarão lá, com seus ponchos, seus casacos, suas campeiras, seus termos de água quente, muitos de botas e bombachas (SCHLEE, 2013, p. 22).

E, por fim, um parágrafo composto de apenas três palavras, mas mais importante que o anterior, pois, no conjunto do conto, Mirela é determinante para a escolha de não ir: “Mirela estará lá” (SCHLEE, 2013, p. 22). Neste ponto, encontra-se uma diferença significativa entre o conto em espanhol e o em português, uma vez que, naquele, “Mirela estará allá” é apenas mais uma frase do último parágrafo, enquanto que, neste, “Mirela estará lá” é por si um parágrafo independente – concedendo ainda mais peso à constatação.

4.2.2 Considerações outras

Na presente seção, apresentei um conto de autoria de Aldyr Garcia Schlee e busquei analisá-lo a partir de subsídios inspirados na proposta de leitura sistêmica, sobretudo no que Lösener chama de rastros interligados.

Em “Padre Julio e o outro e os outros”, a série das negações, que se apresentam desde o princípio, e a série dos paralelismos, que se intercalam às negações, fundem-se a elas e encerram o conto, fazem juntas sistema, significam e performam. A negação do Papa, a negação da batina, a negação de Mirela – em “Padre Julio e o outro e os outros”, toda negação encobre uma outra, sendo seu sintoma evidente. Somente um ouvido atento ao particular do texto pode perceber, na insistência de um /d/ em ataque de sílaba, e do espraçamento da noção de “despedida” em consoantes avizinhas, o valor da cisão, uma vez que isso só vale nesse texto em específico, em contextos que fazem sistema. Do mesmo modo, a fusão temporal e o desdobramento do personagem Padre Julio, organizados em função do tema Papa por ecos em /p/

e /x/, e do tema Mirela por ecos em /m/ e /n/, dão-nos indícios da problemática central do conto. A partir da consideração das séries, dos espelhamentos e dos ecos, uma rede de relações sistêmicas abre-se ao leitor e lhe indica caminhos para a compreensão textual, que é sempre uma coconstrução intersubjetiva.

Ler a atividade semântica do texto é, assim, do ponto de vista analítico, ouvir os ecos, os paralelismos e os demais usos particulares que funcionam, aqui, como rastros interligados abertos por séries específicas. Trata-se, pois, de escapar à generalidade analítica estrutural. Ancorada em Meschonnic, a proposta de Lösener, destarte, fornece não um caminho exemplar a ser copiado, mas um conjunto de reflexões que se mostram intensamente produtivas para a exploração de textos sem sua redução a esquemas seguros. Na subseção seguinte, buscarei explorar, assim, um poema de Georg Trakl.

4.3 De outro poema inquietante

Inspirado no quinto capítulo de Lösener (2006), dedicado à relação da leitura sistêmica com o ritmo a partir de um poema de Rainer Maria Rilke, desenvolvo, na presente subseção, outro ensaio de leitura sistêmica.

A partir de Meschonnic, Lösener (2006, p. 266) observa que, “se o ritmo for entendido como o movimento da oralidade no discurso falado e escrito, então não é mais suficiente considerar apenas a alternância de sílabas tônicas e átonas para descrever o ritmo de um poema”²⁴⁶. Assim, para buscar a performatividade do poético, deve-se escapar à noção de ritmo como realização linguística de uma estrutura métrica pré-escolhida, que implica na dessubjetivação do ritmo e, por conseguinte, do poema (LÖSENER, 2006, p. 263). Do mesmo modo, deve-se evitar a projeção mimética, que também se

²⁴⁶ “Denn wenn der Rhythmus als Bewegung des Sprechens in der gesprochenen und geschriebenen Rede verstanden wird, dann genügt es nicht mehr, nur den Wechsel von betonten und unbetonten Silben zu berücksichtigen, um den Rhythmus eines Gedichts zu beschreiben (...)”.

enquadra no princípio de substituição caro à interpretação hermenêutica e reforça a separação entre forma e conteúdo, promovendo, por fim, o desaparecimento da leitura sistêmica (LÖSENER, 2006, p. 259).

Em contraposição a esses parâmetros do pensamento do signo, Lösener (2006, p. 266) aponta para algumas necessidades de interrogação na análise, que se tornam possibilidades abertas por uma leitura poética, sistêmica, da ordem do contínuo. Para o autor, não basta levar em conta apenas a alternância entre sílabas tônicas e átonas para descrever o ritmo de um poema, é necessário interrogar-se a respeito de “sua articulação sintática e lexical, dos campos de palavras motivicos, dos fraseados pontuacionais, das séries fonemáticas e das relações de eco e, sobretudo, da respectiva interação das unidades significantes e relações no poema”²⁴⁷ (LÖSENER, 2006, p. 266).

Dessa maneira, a partir das considerações de Lösener (2006), inserido no contexto das vanguardas alemãs da virada do século XX, ensaio uma leitura sistêmica de “Kaspar Hauser Lied”, do poeta austríaco Georg Trakl, observando aspectos da construção da significância de seu poema. A leitura a seguir busca demonstrar como o poema pode ser lido a partir de um jogo de cores que adquirem seus próprios valores e colaboram com a construção de imagens opositivas que alimentam o enigma ali tratado.

4.3.1 Do mistério de “Kaspar Hauser Lied”

Escrito em 1913, o poema “Kaspar Hauser Lied” faz referência a um grande mistério²⁴⁸: um menino enigmático encontrado em Nuremberg, no ano de

²⁴⁷ “(...) nach seiner syntaktischen und lexikalischen Gliederung fragen müssen, nach motivischen Wortfeldern, der interpunktorischen Phrasierung, nach phonematischen Serien und Echobeziehungen und vor allem nach dem jeweiligen Zusammenwirken der sinnmachenden Einheiten und Beziehungen im einzelnen Gedicht”.

²⁴⁸ Trata-se de um acontecimento marcante na história alemã, que, inclusive, foi levado ao cinema em 1974 por Werner Herzog, em seu filme chamado “Kasper Hauser, jeder für sich und Gott gegen alle”. No Brasil, o filme é conhecido como “O Enigma de Kasper Hauser”.

1828. Este guri não sabia falar, nem andar e pouco se comportava como humano, segundo relatos de seus contemporâneos. Perguntava-se à época: de onde ele veio? Como ele chegou à praça central da cidade? Por que ele não sabe falar ou andar? Ele foi criado por animais? Na foto aqui projetada, podemos ver estátuas construídas no local onde Kaspar Hauser foi encontrado, há quase dois séculos em Nürnberg:



Figura 2: retrato de estátuas de Kaspar Hauser

O memorial a Kaspar Hauser na Platenstraße em Nürnberg mostra Kaspar em duas diferentes apresentações. Em primeiro plano, vemos Kaspar como uma criança negligenciada, quando encontrada. Atrás dele, vislumbramos um Kaspar bem-vestido e adulto, de postura mais ereta, que olha para sua imagem pueril e desvalida. O “novo” Hauser observa o “antigo”:



Figura 3: retrato de outra perspectiva das estátuas de Kaspar Hauser

Passo, a seguir, ao que Georg Trakl²⁴⁹ escreveu a partir deste mistério:

KASPAR HAUSER LIED

Für Bessie Loos

*Er wahrlich liebte die Sonne, die purpurnen den Hügel hinabstieg,
Die Wege des Walds, den singenden Schwarzvogel
Und die Freude des Grüns,*

*Ernsthaft war sein Wohnen im Schatten des Baums
Und rein sein Antlitz;
Gott sprach eine sanfte Flamme zu seinem Herzen:
O Mensch!*

*Stille fand sein Schritt die Stadt am Abend;
Die dunkle Klage seines Munds:
Ich will ein Reiter werden.*

*Ihm aber folgte Busch und Tier,
Haus und Dämmergarten weißer Menschen
Und sein Mörder suchte nach ihm.*

*Frühling und Sommer und schön der Herbst
Des Gerechten, sein leiser Schritt
An den dunklen Zimmern Träumender hin.
Nachts blieb er mit seinem Stern allein;*

*Sah, daß Schnee fiel in kahles Gezweig
Und im dämmernden Hausflur den Schatten des Mörders.*

Silbern sank des Ungeborenen Haupt hin.

(1913)

²⁴⁹ Mantenho aqui a versão de *De Profundis* organizada por Claudia Cavalcanti, publicada no Brasil em 2010. Encontram-se, no entanto, versões com leves alterações na ortografia e pontuação, como pode-se ver no Projekt Gutenberg: www.projekt-gutenberg.org/trakl/sebastia/chap013.html.

Para fins de compreensão, apresento, também, o poema de Georg Trakl em tradução de Cláudia Cavalcanti²⁵⁰:

CANÇÃO DE KASPAR HAUSER

Para Bessie Loos

Ele amava de verdade o sol que descia a colina purpúreo,
Os caminhos da floresta, o canto do pássaro negro
E a alegria do verde.

Sisuda era sua morada à sombra da árvore
E puro o seu rosto.
Deus disse ao seu coração uma doce chama:
Homem!

Tranquilo, o seu passo encontrou a cidade à noite;
O lamento sombrio de sua boca:
Quero tornar-me um cavaleiro.

Seguiram-no porém arbusto e animal,
Casa e jardim crepuscular de gente branca,
E procurava-o seu assassino.

Primavera, verão e belo o outono
Do justo, seu passo leve
Pelos quartos escuros de sonhadores.
À noite ficava sozinho com sua estrela;

Viu que nevava em galhos nus,
E a sombra do assassino no tenebroso vestíbulo da casa.

Prateada, tombou a cabeça do não-nascido.

(1913)

²⁵⁰ Observo, no entanto, também a existência de uma tradução anterior à de Cavalcanti. Trata-se da de Modesto Carone (TRAKL, 1987), da qual também faço uso a seguir.

A partir de sua leitura e tradução, observo com mais atenção, a seguir, detalhes do poema de Georg Trakl, com foco na construção de seus versos livres e na particularidade de sua linguagem. Para discussão de versos específicos, optei por apresentar em sequência a versão em alemão e, entre parênteses, em seguida, a tradução de Cláudia Cavalcanti (2010). Em determinados momentos, faço uso também da tradução de Modesto Carone (1987) para o poema de Trakl, para cotejo. Desse modo, a discussão do poema perpassa questões de tradução, em uma leitura que considera também sua escuta.

Segundo Lösener (2006, p. 260), “[d]eve-se experimentar uma leitura do poema que acompanhe o movimento do sentido que se desenvolve entre as estrofes, os versos, as palavras e os fonemas e que, portanto, não se esgota nas categorias de forma e conteúdo”²⁵¹. Trata-se aqui de uma leitura ouvinte, voltada à maneira como o poema se faz na e pela linguagem e constrói sua significância. Nessa direção, Lösener (2006, p. 12-13) propõe que a leitura se volte à escuta da articulação significativa do discurso escrito, compreendida como a articulação do sistema de texto, como historicidade inscrita em seus entrelugares. Tal escuta desloca o foco da leitura para uma atenção à dinâmica interna do texto, sem cair, no entanto, em um solipsismo imanentista.

Na canção de Trakl, desde os primeiros versos, percebe-se um eu-lírico que constrói diferentes imagens da vida de Kaspar Hauser através de uma linguagem altamente figurativa e simbolicamente condensada, na qual elementos são personificados e reforçam a íntima relação de Kaspar com a natureza:

Er wahrlich liebte die Sonne, die purpurnen den Hügel hinabstieg,

(Ele amava de verdade o sol que descia a colina purpúreo,)

Die Wege des Walds, den singenden Schwarzvogel

(Os caminhos da floresta, o canto do pássaro negro)

²⁵¹ “Versucht werden soll eine Gedichtlektüre, die jener Sinnbewegung nachspürt, die sich zwischen den Strophen, Versen, Wörtern und Phonemen entfaltet und daher nicht mehr in den Kategorien von Form und Inhalt aufgeht”.

Und die Freude des Grüns,

(E a alegria do verde.)

A primeira estrofe apresenta uma enumeração de elementos da natureza, ligados sintaticamente, mas distribuídos por vários versos. No poema em alemão, essa enumeração é separada por vírgula e por um espaço entre a primeira e a segunda estrofe, quando a atenção volta-se à rusticidade de Kaspar, marcada pelos possessivos *sein Wohnen* (*sua morada*) e *sein Antlitz* (*seu rosto*), que abrem uma série de personificações metonímicas que caracterizarão Kaspar Hauser. Assim, após esse breve silêncio, no quarto e no quinto verso, há um redirecionamento do olhar do eu-lírico, marcado sobretudo pela série de paralelismos e de adjetivações, mas que ainda mantém a construção equilibrada, sem rupturas bruscas, como em uma continuação da fluida descrição natural dos versos iniciais:

Ernsthaft war sein Wohnen im Schatten des Baums

(Sisuda era sua morada à sombra da árvore)

Und rein sein Antlitz.

(E puro o seu rosto.)

Gott sprach eine sanfte Flamme zu seinem Herzen:

(Deus disse ao seu coração uma doce chama:)

O Mensch!

(Homem!)

Assim, os cinco primeiros versos do poema possuem ligação direta entre si, funcionando por meio de encadeamentos. A descrição não se desenvolve em um único momento, mas sim se estende por vários versos, de modo que a leitura se torna mais lenta e concentrada. Percebe-se, de imediato, a acentuada diferença de extensão dos versos, que não se prendem a uma proposta métrica,

sendo antes ritmos livres. Seu princípio é um quadro quase idílico, bastante colorido: *purpurnen, schwarz, grün* (purpúreo, preto, verde). Podemos dizer que se tratam ali de versos solares, reforçados por um traço de associação às variações do sol: *Er wahrlich liebte die Sonne* (*Ele amava de verdade o sol*).

Essas associações a elementos naturais encontrarão par na quinta estrofe, do décimo quarto ao décimo sétimo verso, que enumeram positivamente as estações do ano como a testemunhar a silenciosa passagem da vida de Kaspar Hauser:

Frühling und Sommer und schön der Herbst

(Primavera, verão e belo o outono)

Des Gerechten, sein leiser Schritt

(Do justo, seu passo leve)

An den dunklen Zimmern Träumender hin.

(Pelos quartos escuros de sonhadores.)

Nachts blieb er mit seinem Stern allein;

(À noite ficava sozinho com sua estrela;)

Assim como nos primeiros versos, esta passagem mostra proximidade com a natureza e avança a tratar do tempo. O ciclo das estações torna-se, assim, ciclo de vida de Kaspar. As estações, que inicialmente se mostram lineares, em um aparente paralelismo, são interrompidas pelo outono, duplamente atribuído: *Frühling und Sommer und schön der Herbst / Des Gerechten, sein leiser Schritt* (*Primavera, verão e belo o outono / Do justo, seu passo leve*). O outono não é apenas parte de uma sequência, ele marca uma diferença rítmica e qualitativa. No entanto, Kaspar continua sua caminhada de modo tímido e sozinho, como se percebe em passagens como *sein leiser Schritt* (*seu passo leve*) e *blieb er mit seinem Stern allein* (*ficava sozinho com sua estrela*).

Em contraposição, o primeiro verso da sexta estrofe encaminha ao fim da vida de Kaspar Hauser, associando-a ao inverno, quando de seu assassinato, em um verso de duração vocálica predominantemente alongada:

Sah, daß Schnee fiel in kahles Gezweig

(Viu que nevava em galhos nus,)

Percebe-se que a palavra “Winter”, inverno, é o único nome de estação não mencionado no poema. No entanto, neste entrelugar, “Winter” torna-se um significante, um elemento que faz e articula o sentido. A sua ausência produz significância, uma vez que a ênfase no outono e as associações internas feitas nos últimos versos levam a elementos do inverno, também associados à derradeira morte, como se percebe no último verso da sexta estrofe, de duração vocálica predominantemente curta:

Und im dämmernden Hausflur den Schatten des Mörders.

(E a sombra do assassino no tenebroso vestíbulo da casa.)

Em contiguidade com o verso anterior (*Sah, daß Schnee fiel in kahles Gezweig*), do qual este é um encadeamento marcado pela conjunção “und”, há uma relação de eco contrastiva entre predomínio de duração das vogais. Esta estrofe, por si só, apresenta tensão de qualidade vocálica²⁵² e encaminha ao trágico verso final, no qual há enorme desproporção em relação ao início do poema. Voltemos, por isso, a importantes detalhes que interessam à construção de linguagem do poema e à caracterização de Kaspar Hauser, a partir dos dois últimos versos de sua segunda estrofe:

²⁵² Na língua alemã, distingue-se vogais longas de vogais curtas, de modo que essa diferença de duração vocal pode marcar alteração de significado.

Gott sprach eine sanfte Flamme zu seinem Herzen:

O Mensch!

(Deus disse ao seu coração uma doce chama:

Homem!)

Na sequência destes dois versos há uma centralidade: o sétimo verso, *O Mensch! (Homem!)*, é o mais breve de todo o poema e lhe concede como que um tom profético, talvez uma lamentação, talvez uma espécie de chamado – não imperativo, mas suave, talvez terno – que, em todo caso, poderia trazer à memória o ato da criação ou, ainda, uma advertência. Nesse ponto, entre as versões em alemão e em português, pode ocorrer uma leve diferença sugestiva. Em alemão, “eine sanfte Flamme” (uma chama suave) parece construir algo mais tênue, sem muita veemência. A interjeição posterior confirmaria essa leitura: “O Mensch!” encaminha à expressão de pena, a um lamento.

Na versão em português, de Cavalcanti, “uma doce chama” seguida de “Homem!” poderiam levar a um tom um pouco mais carinhoso e até mesmo exaltante. A ausência de uma interjeição vocativa, ali, parece atenuar o lamento. Para comparação, na tradução de Modesto Carone (TRAKL, 1987, p. 27), o chamamento é mantido:

Deus falou – uma chama suave – ao seu coração:

Oh, homem!

Não se trata aqui de um julgamento das escolhas tradutórias como certas ou erradas, mas sim em pensar nas possibilidades que o poema nos apresenta, a partir de uma problematização aberta por suas traduções: a leitura penderia entre a pena e a exaltação? Pode-se perceber que a presença da interjeição “Oh” reforça certo tom solene e marca um apelo intenso. Neste contexto, “Oh, homem!” soa como um chamado que, embora demonstre compaixão, carrega

em si uma carga de tristeza, como se um Deus lamentasse o destino de sua criação.

O contraste lançado pelas traduções do poema reforça, por fim, a certeza de que o canto lamurioso também presta homenagem ao seu desvalido, que adquire um ar trágico, próprio de um mártir²⁵³. Desse modo, essa sensação de solidão e isolamento próprios de um *Außenseiter* (estranho, marginal, *outsider*), recorrente na lírica expressionista, faz-se âmago do poema na construção de Kaspar Hauser como uma figura frágil, o justo que partilha da dor do mundo, ainda que inocente.

Chama atenção ainda certa assimetria do poema, marcada sobretudo pela utilização de cores e movimentos nos versos que o abrem e o fecham. Essa assimetria não se reduz a um contraste meramente descritivo, uma vez que inscreve uma diferença fundamental na configuração da paisagem, da tonalidade afetiva e da própria figuração do sujeito poético:

Er wahrlich liebte die Sonne, die purpurnen den Hügel hinabstieg

(Ele amava de verdade o sol que descia a colina purpúreo)

Purpurn (purpúreo, entre vermelho e azul) o sol se levanta. Purpúreo parece adquirir, no conjunto dos primeiros versos, o esplendor da vida humana, do qual predomina uma atmosfera de luminosidade e vitalidade sensorial. A imagem solar, ainda que associada ao crepúsculo (*den Hügel hinabstieg, descia a colina*), carrega um brilho afetivo intenso, do qual a natureza emerge como espaço de relação sensível, de vinculação com o mundo através dos sentidos.

No entanto, entre os primeiros versos e o monóstico final há uma virada repentina, cujo ponto fulcral pode ser percebido no trístico a seguir, que compõe

²⁵³ Em suas correspondências, há testemunho da identificação de Trakl com essa concepção de Kaspar Hauser. Por exemplo, em uma carta a seu amigo Erhard Buschbeck, na primavera de 1912, na qual escreve de modo resignado: "Wozu die Plage. Ich werde endlich doch immer ein armer Kaspar Hauser bleiben" (Para que o tormento? No fim das contas, continuarei sendo um pobre Kaspar Hauser.)

a terceira estrofe do poema, na qual é retomada a série de personificações metonímicas abertas por possessivos e que caracterizam Kaspar Hauser:

Stille fand sein Schritt die Stadt am Abend;

Die dunkle Klage seines Munds:

Ich will ein Reiter werden.

(Tranquilo, o seu passo encontrou a cidade à noite;)

(O lamento sombrio de sua boca:)

(Quero tornar-me cavaleiro.)

Seu caminho no poema o leva do natural ao social, da natureza à cidade. No entanto, também aí os seus passos são silenciosos e sua queixa é tímida. A partir de Lösener (2006, p. 174), pode-se considerar que se trata, aqui, de uma figura do discurso poético, de uma construção textual do próprio sistema, que não se deixa facilmente reduzir a apenas uma das figuras de linguagem clássicas, nesse caso específico, a personificações ou a metonímias. A interação entre os dois tropos²⁵⁴ gera aqui uma espécie de “personificação metonímica”, pois o personificado (*Klage*, *lamento*) é construído por meio de uma figura metonimicamente reduzida (*Mund*, boca em vez de Kaspar).

Essa personificação metonímica aberta por possessivos é, ainda, construída sonoramente. Se observarmos, nos versos em alemão, **Stille** e **Schritt** motivam-se mutuamente pela relação de eco em /i/ em sílaba de ataque, assim como de /a/ em **fand**, **Stadt** e **Abend**. Do mesmo modo, **Dunkle** e **Munds** motivam-se mutuamente, pela relação de eco em /u/ em sílaba de ataque. Os fonemas adquirem uma identidade parcial, criada por essa mútua motivação, tornando-se significantes: a boca sombria, o problema da linguagem. Isso não tem a ver com uma qualidade vocal inerente em si, um valor próprio dessas vogais, mas sim com uma motivação através do sistema textual.

²⁵⁴ A grosso modo: na metonímia, a parte é tomada pelo todo; na personificação, o todo (por exemplo, um conceito) é humanizado.

Nesta estrofe, construindo contraste com a suavidade anterior, encontramos, ainda, um enigmático verso de densidade semântica: *Ich will ein Reiter werden* (*Quero ser cavaleiro*) é a única exclamação ou desejo diretamente expresso de Kaspar Hauser em todo o poema. A que viria esse cavaleiro? Seria um mensageiro, um combatente, um fugitivo? É o pouco que temos de sua voz, de seu impulso para a autorrealização, uma afirmação existencial. Neste curto verso de expressão de Kaspar, a semelhança sonora entre /a/, /e/ e os ditongos /ai/ em sílaba de ataque, assim como a reiteração em /i/ – *Ich will ein Reiter werden* [ɪç vi/ ain 'baɪtə 've:ədŋ] – reforçam a tensão causada pela inconformidade com os versos anteriores. A brevidade do verso (apenas sete sílabas), também em contraste com a extensão dos demais versos, torna-o decidido e quase infantilmente direto. Essa simplicidade infantil da linguagem parece reforçar a expressão de isolamento e a parca socialização, o que remete à figura histórica de Kaspar Hauser.

Em sua tensão, o trístico adquire um especial valor por separar uma imagem idílica inicial de uma visão pesada e de abandono ao final, de um lugar de não-entrada na linguagem, na sociabilidade humana, emergindo no centro do poema como um elemento de dissonância interior preparado pelo ritmo e que anunciam a chegada do assassino na quarta estrofe, a seguinte. Neste trístico, pelas relações de eco, que põem *Stille* e *Schritt* em relação, podemos perceber que seu primeiro verso *Stille fand sein Schritt die Stadt am Abend*; (*Tranquilo, o seu passo encontrou a cidade à noite*;) também prepara e antecipa o segundo verso da quinta estrofe *Des Gerechten, sein leiser Schritt* (*Do justo, seu passo leve*) – observando que tanto “*stille*” quanto “*leise*” qualificam o passo como silencioso.

Esta virada encaminha a mencionada assimetria entre abertura e fechamento do poema.

Sah, daß Schnee fiel in kahles Gezweig

(*Viu que nevava em galhos nus*;))

Und im dämmernden Hausflur den Schatten des Mörders.

(*E a sombra do assassino no tenebroso vestíbulo da casa.*)

Silbern sank des Ungeborenen Haupt hin.

(*Prateada, tombou a cabeça do não-nascido.*)

Prateada, a cabeça desaba. Construído por uma figura de eco a partir de /z/ em sílaba de ataque, **Silbern sank** ['zɪlben 'zank] é decorrência imediata do que se passa no silêncio, neste entrelugar significante não expresso por palavras. Reforçado ainda por ser o único monóstico do poema, o verso final isolado traz a cor prateada, em cintilação branca, comumente associada à lua, em alemão. Na *Canção de Kaspar Hauser*, por uma oposição criada em relação ao verso solar inicial (*purpurn*, purpúreo), *silbern* (prateado) adquire um valor aproximado à morte, aqui em cintilação branca, imediatamente associada à secura do antepenúltimo verso e ao longo penúltimo verso, no qual emerge a partir das sombras a força expressiva de seu assassinato. Desse modo, o espaço entre o penúltimo e o último verso também significa, pois é neste ínterim silencioso que ocorre o assassinato de Kaspar Hauser.

Podemos falar, assim, de uma série de ausências que se articulam e significam no poema: o inverno e a morte. O valor aqui construído é reforçado ainda pela lembrança do segundo verso da quarta estrofe, *Haus und Dämmergarten weißer Menschen* (*Casa e jardim crepuscular de gente branca*), que é imediatamente associado ao verso seguinte, *Und sein Mörder suchte nach ihm* (*E procurava-o seu assassino*). Branco e prateado interligam-se, assim, no poema, a assassinato e à morte. Este valor associado à morte também age como expressão poética para a marginalidade em relação à linguagem, sobretudo pela proximidade de “*des Ungeborenen*”, “*do não-nascido*”, daquele que termina por não ter chegado totalmente ao mundo

Se nos permitirmos escutar com atenção, por fim, há relevantes reverberações entre o primeiro e o último verso da *Canção de Kaspar Hauser*, em uma série /h/ que marca tanto o seu abrir quanto o seu findar. Os dois versos encontram-se em polos opostos do poema – um contexto inicial solar, iluminado,

que mostra a vida e o brilho exterior; e um ambiente final escuro, fechado, que leva ao desaparecimento. Embora os versos iniciais e finais do poema de Trakl mostrem elementos diferentes – de um lado, o pôr do sol, do outro, o afundar da cabeça –, eles realizam o mesmo movimento poético de desvanecimento. Esse movimento não é apenas motivado por imagens, mas pelas relações de eco fonemático. Assim, na articulação de **Hügel hinabstieg** (*descia a colina*) e **Haupt hin** (*tombou a cabeça*), combinam-se elementos fonéticos semelhantes que se reforçam mutuamente: os sons iniciais aspirados /h/, as vogais longas /y:/ e /i:/, assim como o ditongo /aʊ/ em sílaba de ataque.

Desse modo, da descrição do tempo de vida de Kaspar à discussão das origens da linguagem, ocorrem processos de transformação. Na canção de Kaspar Hauser, embora inicialmente a chama da vida pareça ser dada por Deus, ao final, nas imagens criadas por Trakl, parece instituir-se um valor herético, divergente no que toca ao ponto de fé quanto à criação. O poeta austríaco apresenta uma leitura ímpia ao entoar a canção de Kaspar Hauser, ao cantar a morte do não-nascido. Um dito que insulta contra a entrega divina da chama da vida, comumente considerada sagrada. Ou contra um Deus pouco benevolente com sua criatura. Poder-se-ia ler o não-nascido, porém, ainda, como a não-entrada na linguagem, uma transição entre o ser e o não-ser, aquele que pouco passou por um processo de hominização, pelas palavras de Dessons.

De onde veio Kaspar Hauser? De onde veio o homem e sua linguagem? Essa “sanfte Flamme”, essa suave chama continua a nos interpelar com sua presença frágil. O mistério da criação, o mistério do humano e o mistério da linguagem entrelaçam-se na figura silenciosa de Kaspar Hauser, cuja origem permanece envolta em sombras e prossegue a alimentar o imaginário a respeito da constituição humana.

O poema silencia. O mistério continua.

4.3.2 Considerações outras

Na seção anterior, apresentei um poema de autoria de Georg Trakl e busquei analisá-lo a partir de subsídios inspirados na proposta de leitura sistêmica, partindo da premissa de que o poema, conforme o concebe Meschonnic, inventa sua própria historicidade. *Kaspar Hauser Lied* situa-se em um campo de tensão entre o expressionismo e o impressionismo; embora seu autor seja geralmente associado àquele, seu estilo também apresenta muitos elementos que provêm ou se aproximam deste. Nesse sentido, o poema de Trakl testemunha não apenas a afirmação de Meschonnic, mas também a dificuldade de encerrá-lo em uma escola literária, sobretudo o que se chama de expressionismo, que apresenta ainda outros complicadores, para ser estabelecido como um movimento.

Desse modo, a partir da lembrança do poema e das considerações analíticas feitas acima, gostaria de repassar algumas observações pontuais acerca do que chamamos de expressionismo, em especial o alemão. Tais considerações contribuem, aqui, no sentido de evidenciar o quão difícil é enquadrar em linhas gerais obras e autores em um período. Para tanto, trarei considerações de Frank Krause, Claudia Cavalcanti, Marcelo Backes, Otto Maria Carpeaux, George Lukács e Henri Meschonnic.

Inicialmente, faz-se mister refletir acerca da importância do expressionismo. Frank Krause, professor de Alemão e Literatura Comparada na Universidade de Londres, dedicou-se a pesquisas relativas à arte expressionista. O autor publicou em 2008 *Literarischer Expressionismus*, livro no qual aponta para a importância deste período na historiografia literária de língua alemã, suas inovações e as contradições que formam a sua definição. Krause (2015, p. 27) observa que:

O Expressionismo é visto como uma época distinta por duas razões. No contexto das tendências histórico-literárias anteriores, destaca-se como uma totalidade de inovações semelhantes (2.1), e as reivindicações específicas destas

inovações permaneceram significativas para as gerações posteriores que vieram a compreender o âmbito do modernismo literário por razões relacionadas – e instigaram repetidamente a investigação histórico-literária, em particular, a fazer reavaliações críticas (2.2). Esta ligação é discutida a seguir, utilizando exemplos textuais que também facilitam a compreensão das secções seguintes.²⁵⁵

Ou seja, em primeiro lugar, as obras aproximam-se por suas inovações. Em segundo lugar, sua capacidade crítica foi forte e longa, perdurando nas discussões de gerações posteriores, renovando-se em sua própria definição. Neste aspecto, sobretudo, reside a importância desta abordagem.

Por sua vez, em *Poesia expressionista alemã. Uma antologia*, Cláudia Cavalcanti afirma que, “tendo sido vanguarda, o expressionismo pode ser considerado uma reação ao artisticamente estabelecido, mas será apressado e mesmo equivocado resumi-lo como uma oposição ao impressionismo”. A autora faz uso de dois argumentos para isso: primeiramente, “o surgimento de um não significou o desaparecimento do outro”. Segundamente, “escritores ditos impressionistas tiveram, surpreendentemente, algumas de suas obras avaliadas como expressionistas” (p. 17). Com isso, levemos em consideração que as classificações e os chamados movimentos literários não são estanques, pois possuem margens fluidas.

Em *A arte do combate*, Marcelo Backes também questiona-se sobre os limites da classificação do expressionismo. O autor enfatiza que “Mais do que um simples movimento datado, o expressionismo é uma tendência permanente” (2003, p. 178). Otto Maria Carpeaux, de sua parte, em *A história concisa da literatura alemã*, chama o expressionismo de “um dos movimentos mais importantes na história espiritual da Alemanha moderna” (2013, p. 180) e enfatiza que “o novo estilo tem raízes profundas na história e na alma alemãs” (2013, p. 180). O período do qual emergiu o expressionismo alemão é um tanto

²⁵⁵ “Der Expressionismus wird aus zwei Gründen als gesonderte Epoche wahrgenommen. Vor dem Hintergrund früherer literarhistorischer Tendenzen ragt er als eine Gesamtheit ähnlicher Neuerungen heraus (2.1), und die besonderen Ansprüche dieser Neuerungen sind für spätere Generationen, die sich über die Spielräume der literarischen Moderne verständigt haben, aus verwandten Gründen von Bedeutung geblieben – und haben vor allem die literarhistorische Forschung immer wieder zu kritischen Neubewertungen angeregt (2.2). Dieser Zusammenhang sei im Folgenden an Textbeispielen erörtert, die auch das Verständnis der nachfolgenden Abschnitte erleichtern”.

convulsivo. Há um espírito de época marcado por revolta contra a monotonia, mas também contra o mundo moderno. Do expressionismo parte uma ira contra o sentimento de falta de sentido da existência e de “sem-teto transcendental”, como lhe chamou o teórico literário Georg Lukács (1916, p. 10):

Qual é o problema do lugar transcendental senão a determinação da filiação de todo o impulso que brota do mais profundo interior a uma forma que lhe é desconhecida, mas que lhe é atribuída desde a eternidade e que o envolve num simbolismo redentor? ²⁵⁶

Lukács (1916, p. 24) continua:

O romantismo alemão ligou estreitamente o conceito de romance ao de romântico, mesmo que nem sempre tenha sido totalmente elucidado. E com razão, porque a forma do romance é, como nenhuma outra, a expressão de uma desabitação transcendental. ²⁵⁷

Esse espírito perdura no expressionismo. E contra ele, muitos expressionistas lutarão. Cláudia Cavalcanti observa que “[a] geração nascida sobretudo entre 1880 e 1890 começou a se rebelar contra os valores sociais, políticos e familiares vigentes” (2000, p. 19). A autora acrescenta que “[o] chamado Novo Homem dos expressionistas seria o indivíduo cuja ação deveria ser marcada por um humanismo indiferente às classes sociais” (2000, p. 20) e que, ainda, “[o] tom messiânico que pregava a necessidade de um novo homem evidenciava uma revolução interior ansiada por aqueles jovens nutridos de uma forte dose de idealismo” (2000, p. 20).

Há autores mesmo que aproximam o expressionismo ao movimento do *Sturm und Drang*, dadas as suas tendências subjetivas. Ele é, pois, um grito, um ato de insubordinação. Segundo Otto Maria Carpeaux, trata-se de “uma poesia

²⁵⁶ “(...) was ist das Problem des transzendentalen Ortes, wenn nicht die Bestimmung des Zugeordnetseins jeder aus dem tiefsten Innern quellenden Regung zu einer ihr unbekannten, ihr aber von Ewigkeit her zugemessenen, sie in erlösender Symbolik einhüllenden Form?”.

²⁵⁷ “Die deutsche Romantik hat den Begriff des Romans, wenn auch nicht immer bis ins letzte geklärt, mit dem des Romantischen in enge Beziehungen gebracht. Mit großem Recht, denn die Form des Romans ist, wie keine andere, ein Ausdruck der transzendentalen Obdachlosigkeit”.

de ‘Schrei’, de gritos inarticulados na noite do desespero – mas será, esperam, uma noite antes da aurora” (2013, p. 181). Por essas razões, Cavalcanti aponta termos como marginais, manifestos, guerra, burguesia e submundo como parte essencial de um glossário expressionista.

Por sua vez, escapando à classificação categórica, Henri Meschonnic, em *Modernidade. Modernidade*, chama o expressionismo de trabalho do sujeito e observa que Paul Klee, por exemplo, escapa ao dualismo impressionismo-expressionismo ao analisar um “ponto decisivo da gênese da obra”: o tempo como “elemento (...) constitutivo”. A respeito do expressionismo, Meschonnic afirma que, “Da construção à composição, trata-se da interioridade na arte, ao mesmo tempo que a arte é afirmada como participante da criação do mundo, ainda inacabada” (2017, p. 319). Portanto, não se deve confundir modernidade com vanguarda ou, ainda, historicidade com historicismo, uma vez que “[a] modernidade passa pelos movimentos. Mas ela apenas passa. Ela não se confunde com eles” (MESCHONNIC, 2017, p. 56). O autor observa que *modernus* (modo, no instante) conservou “de sua etimologia esse movimento, esse sentido escorregadio, que não tem conteúdo em si mesmo, mas depende do contexto e da enunciação, operador de deslize” (MESCHONNIC, 2017, p. 41).

Desse modo, vemos, a partir dessas considerações, que o expressionismo é fortemente lembrado tanto pelo seu diálogo com predecessores e com contemporâneos quanto pelo seu alcance posterior. Romantismo, *Sturm und Drang*, coexistência e características partilhadas com o impressionismo. Raízes profundas. Reavaliações críticas. Reavaliações da crítica. Interioridade da arte. Nesse sentido, retomemos as palavras de Carpeaux, que afirma, a respeito de Trakl, que “Seu hermetismo não esconde, mas revela, a beleza de uma arte intemporal; sua melancolia não é romântica, mas existencial” (2013, p. 185). Com isso, voltamos a nosso poeta de entrelugar, Georg Trakl, cujos poemas, não raramente, são classificados tanto como impressionistas quanto como expressionistas, não deixando-se moldar facilmente aos desejos da crítica literária. Fascinado pelo tema de Kaspar Hauser, Georg Trakl imortalizou sua misteriosa passagem em um poema não menos misterioso.

4.4 Considerações intermediárias

A partir de pressupostos da poética do ritmo, de Henri Meschonnic, sobretudo de sua leitura via Hans Lösener, busquei neste capítulo confrontar-me com textos literários que trazem em si aspectos elípticos, que não se deixam apreender facilmente em uma primeira leitura e requerem com suas insinuações uma forte participação do leitor. Inspirado por essa proposta, no entanto, não tratei de decifrar uma verdade já dada, pois isso cabe àqueles que se fiam na análise de ordem semiótica. Tratei sim de compreender onde na construção textual poderia me incluir para ler os seus elementos como sistema, considerando-os no que resulta de suas associações em série, na escuta de seus entrelugares significativos.

Em “Padre Julio e o outro e os outros”, a série das negações, que se apresentam desde o princípio, e a série dos paralelismos, que se intercalam às negações, fundem-se a elas e encerram o conto, fazem juntas sistema, significam e performam, construindo o enigma em suas elipses. Além disso, elementos temporais como “quando” constroem os espaços dessa narrativa, fundidos, e, se postos em relação, dão as pistas do lugar ao qual o leitor deve se dirigir para compreender o que é isso que emudecia o personagem e por ele era recalcado. Em conjunto com as negações e paralelismos, essa série de fusão espaço-temporal compõe a dramaticidade da ilusão que atormenta o personagem, esse entrelugar desconfortável. Tais elementos de sua poética são observáveis a partir do momento que nos confrontamos com sua interioridade.

Em “Kaspar Hauser Lied”, relacionadas entre si, as cores adquirem seus próprios valores, colaborando na construção de imagens opositivas no poema, como em “purpúreo” e “prateado”. Essa utilização particular das cores corrobora com a assimetria do poema, em sua abertura e em seu fechamento. De outra parte, a percepção de uma série possessiva amparada sonoramente e que constrói o que aqui chamei de personificação metonímica, elabora a figura de Kaspar Hauser no poema de Trakl. Observa-se, com isso, como os fonemas

adquirem uma identidade parcial, não por possuírem um valor intrínseco ou uma qualidade vocal autônoma, mas por meio de uma motivação que emerge do próprio sistema textual, em sua rede de associações, cuja construção rítmica inscreve a problemática da linguagem – da fala interrompida ou ainda por acontecer – como própria da figura poética de Kaspar Hauser. São valores particulares de seu sistema, espalhados em entrelugares significantes. Os processos de transformação de valores internos edificam, assim, o poema e alimentam a chama enigmática da origem da linguagem e do que Dessons chamou de “hominização” – um dos questionamentos derivados desse fato histórico.

Em ambas as análises, a partir da observação da constituição de valores nos textos e da construção de seus sistemas poéticos, assim como amparado pelos pressupostos teóricos elencados no início deste trabalho, percebi claramente a importância de não apenas identificar um uso peculiar de uma forma isolada. Apontá-la como marca de subjetividade seria apenas uma primeira etapa que, ainda que necessária, seria inócua. Outrossim, mostrou-se necessário avançar na leitura e buscar compreender o que faz sistema, o que abre determinadas séries significantes específicas e o que desencadeia determinado comportamento semântico particular. Ou seja, é preciso ler esses entrelugares de modo sistêmico para ver o que performa. Aí encontramos mais próximos da poética de cada texto.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Com o intuito de explorar a concepção de antropologia histórica da linguagem, derivada sobretudo da proposta de poética do ritmo de Henri Meschonnic, e da sua continuidade nas considerações de Gérard Dessons, assim como de seu diálogo com estudos da linguagem alemães, especialmente com Jürgen Trabant e com Hans Lösener, procedi à investigação de possibilidades de leitura de textos enquanto sistemas poéticos que encerram em si um alcance antropológico.

Desse modo, na presente tese, em um primeiro momento, tratei da definição de antropologia histórica da linguagem, de modo a observar as suas problematizações de partida e os seus fundamentos. Para tanto, considerei sobretudo os trabalhos de Henri Meschonnic e de Jürgen Trabant como fundamentais para a sua compreensão, tomando ainda considerações de Gérard Dessons e de Hans Lösener como ponto de apoio. A abordagem, a partir desses autores, conduziu-me à obra de Wilhelm von Humboldt, a quem concedi proeminência no capítulo, por ser tomado por Henri Meschonnic como o primeiro pensador a tratar de uma antropologia histórica da linguagem e, também, pela carência de discussões de maior fôlego a seu respeito no contexto brasileiro das Letras.

Com isso em vista, o caminho delineou-se através da consideração daquilo que concebe o humano a partir do que lhe garante sua individuação, a linguagem, tomada em uma postura teórica crítica em relação à dessubjetivação da atividade linguística. Desse modo, sob uma perspectiva antropológica e histórica, a linguagem não se deixa reduzir ao primado do signo e à sua separação da poética. Em Meschonnic, o caráter constitutivo da atividade de linguagem é reafirmado por meio da atualização crítica dos vínculos teóricos com Humboldt, Saussure e Benveniste, cuja convergência sustenta uma concepção

de linguagem como processo histórico inseparável de sua realização concreta. Nesse contexto, a historicidade é o aspecto fundamental de toda e qualquer concepção de linguagem que se pretenda antropológica, pois leva em conta a constituição do valor, elemento a partir do qual podemos pensar a atividade concreta da linguagem poética. Desse modo, apoiado principalmente nas leituras de Ludwig Jäger e de Jürgen Trabant, evidenciei a forte presença da concepção humboldtiana de linguagem no pensamento de Ferdinand de Saussure e de Henri Meschonnic. Com vistas a dar sustentação à exposição desse contínuo teórico que vai de Humboldt e de Saussure a Benveniste, pus em diálogo, ainda, autores como Gérard Dessons e Meschonnic, Hans Lösener e Daiane Neumann.

Em um segundo momento deste trabalho, refleti a respeito da relação íntima da antropologia histórica da linguagem com a linguagem poética. Nesse sentido, e como sucessora de um contínuo teórico humboldtiano-saussuriano, concedi protagonismo à obra de Émile Benveniste, sobretudo em sua proposta translinguística, encontrando apoio para tanto, ainda, nas considerações de Chloé Laplantine e de Hans Lösener. Para contextualização dessa discussão, tomei noções como as de semiologia, ritmo e atividade da linguagem poética como de essencial importância. Sob a consideração da linguagem enquanto subjetivante, individuante, revisei a ideia da recriação da semiologia através da atividade poética, propondo o poema como espaço de intersubjetivação. A construção de uma nova semiologia a partir da atividade da linguagem poética, com a qual o poema constrói as suas próprias associações, é possível graças à consideração da noção de ritmo. Em suma, concluí que o específico do poema é sua performatividade semântica, construída em cada novo arranjo, em cada elemento significativo que faz sistema enquanto entrelugar, de modo que sua configuração rítmica e subjetiva não cessa de produzir sentidos, sempre novos, não só do sujeito do poema como também do sujeito da leitura, em uma atividade intersubjetiva, portanto. Dessa maneira, em seu jogo intersubjetivante, condição para a subjetivação, o poema reinventa-se para além de determinações de produção, presentifica-se e transforma.

Em um terceiro momento, baseado sobretudo na obra de Hans Lösener, trouxe para discussão a proposta de leitura sistêmica, de rastros interligados e,

enfim, de performatividade poética – extensões diretas do pensamento meschoniquiano. Com isso, enfatizei que Lösener procura na atividade de linguagem o caminho para sua concepção de leitura, levando em conta o aqui-e-agora da enunciação e a intersubjetividade. Não se trata, assim, nem de leitura imanentista ao texto nem de leitura construtivista relegada ao leitor, uma vez que Lösener observa tratar-se de uma experiência de sentido, que não se confunde com expectativa de sentido. Há, pois, troca intersubjetiva entre o sujeito leitor e o texto, o que leva à coenunciação. Para tanto, as noções de valor, historicidade, atividade de linguagem e performatividade fizeram-se fundamentais.

Com isso, a investigação da reflexão sobre linguagem enquanto atividade tomou o centro da discussão. Desse modo, ponderei a respeito de uma concepção de leitura que se compreende enquanto antropológica e histórica, levando em conta a atividade de linguagem no processo de leitura, escuta e análise textual, privilegiando a rede de rastros interligados que sustentam o texto, o particularizam e compõem um sistema poético – subjetivante, intersubjetivante. A escuta e busca por rastros interligados associativos em um texto leva à consideração de uma série de elementos que compõem o seu sistema poético e que remetem à eficácia do texto, ou seja, à estreita relação entre o seu ritmo particular e a sua produção de efeitos de sentido sobre o próprio poema, o sujeito da escritura e o sujeito da leitura. A performatividade semântica está, assim, diretamente relacionada aos valores significantes emergentes nos e pelos seus rastros e associações, cuja observação e escuta atenta transforma nosso modo de leitura.

Em um quarto momento, procedi à parte empírica do trabalho, com a análise sistêmica de textos poéticos, com o objetivo de evitar uma abordagem literária de cunho historicista, investindo outrossim na materialidade do texto literário e no caráter intersubjetivo do ato de leitura. Nesse sentido, rastros interligados são possibilidades que se abrem à compreensão e coenunciação textual. Para tanto, escolhi um conto de Aldyr Garcia Schlee, “Padre Julio e o outro e os outros”, e um poema de Georg Trakl, “Kaspar Hauser Lied” – textos inquietantes, repletos de detalhes em construções elípticas que fazem sistema e convocam a presença de um leitor comprometido com o ato intersubjetivo da leitura, com a sua cocriação. Busquei, assim, na poética do ritmo, elementos

para a escuta e a observação dos sistemas poéticos, considerando-os nos valores que de si emergem e nos entrelugares significantes que resultam de suas associações, uma vez que o texto poético não é a simples soma de suas palavras. Nessa perspectiva, busquei destacar como a escuta dos textos revela não apenas a beleza, mas também a complexidade de suas linguagens, a língua dentro da língua, essa nova maneira de significar criada pelo poeta. Com uma análise sistêmica, o nosso olhar e ouvido voltam-se à organização textual, aos arranjos que produzem sentido particular e performam poeticamente, na leitura atenta desses entrelugares resultantes da ação dos significantes uns sobre os outros.

Desse modo, meu trabalho teve um quádruplo objetivo: evidenciar a relação de prosseguimento teórico-metodológico, nem sempre óbvia para o público brasileiro, entre Ferdinand de Saussure e Wilhelm von Humboldt; contextualizar a concepção de antropologia histórica da linguagem, derivada de Henri Meschonnic, bem como seu desdobramento na recepção alemã, com Trabant; apresentar e discutir a concepção de leitura sistêmica, desenvolvida por Hans Lösener, observando a constelação teórica na qual ela se inscreve (Meschonnic – Humboldt, Saussure, Benveniste); ensaiar análises de textos literários a partir da noção de performatividade semântica e dos subsídios fornecidos pela poética do ritmo e pela leitura sistêmica, enquanto sua ramificação, propondo como entrelugar isso que ocorre entre as unidades do discurso e emerge como valor.

Tratei de, com isso, mais que utilizar sem questionamentos os conceitos de determinados autores para algum fim, investigá-los em suas particularidades e em suas filiações, observando como estão postos, como se articulam e em que medida é possível aproximá-los e, daí, extrair subsídios que auxiliem em análises críticas.

Como este trabalho está inserido em uma intersecção de áreas – ou melhor, em uma não diferenciação de áreas – a aproximação entre os estudos de língua e de literatura enquanto constructo teórico foi por si só um resultado. Essa aproximação deu-se por um estudo que tomou a linguagem como centro de sua preocupação, sobretudo a partir da consideração da poética do ritmo.

Nesse ponto, a interrogação voltou-se à contribuição que essa perspectiva pode dar a estudos prospectivos sobre língua e literatura. Com esse referencial teórico, propus-me à análise sistêmica de textos literários, colocando a íntima relação entre língua e literatura no centro das preocupações através da observação da constituição de valores discursivos. Este trabalho, contudo, não se propõe como um exercício de crítica literária em sentido estrito, embora a atravessasse em diversos momentos. Neste diálogo, trouxe à lume questões relevantes para a crítica ao deslocar o foco de abordagens predominantemente contextuais e histórico-biográficas para a análise da própria tessitura da linguagem poética e de sua relação com o leitor ouvinte. Ao enfatizar modos de construção discursiva e efeitos de sentido que emergem da materialidade poética, tive em vista percorrer caminhos que, embora distintos, possam contribuir com a prática crítica, oferecendo-lhe subsídios para a leitura.

Com um olhar voltado ao específico do texto, mas que incluía o leitor, acredito ser possível propor alternativas para o trabalho com leitura em sala de aula, observando a ressonância da performatividade poética, ou seja, a atividade que se faz no entrelugar textual, em cada novo arranjo singular. Um olhar como esse, que alia discussão teórica e análise literária de modo sofisticado, mas que não se furta em dar retorno também para a aplicação no ensino, é justamente o que busquei no contato com a antropologia histórica da linguagem.

É importante frisar, também, que os autores de língua alemã aqui citados, essenciais para este trabalho, não possuem ainda grande circulação no Brasil. Torna-se justificável, por essa razão, que, durante meu doutorado, eu tenha procedido à tradução de alguns de seus textos na íntegra, além de uma grande quantidade de trechos aqui apresentados. Do mesmo modo, esforcei-me para dar conta de traduções de autores de língua francesa, também sem tradução para o português. Tais empreendimentos visam a contribuir para as discussões do campo da linguagem, sobretudo àqueles que se interessam pela concepção de uma antropologia histórica da linguagem, possibilitando sua circulação de modo mais abrangente no país.

O trajeto aqui esboçado, lembrou-me as palavras de Normand, que, a respeito de Saussure, disse não haver “análise linguística fora do sentido”, atestando assim a inseparabilidade entre morfologia e semântica (2009, p. 156),

entre sintaxe e semântica (2009, p. 162-164). Essa perspectiva agudiza-se com Meschonnic e Lösener, ao entenderem a linguagem como ritmo e sentido em movimento, cuja poética exige uma escuta sensível e atenta tanto ao que o texto faz quanto àquilo que diz e silencia. Entrelugar, nesse contexto, torna-se um espaço crítico que busca reconhecer presenças, ausências e indeterminações.

Desse modo, partindo das considerações de Lösener, o embate com o texto literário me levou à consideração de que as relações textuais, quando percebidas em detalhe, constroem os elementos, edificam os seus valores e fornecem pistas significantes a seguir que performam e colocam o texto em pé enquanto sistema poético. Trata-se de um outro conhecimento sobre leitura e sobre o olhar para a literatura, visto ser uma forma de percebê-la que busca deixá-la respirar fora de enquadramentos estruturalmente sistemáticos. Trata-se, conseqüentemente, de discuti-la e de trabalhá-la a partir de uma escuta sensível ao particular, à maneira única e paradoxal pela qual a capacidade da atividade poética desvencilha-se de seus condicionamentos e faz-se eficazmente presente em novos presentes, em cada nova leitura singular.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

ANJOS, Aroldo Garcia dos. Da recriação da semiologia: apontamentos sobre a atividade da linguagem poética. *In: Caderno de Letras (UFPeI)*, (44), p. 73-84, 2022. Disponível em:

periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/24797.

ANJOS, Aroldo Garcia dos. **Lavar a névoa: o tempo em Satolep, de Vitor Ramil**. Dissertação de mestrado. Orientação: Daiane Neumann. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas, 2020. Disponível em: guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7447.

ANJOS, Aroldo Garcia dos. **Princípios para uma prática de leitura fundamentada na Linguística da Enunciação**. Tese de conclusão de curso (Graduação em Letras Alemão/Português). Orientação: Marlene Teixeira. UNISINOS, 2010.

ANJOS, Aroldo Garcia dos; NEUMANN, Daiane. De carbono, raiz e minério: a intempestividade Tarso de Melo. *In: Scripta*, [S. l.], v. 26, n. 56, p. 135–144, 2022. DOI: 10.5752/P.2358-3428.2022v26n56p135-144. Disponível em: periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/28166.

BACKES, Marcelo. **A arte do combate**: a literatura alemã em cento e poucas chispas poéticas e outros tantos comentários. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do Mal**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin-Companhia, 2019.

BAYERISCHER RUNDFUNK. Auf Kaspars Spuren – Rundgang durch Ansbach und Nürnberg. 2012. Disponível em: www.br.de/franken/inhalt/kultur/kaspar-hauser-rundgang-nuernberg-ansbach100.html. Acesso em: dez 2024.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor [1923]. In: BRANCO, Lucia Castello (org). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I [1976]**. Tradução de Maria Novak e Maria Neri, com revisão de Isaac Salum. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II [1976]**. Tradução de E. Guimarães, M. Escobar, R. Figueira, V. Castro, J. Geraldi, I. Koch, com revisão técnica de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. Tradução de Daniel Costa da Silva, Heloisa Monteiro Rosário, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Verónica Galíndez-Jorge. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CARPEAUX, Otto Maria. **História concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CAVALCANTI, Cláudia. **Poesia expressionista alemã**. Uma antologia. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DASCAL, M. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

DESSONS, Gérard. Du discursif. In: **Revue Langages**, nº 159, set. 2005. Disponível em: www.persee.fr/doc/lqge_0458-726x_2005_num_39_159_2650.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste**, l'invention du discours. França: Éditions IN PRESS, 2006.

DESSONS, Gérard; MESCHONNIC, Henri. **Traité du rythme** – des vers et des proses. Nathan: Paris, 2003.

DESSONS, Gérard; NEUMANN, Daiane; OLIVEIRA, Giovane. F. **Émile Benveniste e a arte de pensar: uma entrevista com Gérard Dessons**. Tradução

de Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira. In: **ReVEL**, v. 18, n.34. p. 374-380, 2020. Disponível em: www.revel.inf.br/files/1457ff192482bd3502697aeb4f10340d.pdf.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e a Tradução**. Brasília: UNB, 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

GEORGTRAKL. Biographie – Georg Trakl. Disponível em: www.georgtrakl.de/georg-trakl-biographie.html. Acesso em: dez 2023.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: o relativismo lingüístico e o aspecto criativo da linguagem**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: acervodigital.ufpr.br/handle/1884/17651.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Gesammelte Schriften**, volume 4. Publicação de Albert Leitzmann. Berlin: Behr's Verlag, 1905, p. 1-34. Disponível em: archive.org/details/gesammelteschri04humbuoft/page/n7/mode/2up.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Gesammelte Schriften**, volume 7, primeira parte. Publicação de Albert Leitzmann. Berlin: Behr's Verlag, 1907, p. 593-608. Disponível em: archive.org/details/1gesammelteschri07humbuoft/page/n7/mode/2up.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Gesammelte Schriften**, volume 7, segunda parte. Publicação de Albert Leitzmann. Berlin: Behr's Verlag, 1908, p. 593-608. Disponível em: archive.org/details/gesammelteschri07humbuoft/page/n5/mode/2up.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Schriften zur Sprache**. Publicação e posfácio de Michael Böhler. Stuttgart: Philipp Reclam, 1995 [1795-1836].

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Os limites da ação do Estado [1851]**. Tradução: Jesualdo Correa. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Wilhelm Humboldt – Linguagem, Literatura, Bildung**. Werner Heidermann e Markus Weininger (orgs.). Edição bilíngue alemão-português. Tradução de Paulo Oliveira, Luiz Montez, Karin Volobuef et al. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Ensaio sobre língua e linguagem [1820-1831]**. Textos selecionados e comentados por Jürgen Trabant [1994]. Edição bilíngue alemão-português. Tradução: Hans Theo Harden e Orlene Lúcia de S. Carvalho. Uberlândia: EDUFU, 2021.

JÄGER, Ludwig. Die Sprachtheorie Wilhelm von Humboldts. In: **Sprachtheorie: Der Sprachbegriff in Wissenschaft und Alltag**. Organizado por Rainer Wimmer. Düsseldorf: Schwann; Bielefeld: Cornelsen-Velhagen und Klasing, 1987. Disponível em: ids-pub.bsz-bw.de/frontdoor/deliver/index/docId/2325/file/Sprachtheorie_1987.pdf.

JÄGER, Ludwig. **Ferdinand de Saussure zur Einführung**. Hamburg: Junius, 2010.

JOSEPH, John E. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor – Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1992.

KRAUSE, Frank. **Literarischer Expressionismus**. Göttingen: V&R unipress, 2015.

LAPLANTINE, Chloé. **Émile Benveniste: poétique de la théorie**. Thèse de Doctorat. Université Paris 8, 2008. Disponível em: hal.science/tel-01228022/.

LA RED INDEPENDIENTE. 33 años de la visita de un santo a Melo. 2021. Disponível em: www.laredindependiente.uy/33-anos-de-la-visita-de-un-santo-a-melo/. Acesso em: fev 2025.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1996.

LEIBNIZ, Georg Wilhelm. **Nouveaux essais sur l'entendement humain [1765]**. Publicado por BRUNSCHWIG, Jacques. Paris: Flammarion GF, 1966.

LOCKE, John. **An Essay Concerning Human Understanding** [1690]. Publicado e comentado por John Yolton. Londres/Nova Iorque: Dent/Dutton, 1971-1974.

LOHMANN, Johannes. Wilhelm von Humboldt und die Sprache. *In: Doitsu Bungaku* [= Die Deutsche Literatur], v. 9, p. 41-48, 1963. Disponível em: kansai-u.repo.nii.ac.jp/records/13608.

LÖSENER, Hans. Sprachtheorie als Anthropologie – Vom Dualismus des Zeichens zur Pluralität des Geschichtlichen. *In: Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, v. 106, p. 139-149, 1997. Disponível em: [www.researchgate.net/publication/313482978 Sprachtheorie als Anthropologie e Vom Dualismus des Zeichens zur Pluralitat des Geschichtlichen](http://www.researchgate.net/publication/313482978_Sprachtheorie_als_Anthropologie_Vom_Dualismus_des_Zeichens_zur_Pluralitat_des_Geschichtlichen).

LÖSENER, Hans. Saussure und die Geschichtlichkeit der Sprache. *In: Kodikas/Code*, 23, p. 97-108, 2000. Disponível em: sprachtheorie.de/wp-content/uploads/2012/09/Loesener-Saussure1.pdf.

LÖSENER, Hans. **Zwischen Wort und Wort**: Interpretation und Textanalyse. München: Wilhelm Fink Verlag, 2006.

LÖSENER, Hans. Saussure e a historicidade da língua. *In: Revista Odisseia*, v. 6, n. 1, p. 1-17, 11 jun. 2021. Tradução de Aroldo Garcia dos Anjos. Disponível em: periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/24259/14288.

LUKÁCS, Georg. **Die Theorie des Romans**. Disponível em: www.gutenberg.org/files/26972/26972-h/26972-h.htm. Acesso em: 25 abr. 2024.

MESCHONNIC, Henri. Crise do signo. *In: MARTINS, Maria Silvia Cintra. Ritmo, historicidade e a proposta de uma teoria crítica da linguagem*. Livro eletrônico. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2022a.

MESCHONNIC, Henri. Linguagem, história, uma mesma teoria. *In: MARTINS, Maria Silvia Cintra. Ritmo, historicidade e a proposta de uma teoria crítica da linguagem*. Livro eletrônico. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2022b.

MESCHONNIC, Henri. **Modernidade, Modernidade**. Tradução de Lucius Provase. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010 [1999].

MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduire**. Lonrai: Verdier, 2007.

MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme – anthropologie historique du langage**. Édition Verdier: France, 2009 [1982].

MESCHONNIC, Henri. **Crise du signe : politique du rythme et théorie du langage**. Crisis del signo : política del ritmo y teoría del lenguaje. Edição bilíngue. Tradução para o espanhol por Guillermo Piña-Contreras. Santo Domingo: Comisión Permanente de la Feria del Libro, 2000.

MESCHONNIC, Henri. **Politique du rythme, politique du sujet**. Paris: Verdier 1995.

MESCHONNIC, Henri. **Le Signe et le poème**. Paris, Gallimard: 1975.

MILANI, Sebastião Elias. **Historiografia linguística de Wilhelm von Humboldt: conceitos e métodos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

MILANI, Sebastião Elias. **As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

Disponível em: files.cercomp.ufg.br/weby/up/156/o/MILANI_-Sebastiao-Elias.-As-ideias-linguisticas-de-Wilhelm-von-Humboldt..pdf.

MILANO, Luiza; OTTARAN, Elisa Devit. A contribuição da linguística italiana para os estudos saussurianos. *In: ReVEL*, edição especial, v. 20, n. 19, 2022.

NEUMANN, Daiane. Da linguística geral à poética do discurso: a noção de sistema. *In: Revista Linguagem & Ensino (UFPeI)*, 26(2), 472-481, 2023.

Disponível em: <periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/25672>.

NEUMANN, Daiane. O ritmo no e pelo discurso. *In: Diálogo das letras*, v. 11, p. 1-15, 2022a. Disponível em: <periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4072>.

NEUMANN, Daiane. Dossiê Baudelaire: o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic. *In: Fragmentum*, v. 56, p. 147–162, 2022b.

Disponível em: <periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/48271>.

NEUMANN, Daiane. A significância e a tradução. *In: O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia*. Organizado por Giovane Fernandes Oliveira e Fábio Aresi. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

NEUMANN, Daiane. A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura. *In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 14, n.3, p. 435-443, 2018. Disponível em: seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8577/114114362.

NEUMANN, Daiane. A construção da significância na e pela voz. *In: Revista Desenredo*, 13(3), 2017. Disponível em: seer.upf.br/index.php/rd/article/view/7380.

NEUMANN, Daiane. **Em busca de uma poética da voz**. 175 f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/140254/000990750.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

NEUMANN, Daiane; ANJOS, Aroldo Garcia dos. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. *In: Leitura*, v. 1, n. 62, p. 315–332, 2018. Disponível em: www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4512.

NEUMANN, Daiane; CHACON, Lourenço. O ritmo como interpretante antropológico: uma análise de “Bangladesh 24042013”. *In: Humanidades & Inovação*, v. 9, p. 339-349, 2022. Disponível em: revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7152.

NEUMANN, Daiane; FLORES, Valdir (organizadores). Leituras de Émile Benveniste (número temático). **Revista Linguagem & Ensino**, 23(3). Pelotas: UFPel, 2020. Disponível em: periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/issue/view/966.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PROJEKT GUTENBERG. Kaspar Hauser Lied. Disponível em: www.projekt-gutenberg.org/trakl/sebastia/chap013.html. Acesso em: jan 2024.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral (1916)**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Tradução de Ana Lucia Franco e Carlos Augusto Leuba Salum. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Wissenschaft der Sprache: neue Texte aus dem Nachlaß**. Organizado e prefaciado por Ludwig Jäger. Tradução para o alemão: Elisabeth Birk e Mareike Buss. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique préparée par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft (1931)**. Tradução alemã de Herman Lommel. 2a edição. Berlin: de Gruyter, 1967.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **El día en que el Papa fue a Melo**. 1. ed. Montevideu, Uruguai: Ed. de la Banda Oriental, 1991.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **O dia em que o Papa foi a Melo**. Porto Alegre: ardotempo, 2013.

SIQUEIRA, Fernanda Lisbôa de. **Autotradução de Aldyr Garcia Schlee em *El Día en que el Para Fue a Melo – O Dia em que o Papa foi a Melo***. Dissertação de Mestrado. Orientação: Patricia Lessa Flores da Cunha. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: lume.ufrgs.br/handle/10183/25439.

STAROBINSKI, Jean. **As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure**. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TEIXEIRA, Marlene; FERREIRA, Sabrina. Leitura na escola: um barco à deriva? *In: Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 43, n.1, jan./mar. 2008, p. 63-68. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/2872.

TRABANT, Jürgen. **Humboldt ou le sens du langage**. Édition française élaborée par l'auteur et François Mortier avec la collaboration de Jean-Luc Evard. Liège: Mardaga, 1992.

TRABANT, Jürgen. **Artikulationen. Historische Anthropologie der Sprache**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1998.

TRABANT, Jürgen. Du génie aux gènes des langues. *In: Et le génie des langues ?* Organizado por Henri Meschonnic. Vincennes: Presses universitaires de Vincennes, 2000. Disponível em: books.openedition.org/puv/6766#anchor-fulltext.

TRABANT, Jürgen. Le Humboldt d'Henri Meschonnic. *In: DESSONS, G.; MARTIN, S.; MICHON, P. Henri Meschonnic, la pensée et le poème*. Paris: Press, 2005.

TRABANT, Jürgen. **Was ist Sprache?** München: Beck, 2008.

TRABANT, Jürgen. Über die Farbe der Wörter und Sprachen. *In: ESSLINGER, E.; VOLKENING, H.; ZUMBUSCH, C. Die Farben der Prosa*. Freiburg: Rombach Verlag, p. 29-43, 2016.

TRABANT, Jürgen. O Curso em busca de autor. *In: Leitura*, v. 1, nº 62. Maceió, p. 381-393, 2019. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. Disponível em: www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/5460.

TRABANT, Jürgen. Sobre a cor das palavras e das línguas. *In: Revista Linguagem & Ensino*. Pelotas: 2020a. Tradução de Aroldo Garcia dos Anjos. Disponível em: periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/17571/11724.

TRABANT, Jürgen. **Sprachdämmerung – eine Verteidigung**. München: C. H. Beck, 2020b.

TRABANT, Jürgen. Prefácio e comentários. *In: HUMBOLDT, Wilhelm von. Ensaios sobre língua e linguagem [1820-1831]*. Textos selecionados e comentados por Jürgen Trabant [1994]. Edição bilíngue alemão-português. Tradução: Hans Theo Harden e Orlene Lúcia de S. Carvalho. Uberlândia: EDUFU, 2021.

TRAKL, Georg. **De Profundis**. Organização, posfácio e tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2010.

TRAKL, Georg. Canção de Kaspar Hauser. Tradução de Modesto Carone. *In*: SUZUKI JR., Matinas; ASCHER, Nelson (Organizadores). **Folhetim**: poemas traduzidos. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987, p. 27.

TRAKL, Georg. Brief an Erhard Buschbeck in Wien, 1912. *In*: Dichtungen und Briefe. Edição crítica organizada por Walther Killy e Hans Szklensar. V. 1. Salzburg: Müller, 1969. Disponível em: www.literaturische.de/Trakl/briefe1.htm#30.